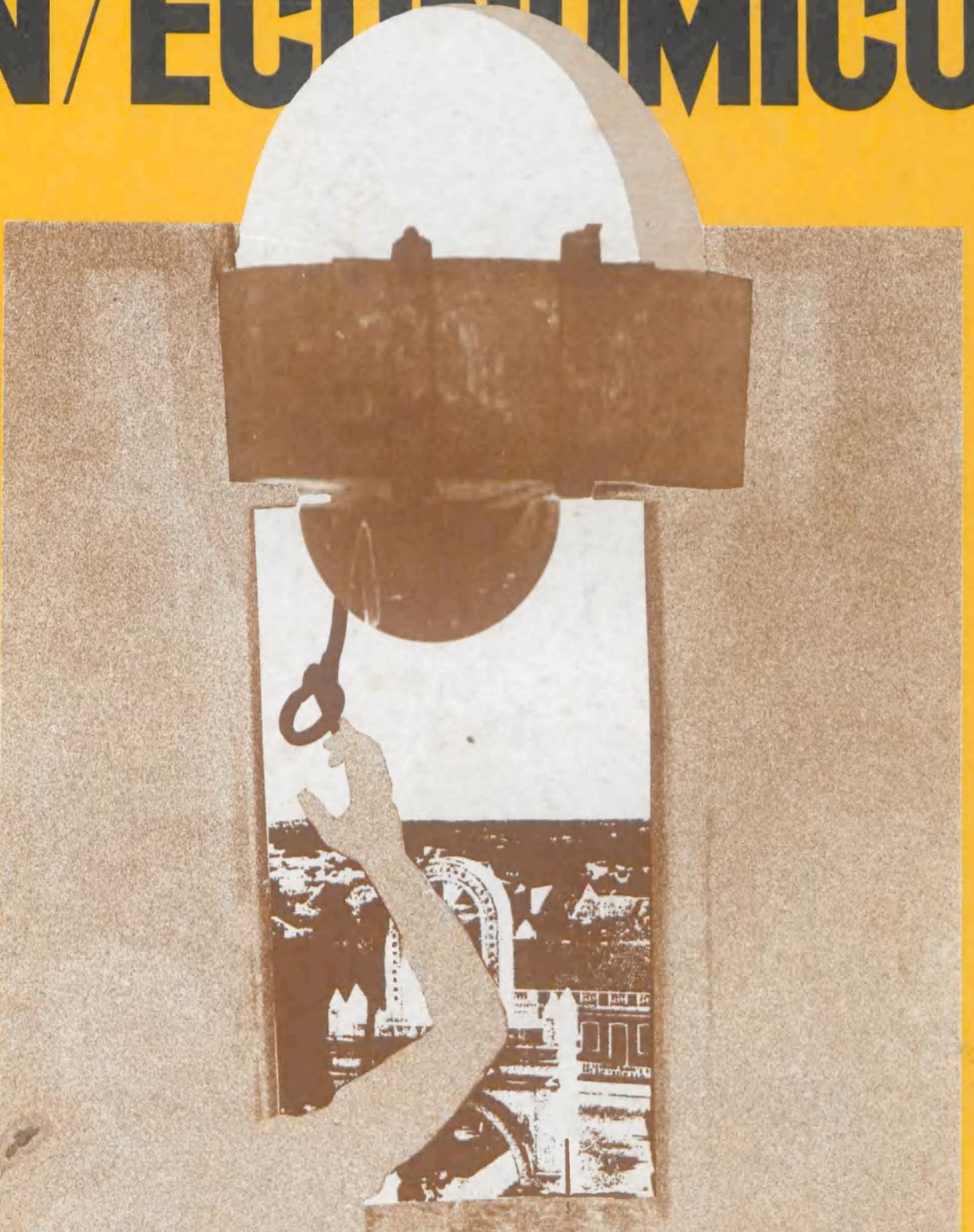


REVISTA MENSAL

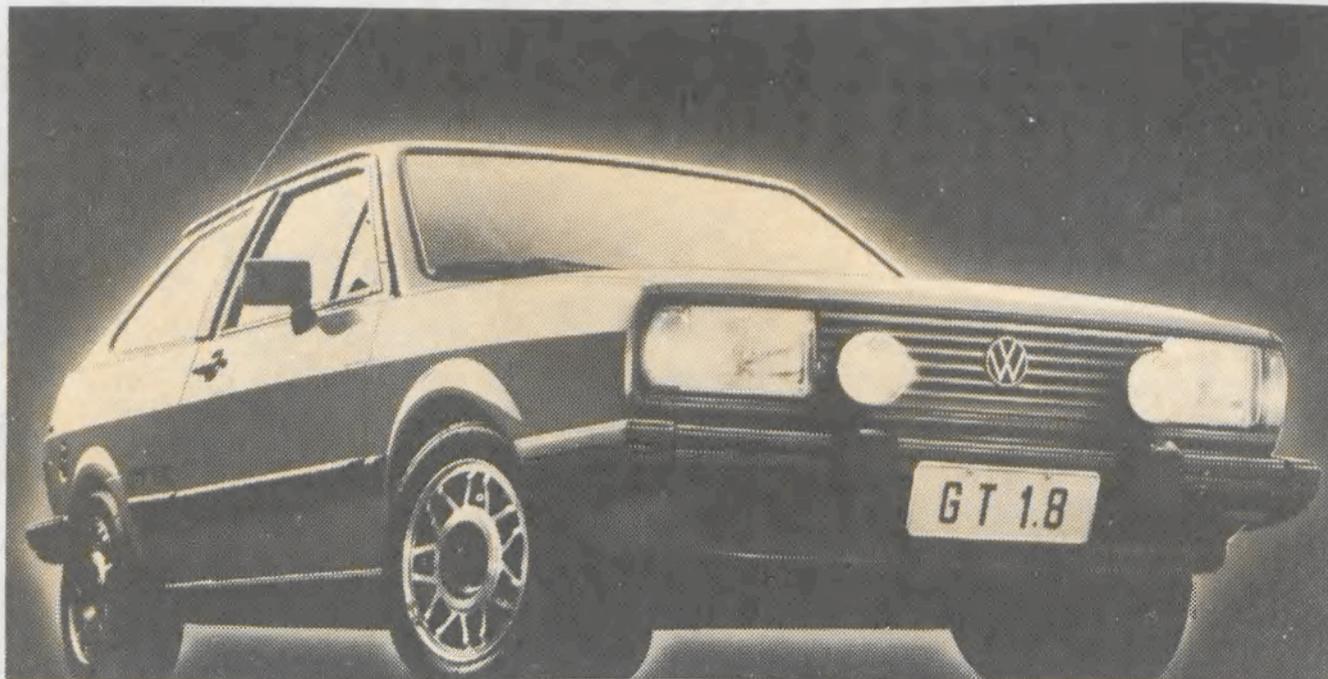
RN / ECONÔMICO

ANO XV — N.º 155 — JULHO/84 — CR\$ 1.500,00

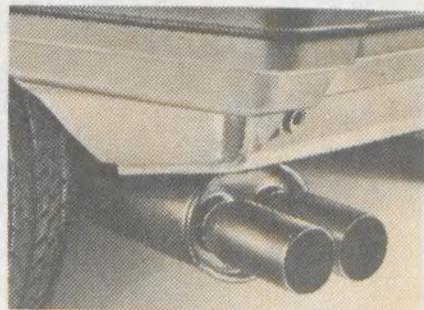


SERIDÓ:
nos sinos, o adeus e a festa

415



GOL GT 1.8 - O ÚNICO CARRO EM QUE VOCÊ PODE SENTIR O DESEMPENHO A ZERO km/h.



O Gol GT 1.8 tem detalhes que você precisa conhecer, ao vivo. A começar pelo motor 1.8 a álcool ou a gasolina, o mais potente entre os carros da sua categoria. Ele chega aos 80 km/h em apenas 6,6* segundos, o que significa maior segurança nas ultrapassagens e muito mais potência para enfrentar as mais duras subidas. E não é só dirigindo que você sente todo esse desempenho. Porque o Gol GT foi inteiramente projetado para ser um carro realmente exclusivo. Ele tem rodas de liga leve com design diferenciado, um conjunto estilístico agressivo e harmonioso formado pela grade dianteira na

mesma cor do veículo, spoiler e faróis de milha incorporados ao pára-choque. Internamente, bancos esportivos muito mais confortáveis, relógio digital e muitos outros itens exclusivos que você precisa ver de perto. Venha conhecer e experimentar o Gol GT 1.8. Você vai descobrir que ele é o único que continua esportivo, mesmo depois que você dá a partida.



ISSO DIZ TUDO.

Distribuidores Autorizados

DIST. SERIDÓ S.A.



MARPAS S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592

(*) Versão a álcool.

Alguns itens são opcionais. Consulte o seu Concessionário Volkswagen sobre as facilidades de financiamento, leasing ou arrendamento e consórcio

ESTADO

Dinarte: os últimos dias	8
A história de um grande líder	11
Uma herança cobiçada	12
Santana: devoção de todo o Estado	16
O Seridó pode virar deserto	19
Em Currais Novos, a grande vaquejada	21
Um pedaço de Caicó em Natal	22
O imortal Onofre Lopes	25
As vantagens da Via Costeira para o turismo	32
Dentro de casa, uma omissão com Natal	32
Falta apoio ao artista natalense	34
Editoração: um novo mercado	36
A crise também atinge gráficas	38
Filhos de boa família na rota do crime	42
O perfil de um marginal	43
Efetivo pequeno: um problema da Polícia	45
A nova opção dos sebos	49
A venda do tântalo pode ser mais rentável	50
Os tons da crise na construção civil	51
No ensino comercial, a luta contra o desemprego	51

ARTIGOS

Cortez Pereira	28
Raimundo Soares	41
Garibaldi Filho	48
Rosemilton Silva	62

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
Cartas e Opiniões	6
Cultura	46
Agenda do Empresário	61

HUMOR

Cláudio	58
---------------	----

FOTOGRAFIA

Emerson Amaral / Flávio Américo

CAPA

Flávio Américo / Emerson Amaral



Foto: Giovanni Sérgio

Seridó, tristeza e alegria

O Seridó perdeu um dos seus maiores filhos. Um dos mais lúcidos também, de uma lucidez que permaneceu junto a ele até os últimos momentos de sua vida. Como comprova a foto — a última do **Velho Capitão** — obtida em 22 de abril deste ano, no Hospital de Base em Brasília, quando discutia com o pesquisador Leonardo Barata os vários aspectos da comemoração do centenário de José Augusto. Os seridoenses se consideram órfãos sem Dinarte Mariz. Choraram sua morte e sentiram que a história, depois dele, toma outro rumo. Uniram, porém, a tristeza e a alegria numa festa a que o Senador, onde

quer que estivesse, não deixava de comparecer.

A Festa de Santana. Para os caicoenses, Dinarte permanece próximo, desta vez sem nunca mais precisar partir. E a Festa virou homenagem como só o seridoense sabe homenagear. A partir da página 8, um documentário completo sobre os últimos dias de Dinarte Mariz e uma retrospectiva histórica, numa última reverência ao grande líder potiguar. Em seguida, o registro da tradição e da pujança da Festa de Santana, que hoje é de todo o Estado. E do Seridó, uma região promissora, peculiar e ameaçada pela desertificação.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XV • N.º 155 • JULHO/84 • CR\$ 1.500,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Joslmey Costa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Eurlly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO:

Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emílio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do

Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 1.500,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 15.000,00.

Consulta ao arquivo/memória: Cr\$ 10.000,00.

BRADESCO INVESTE MAIS EM NATAL —

Segundo informações do gerente José Brasil, a direção geral do Bradesco concluiu a compra de quatro imóveis na Av. Rio Branco, próximo às Lojas Americanas, indo até a Rua Princesa Isabel. São ao todo 1.600 m² onde o Banco construirá sua nova sede, abrindo uma galeria entre as duas importantes vias de movimento no Centro da Cidade.



NO AR A RÁDIO OURO BRANCO —

Já está operando em AM a mais nova emissora de rádio do grupo Tarcísio Maia/Milton Marques, em Currais Novos — a Rádio Ouro Branco. Disputando com a Rádio Currais Novos, do grupo Tomaz Salustino, a nova emissora persegue os mais altos índices do IBOPE na região, através de uma programação variada e movimentada. À frente da Ouro Branco, como superintendente local está o jornalista Eliel Bezerra, comunicador experiente e muito conhecido no Estado.



SOLAR BELA VISTA EM SETEMBRO —

Está em fase de acabamento a restauração de um dos mais bonitos patrimônios de nossa arquitetura residencial do início deste século, a antiga casa de residência do comerciante Aureliano de Medeiros, na Av. Junqueira Ayres. Todos os trabalhos de restauração do Solar Bela Vista foram conduzidos pelo De-



Solar Bela Vista: vida nova

partamento Regional do SESI, em convênio com a Fundação José Augusto e Fundação Roberto Marinho. Como entidade detentora do imóvel, o SESI já está implantando no Solar um pólo cultural com o nome de Centro de Cultura do SESI, para atender seus associados e pessoas interessadas nos serviços que funcionarão no prédio, inclusive no campo do lazer. Sua inauguração está prevista para 6 de setembro e contará com a presença do Senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, convidado especial do eng.^o Fernando Bezerra, diretor da CNI e presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte.



T. BARRETO SERIA UM SHOPPING —

Comenta-se nos meios empresariais que o sr. Abílio Diniz, empresário carioca do grupo Pão de Açúcar, e que já tem em

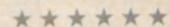
Natal o controle dos Supermercados Minipreço, estaria transando a compra do complexo T. Barreto Indústria de Confecções — em crise há algum tempo —, para implantar no local, cuja área tem localização privilegiada, o maior shopping center da cidade.



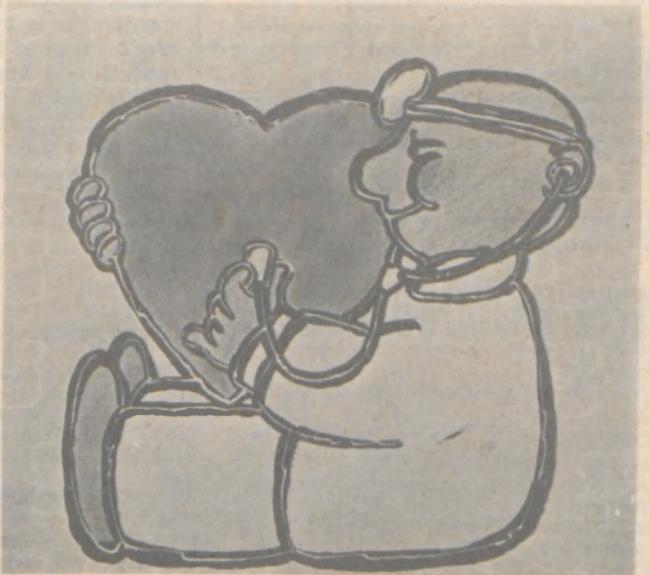
HOSPITAÚ ENTRA PRA VALER —

Em face à crise que assola a Previdência em todas as áreas de seus serviços,

as empresas privadas não perdem tempo. Há uma fatia de bom tamanho no campo dos seguros da saúde. É aí, exatamente, onde atuam grandes empresas especializadas, entre elas o Banco Itaú, através do seu sistema Hospitaú, o cheque que simplifica todo o processo burocrático de uma internação ou pagamento de despesas médico-hospitalares.



UM NOVO ENDEREÇO — Só a partir do dia



03 de agosto, será aberta ao público a nova filial da Comercial José Lucena, localizada na Avenida Presidente Bandeira, 882. Um novo serviço, uma nova opção no comércio de ferro e aço.

★ ★ ★ ★ ★

AS METAS DE VIDALVO — O eng.º Vidalvo Costa, Prefeito de Caicó, além das preocupações com a organização dos serviços administrativos da Prefeitura, está trabalhando seriamente para criar novas áreas de oportunidades para o grande contingente de mão-de-obra artesanal disponível no município. Já estão funcionando alguns núcleos de confecções de roupas, outros de rendas finas de labirinto e doces de frutas típicas da região.

★ ★ ★ ★ ★

NOSSA DEMOCRACIA CORINTIANA — O empresário João Bosco Medeiros, presidente do Atlético Clube Corinthians, de Caicó, está fazendo com o apoio de seus companheiros diretores e associados um trabalho muito interessante de ampliação das áreas rentáveis do clube. Além dos serviços que oferece aos seus sócios, salões para reuniões sociais, piscinas, quadras esportivas, João Bosco construiu e implantou o melhor conjunto restaurante e buate da cidade — O Samurai. Tem cozinha típica e a la carte, cardápio de primeira qualidade.

★ ★ ★ ★ ★

DICAL, O TÊNIS DE CAICÓ — É verdade,



José Geraldo: cultura

existe um calçado tênis que é fabricado em Caicó. O que é lamentável é que pouca gente sabe disso no Estado, e até mesmo em Caicó. DICAL é o nome da empresa em questão, vivendo hoje num tremendo sufoco porque falta apoio, organização, assistência empresarial. Só para dar uma idéia, o sr. Severino Adelino, dono do negócio, nos informou que há dois anos passados chegou a produzir 17 mil pares por semana e que es-

ta produção caiu para 600 pares semanais, agora. Este é bem um retrato da crise e da falta de assistência empresarial.

★ ★ ★ ★ ★

VENÂNCIO EXPORTA ESPODUMENO — A cada dia novos minérios aparecem no rico subso seridoense. Agora, em contato com interessados de empresas industriais do País, Amadeu Venâncio Dantas está



Amadeu Venâncio e seu filho

exportando, em caráter experimental, duas toneladas de **Espodumeno**, minério que tem larga aplicação na produção de lajotões de pisos altamente resistentes.

★ ★ ★ ★ ★

O NORDESTÃO E A NOSSA GENTE — Sem perder o ritmo de sua campanha promocional da marca Nordestão, José Geraldo e Manoel Medeiros, líderes da empresa, estão realmente muito atentos à concorrência, que a cada dia é mais criativa e inteligente. Para garantir sua boa posição de supermercado moderno e ocupar plenamente os espaços do negócio, o Nordestão está patrocinando a campanha **Nossa terra, nossa gente**. É, sem dúvida, uma forma versátil de promover a integração da empresa com a nossa cultura e através dessa fórmula chegar ao ufanismo dos norte-riograndenses. Dentre outras criações boladas na campanha, merece um registro a inscrição de versos e poesias de Miriam Coeli, Palmyra Wanderley, Auta de Souza, nas embalagens e sacos de compras de suas lojas.

★ ★ ★ ★ ★

CURRAIS NOVOS DÁ EXEMPLO — O Prefeito José Dantas não esconde seu entusiasmo quando fala da situação em que se encontra a Prefeitura que ele administra. Todos os serviços funcionam satisfatoriamente e as finanças municipais estão sob controle e equilíbrio.

Exclusão imerecida

Causou-me espanto a exclusão da MAGUS PRODUÇÕES E PROPAGANDA da matéria «Publicidade — Crise e pequenos corretores descem nível das campanhas» publicada em **RN/ECONÔMICO** de junho/84.

Com apenas dois anos de fundada a MAGUS cresceu e se posicionou como mais uma alternativa para o anunciante natalense. Vendo o leque de clientes que a MAGUS detém atualmente fica difícil entender a não inclusão da agência na matéria. São clientes da MAGUS: Vidraceiro do Norte (contas de Natal e Fortaleza), Café Vencedor, Arnon Imóveis, Atraente da Praça, Queiroz Oliveira, Ferro Cardoso (e seu curso de línguas — o ILEN), Associação das Indústrias de Laticínios do Nordeste (cliente que anuncia em TV em todo o Nordeste), Relojoaria e Ótica Pérola, Center Eldorado, Galeria Olímpio, Sapataria São Francisco, Cisaf, entre outros.

Será que, com todas essas contas, a MAGUS não merecia ser citada na reportagem? Acredito até que, das três agências citadas, duas pelo menos não têm condições de apresentar relação semelhante de clientes. E uma das três, Tony's Produções Cinematográficas, é, ao que me consta, **produtora e não agência**.

Com esses esclarecimentos, é bom que isso fique bem claro, não estou querendo desmerecer o fato da citação, na matéria, das três empresas. Muito pelo contrário. Se foram citadas é porque realmente mereceram. Tais esclarecimentos são dados para deixar bem clara a posição de destaque que a MAGUS, com apenas dois anos de fundada, apresenta no ramo publicitário de Natal. Atenciosamente, **PÚBLIO JOSÉ DE SOUZA — NATAL-RN**.

★ ★ ★

Maluf e a encruzilhada da dívida externa

Mais do que os governantes, é o próprio sofrido povo brasileiro que já compreendeu que não haverá resposta satisfatória sem que haja mudanças internas indispensáveis. Daí seu entusiasmo amplamente manifestado pelas Diretas Já, com a conseqüente convocação de uma Constituinte capaz de ditar os novos rumos nacionais e reconduzir a Nação aos anseios de liberdade e autodeterminação.

Isso, que é de fácil compreensão, está sendo obstaculado, no entanto, pela influência poderosa que o quadro externo exerce sobre a nossa sociedade. Não faltam maus brasileiros que se apressam a repetir velhos clichês coincidentes com o grosseiro recado da Dama de Ferro do Reino Unido. Um desses clichês é que cumpre atrair capitais de risco que promovam o nosso desenvolvimento econômico, num retrocesso pernicioso a tempos não muito distantes em que todos os segmentos básicos de nossa atividade econômica

eram dominados pelo capital estrangeiro, cujos lucros excessivos eram sistematicamente canalizados para os respectivos países de origem.

É lição de nossa história contemporânea que principalmente a partir dos anos 50 a forma mais consentânea de reagir à exploração do trabalho do povo brasileiro foi a adoção da filosofia de um comando ideológico estatal na condução do desenvolvimento, já pela criação de empresas de capital misto, que substituíssem ou se sobrepuzassem à atuação das empresas multinacionais em operação no Brasil, já pelos incentivos fiscais em favor de regiões carentes, com apoio de entidades estatais de planejamento, tipo Sudene e Sudam, já ainda pela política de reserva de mercado para o incremento de indústrias substitutivas de importações.

Mas, quando o Brasil parecia ter encontrado o caminho próprio de execução de suas metas desenvolvimentistas, questionando amplamente seus problemas com a incipiente, mas já efetiva participação popular, articulou-se o grande complexo IPES/IBAD, comandado desde Washington, inclusive com a atuação ostensiva do embaixador norte-americano Lincoln Gordon, coordenador das atividades da CIA neste país, com o objetivo específico de desestabilizar a nossa política interna, provocar a intervenção militar e eliminar qualquer participação popular nas grandes decisões nacionais.

O capital internacional articulou-se com o capital privado nacional, em grande parte associado ou dependente, para criação de uma elite orgânica capaz de empolgar o poder. O resto é de conhecimento geral, culminando com o golpe de Estado, cujas conseqüências se agudizam agora neste montante de uma dívida externa de mais de 100 bilhões de dólares.

No momento, porém, em que o povo reclama as mudanças indispensáveis a que o Brasil possa dar uma resposta condizente com os interesses nacionais, eis que novamente se esboça aquela mesma daninha articulação, com a participação de muitos dos velhos conspiradores que se entrincheiravam no complexo econômico-militar IPES/IBAD e responsáveis pela criação da famigerada elite orgânica que empolgou o poder em 1964.

Não é por mero acaso que o presidenciável Paulo Maluf tem o ostensivo apoio do General Golbery, do Coronel Aquino, do Senador Roberto Campos e de uma grande pleiade de velhos ipesianos, com o pernicioso objetivo de sempre: afastar o povo da discussão dos problemas nacionais e participação nas decisões, visando a manter atrelada a Nação aos inconfessáveis interesses do capital estrangeiro.

É óbvio que com Maluf não se pode pensar em recuperar o direito à liberdade e à autodeterminação, pois nos distanciaremos de novo das mudanças indispensáveis que o povo almeja, amplamente manifestadas na monumental e recente campanha pelas Diretas Já. **GENIVAL RABELO - RIO DE JANEIRO-RJ**

VENHA CONHECER O MONZA CONVERTÍVEL

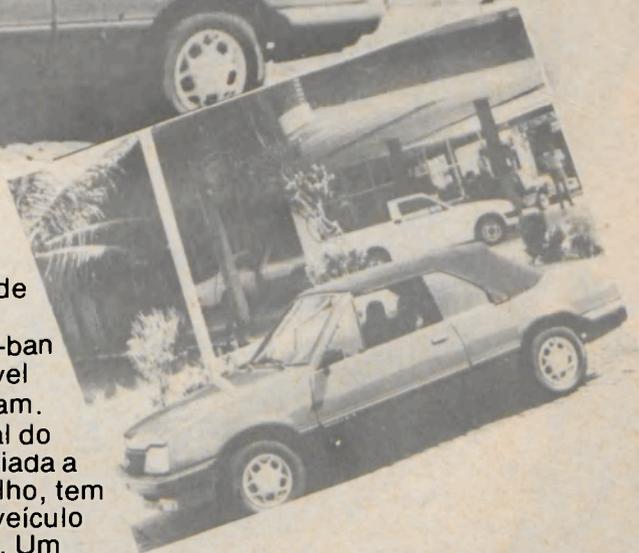


Paris, Roma, Monte Carlo, o Opel Ascona Cabriolet é visto em toda Europa, como um dos mais elegantes carros conversíveis, já produzidos. O europeu, que descobriu cedo os encantos e as delícias de dirigir um carro aberto, aprecia a perfeição do acabamento, o refinamento interior e sobretudo, a beleza de suas linhas.

Agora, nós também poderemos desfrutar, desta feliz criação, pois a SULAM, com a maior experiência no assunto, tendo atingido 1.000 veículos transformados em conversíveis, reproduz fielmente o Ascona Cabrio, a partir do Monza três volumes, duas portas.

Desde o sistema estrutural do chassi, até a capota, o processo de transformação, segue rigorosamente o projeto do Opel.

A produção é limitada e poderá receber como opcionais, as rodas de alumínio, pneus especiais, vidros ray-ban além da inconfundível pintura especial Sulam. A tecnologia mundial do Chevrolet Monza, aliada a este excelente trabalho, tem como resultado um veículo maravilhoso, lindo... Um verdadeiro «Dream Car». Monza Cabriolet Sulam. A nova relação entre o homem, a máquina e a natureza.

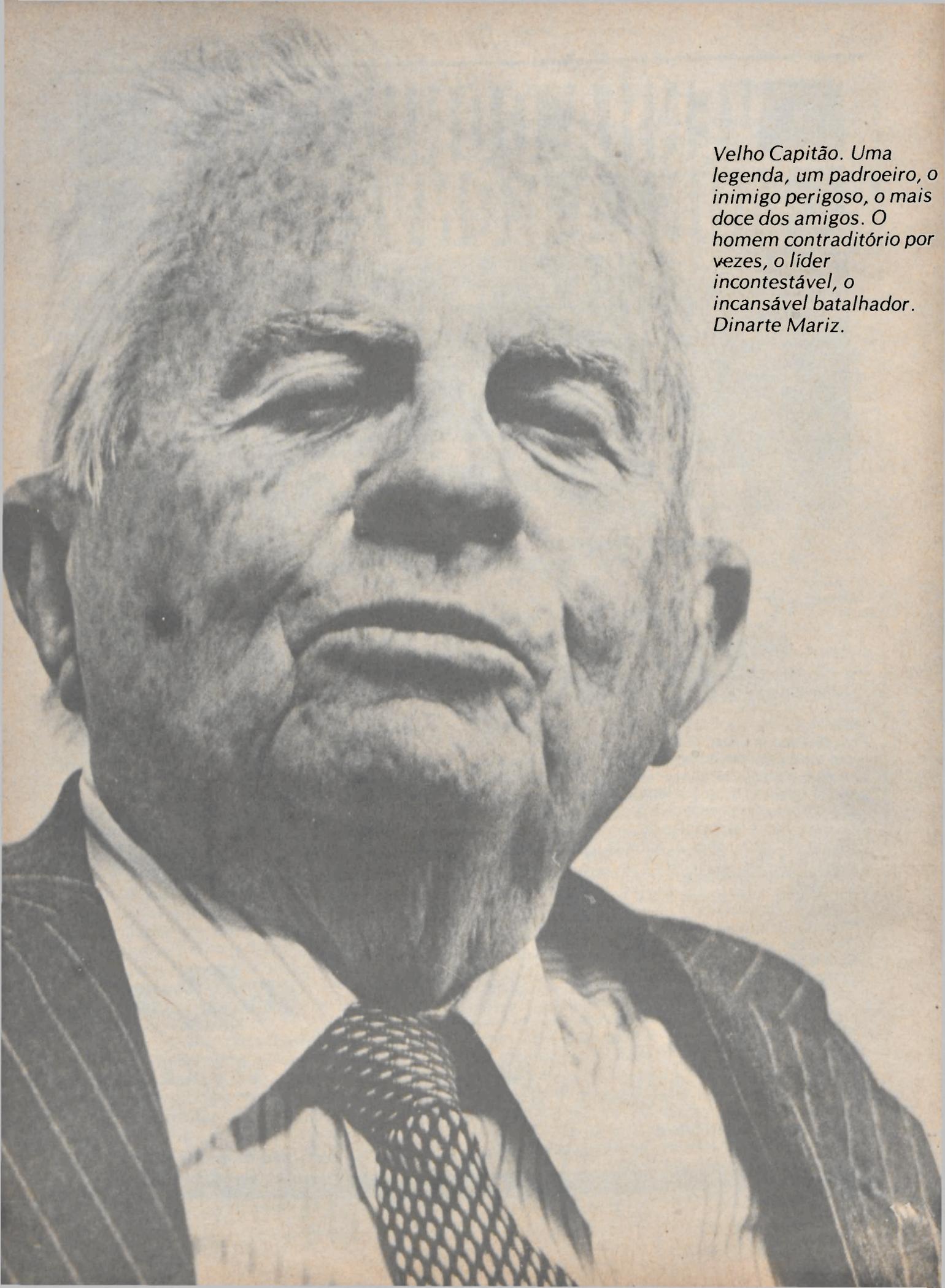


Chevrolet

NATAL
VEÍCULOS

**NATAL VEÍCULOS
E PEÇAS S.A.**

BR-101 — KM 04 — FONE: (084) 231-1226 — NEÓPOLIS — NATAL-RN



*Velho Capitão. Uma
legenda, um padroeiro, o
inimigo perigoso, o mais
doce dos amigos. O
homem contraditório por
vezes, o líder
incontestável, o
incansável batalhador.
Dinarte Mariz.*



No enterro, amigos e admiradores

DINARTE I

Os últimos dias do líder que deixou órfão o Seridó

O dia 9 de julho foi um dia diferente para o Rio Grande do Norte. Quando a tarde já ia avançando, as emissoras de rádio começaram a transmitir uma triste notícia. O velho Dinarte Mariz estava morto. As redações de jornais silenciaram por alguns instantes e as conversas pelos recantos da cidade diminuíram de ritmo. Às 17 horas, o Governador José Agripino deu uma entrevista coletiva para a imprensa e, um tanto emocionado, reclamou «a perda de Dinarte». Era o começo de uma série de declarações de pesar, que culminaria com uma torrente de gafes e atitudes descontraídas por parte dos homens públicos do Estado.

Neste mesmo dia, o Governador,

vel sucessor da liderança de Dinarte, respondeu com cautela: “Liderança não se transfere, se conquista”. Uma prova de que no momento era a cabeça mais lúcida do RN. Na manhã seguinte, o corpo do Velho Capitão chegou de Brasília e seguiu em cortejo para o Palácio Potengi. O povo se amontoava nas ruas para vê-lo pela última vez. Dinarte foi velado por uma multidão que atravessou a noite em vigília; ele tinha muitos amigos. Dia 11 de julho, seu corpo chegou a Caicó e foi recebido por uma multidão emocionada. O povo só queria chorar em paz pelo seu líder. Mas não chorou em paz.

IDENTIDADE DE UM NOME — O primeiro motivo de inquietação

partiu de um amigo e correligionário de Dinarte que, em pronunciamento à Rádio Rural de Caicó, sugeriu que o nome da cidade passasse a ser Dinarte Mariz. O Deputado Vivaldo Costa, em sua dor, esqueceu que estava lançando toda uma região em desespero. Não bastasse a morte do querido conterrâneo, ainda ameaçavam destruir sua identidade. O nome de uma cidade com o peso da tradição de Caicó é a identidade de um povo, e o parlamentar, não satisfeito, ainda ameaçou apresentar sua proposta à Assembleia Estadual em forma de projeto. Se estava tentando prestar homenagem ao amigo falecido, parece que o Deputado escolheu uma péssima fórmula.

O próprio Dinarte, se estivesse vi-

vo, não aprovaria **tamanha desfaçatez** com sua «querida Caicó», como gostava de se referir à cidade. O **Velho** era um tipo de pessoa que gostava de dizer o nome de sua cidade, de sua região, de sua fazenda. As gafes, porém, não pararam por aí. No dia mesmo do sepultamento, ao ser entrevistado pela TV, o Governador José Agripino, esquecido de sua prudência de político, respondeu à pergunta se aceitaria a liderança deixada por Dinarte Mariz com um lacônico «aceito». Políticos mais experimentados torceram o nariz para a resposta do jovem Governador. Sinal dos tempos.

A partir daí, o caos se espalhou pela comitiva governamental, e as gafes se sucederam numa profusão que encantavam os catadores de mexericos políticos. Os auxiliares e políticos que acompanhavam o Governador preferiram seguir o cortejo até o cemitério, bem instalados em seus carros, num claro contraste com o povo que seguia a pé. Cortez Pereira e Agenor Maria preferiram ir a pé, sintonizados que estavam com o sentimento dominante no momento.

HOMENAGEM UNÂNIME — Co-



Dinarte: lúcido até o fim

mo não só de gafes vive a nossa política, outras pessoas emitiram suas opiniões e deram sua palavra de despedida ao velho político que partia. O jornalista Vicente Serejo construiu uma brilhante frase de homenagem: “Dinarte é uma legenda porque carregou nos ombros uma verdadeira legião”. Serejo estava apenas referendando o que José Augusto vaticinara muito tempo antes: Os dois maiores políticos do Estado serão estes dois

jovens (Dinarte e Aluízio). Nesta época, Dinarte era apenas um inquieto comerciante preocupado com as revoltas de seu tempo.

O Deputado João Faustino, embora menos original, afirmou: “Uma lacuna impreenchível”. Zezito Martins desferiu a frase que mais se aproximou de uma definição do político falecido: “Dinarte caiu como um jequitibá, lutando até o fim”.

E assim, um a um, amigos próximos ou admiradores distantes foram desfiando suas palavras de adeus. Poucos, no entanto, com a carga de emoção do amigo e colaborador de Dinarte, Joanilo de Paula Rego: “Morreu em completa lucidez. Ele mesmo abrindo as portas da eternidade para ver o mistério que estava lá escondido”. E lamenta a morte do velho líder repetindo uma frase que Dinarte gostava de lembrar: “Ver longe é onde os outros não vêem”. Assim é que Joanilo quer recordá-lo. Inteligente, com a sabedoria do sertanejo, elegante em seu porte altivo caminhando pelos corredores do Congresso Nacional. “O padroeiro do Rio Grande do Norte”, completa Joanilo. E se despede do amigo com olhar triste.

É no Corinthians que a sociedade se encontra

Em Caicó, a sociedade tem um ponto certo de encontro. E no **CORÍNTIANS**. O Atlético Clube Corinthians, de Caicó, é o maior patrimônio social da cidade e por isso mesmo está sempre na frente com as maiores promoções do Seridó. Sua diretoria não para. Faz um trabalho permanente de desenvolvimento patrimonial e social do Clube. Na Festa de Santana o Corinthians promove os grandes bailes da temporada. O melhor programa, a boa companhia está a sua espera no Corinthians.



**ATLÉTICO
CLUBE
CORÍNTIANS**

Praça Luiz Conrado, s/n — Tel.: 421-2298 — Barra Nova — Caicó

ATÉ O FIM, UM BATALHADOR
— É ele quem nos fala dos últimos dias de Dinarte. Em abril de 1984, Dinarte telefonou para Joanilo pedindo para que ele fosse até Brasília. Sua saúde já ia mal. Era a época da votação da Emenda Dante de Oliveira, e o Senador, além de ser visceralmente contra a sua aprovação, ainda previa um futuro negro para a Emenda. Acertou; a Emenda não foi aprovada, e a Nação mergulhou num verdadeiro caos político. Seu estado físico era o pior possível, sentia dores muito fortes, mas a lucidez continuava perfeita.

Por esta época, sonhava ardentemente participar do centenário de José Augusto, que se realizará no dia 22

de setembro. Pediu que Joanilo o auxiliasse a redigir o discurso que pretendia fazer nesta ocasião, e falou: “E eu terei forças para ir ao Senado neste dia, ou estarei morto?”. Não pôde proferir o discurso, mas a gráfica do Senado o imprimiu em livro que será distribuído em agosto. Começou também a editar as suas memórias, que ficaram inacabadas.

O líder partiu e deixou uma região inteira orfã, necessitada de alguém que prossiga o seu trabalho. Apesar das inúmeras declarações de todos os que, pretenciosamente, almejam o lugar que ficou vazio. Dinarte Mariz está morto. O Seridó por muito tempo, estará de luto. □

CARLOS DE SOUZA

DINARTE II

De Serra Negra à Brasília, as batalhas de um capitão

O jovem comerciante, nascido em Serra Negra, estava ainda longe de saber que viria a ser uma das maiores lendas políticas do Estado. Àquela altura, seu objetivo era comprar peles e algodão para revender em outras cidades e outros Estados, principalmente na Paraíba. Prosperou de tal modo em seus negócios que, em pouco tempo, sua fortuna se transformou numa das maiores do Estado, só perdendo para a de João Câmara. Mesmo assim, não dava muita importância a cargos públicos, ainda que sua grande paixão desde cedo fosse a política. Até porque, em sua família, eram marcantes as presenças de Ju-

venal Lamartine e José Augusto. E, por ser um homem atarefado demais, não teve muito tempo para os estudos, tendo portanto estudado até o primário.

Dinarte Mariz estava predestinado a ser um homem que marcaria o século em seu Estado. Sertanejo rico, não se negou a pagar, de seu próprio bolso, as lutas de seu tempo.

CONTRA O GOVERNO — Em princípio, auxiliou os rebeldes que lutaram contra o Governo de Washington Luís na Revolução de 30. Lutou ao lado do Capitão Abelardo Castro, e foi nomeado Prefeito de

Caiçó em 1933, por sinal o primeiro Prefeito da Revolução vitoriosa. Para avisar a políticos amigos no Rio de Janeiro, enviou um telegrama em que dizia: “Assumi Prefeitura Caiçó”. Assim, todos ficaram sabendo que, também aqui, os revolucionários haviam vencido.

Quando Getúlio assumiu, passou a relegar a segundo plano os princípios da Revolução, e foi aí que Dinarte passou a conspirar contra o Governo, apoiando a Revolução Constitucionalista, que pedia eleição direta imediatamente. Dinarte rompeu com a Revolução e foi para a Paraíba, depois viajando disfarçado ao Rio de Janeiro para não ser percebido. Contudo, foi preso em Recife, e solto logo em seguida pelo Delegado da cidade, Francisco Veras, um filho do Rio Grande do Norte.

A 12 de fevereiro de 1933, vem ao RN e cria o Partido Popular e, no ano seguinte, sai pelo Estado procurando apoio entre os políticos e recrutando correligionários. Seu partido contava com nomes ilustres: José Augusto, Monsenhor João da Mata Paiva, Joaquim Inácio de Carvalho Filho, que seria eleito senador; Alberto Roseli, que seria eleito Deputado Federal; e Francisco Veras, também eleito Deputado Federal.

Nesta eleição, apesar de inúmeros pedidos de amigos e colaboradores, Dinarte recusou-se a disputar um cargo público. Mas continuou sendo o principal patrocinador do partido. Evidenciava-se, então, a profunda intimidade que este homem desfrutava com a política. Para ele sua segunda diva, pois a primeira, evidentemente, era sua esposa, uma paraibana de Campina Grande, Diva Borborema



Dinarte: duro



... emotivo



... autêntico

dos Wanderley, que então estava aos 14 anos de idade.

PIOR ADVERSÁRIO, MELHOR AMIGO — Seu ídolo e modelo na juventude fora José Augusto, e assim, tentando seguir a trilha do velho mestre, bem ao seu modo construiu a mais sólida reputação que um político pode almejar neste Estado. Seu temperamento firme de sertanejo passou a ser a tônica de sua postura política, fazendo-se com sua posição eminentemente conservadora, o pior adversário político e, segundo os amigos, a mais doce figura humana.

Em meio a contradições explicáveis apenas no mundo da política, Dinarte Mariz, com sua fortuna e sua personalidade forte, conquistou aos poucos os mais diferentes sentimentos de um povo. Desde o fanatismo exacerbado de seus seguidores até o ódio mais profundo de seus adversários. Adversários, pois segundo ele

próprio, não tinha inimigos, e se tinha não eram de seu conhecimento.

ANTICOMUNISMO COMO BANDEIRA — Logo após a Revolução de 30, veio a campanha para o Governo do Estado, a mais sangrenta da história potiguar. Nesta campanha, veio a falecer o engenheiro Otávio Lamartine, filho do ex-Governador Juvenal Lamartine. Barbaramente trucidado na Fazenda Ingá, no Município de Acari. O Partido Popular combatia o Interventor Mário Câmara, e a luta pelo poder era renhida. Mais uma vez, a presença de Dinarte Mariz foi marcante. Aqui em Natal, foram fundados um após outro os jornais «A Tarde» e «A Razão», sendo que o primeiro teve vida curta. O partido saiu vitorioso da eleição, e Rafael Fernandes foi eleito Governador do Estado, apesar das enormes pressões por parte do poder público. O Rio Grande do Norte foi o único Estado a eleger um



Moacir Duarte: sem fôlego

Dinarte: um espólio com muitos pretendentes

Com a morte de Dinarte Mariz, políticos e analistas do assunto começam a chacoalhar os neurônios com discussões sobre a quem caberá o seu espólio político. Uma questão que levará muito tempo para ser elucidada e que, ao ser colocada, parece já eliminar dois nomes: Wanderley Mariz e Moacir Duarte. O aparente paradoxo tem sua razão de ser no fato de que, se os dois possuísem carisma e habilidade para prosseguir a obra política de Dinarte Mariz, a questão sequer seria debatida.

Para os entendidos, conforme era possível ler nas entrelinhas dos comentários tecidos pelos analistas de plantão, tanto nos jornais quanto nas conversas sussurrantes entabuladas ainda durante o velório do Senador, Wanderley Mariz conseguiu manter-se na Câmara dos Deputados apenas porque dispunha do cérebro do pai para garantir a sua estabilidade política. Um tipo de análise empregada também para explicar o

fanatismo esculpido em torno do Deputado Federal Henrique Eduardo Alves. Mas isso é outra história.

O que se sabe — e se preconiza — é que, sem as largas asas do pai, dificilmente o Deputado «Tití» Mariz conseguirá manter o mesmo curso de voo. E já há até quem arrisque dizer que, após as eleições parlamentares de 1986, o Deputado terá que arrumar um outro modo de ganhar a vida...

CONFLITOS — Quanto ao agora Senador Moacir Duarte, os sintomas detectados sugerem no portador do mesmo mal que ataca Wanderley Mariz: falta-lhe «fôlego político» e apoio para carregar o espólio de Dinarte Mariz. Ao que parece, as relações entre genro e sogro nem sempre caminharam com a sintonia que os laços familiares sugerem. Para muitos, a promessa de Moacir Duarte de honrar o compromisso assumido por Dinarte Mariz com o presidente Paulo Maluf será transferi-

da para a «conta» política de Mário Andreazza, por quem o novo membro do Congresso Nacional externara antes as suas simpatias.

E aí parecem não valer as reiteradas declarações de Moacir Duarte em contrário. Mais um lance do complicado xadrez em que se jogam as partidas políticas no Rio Grande do Norte, que o futuro esclarecerá. A agravá-lo, há a suposta «pendenga» na qual Moacir Duarte sentiu-se menosprezado por Dinarte Mariz, que, temeroso de ver Andreazza abiscoitando o apoio do genro, recusou-se a licenciar-se do Senado durante boa parte do período em que esteve afastado para tratamento de saúde.

GAFES — Aparentemente eliminados do jogo os dois herdeiros naturais, é tempo de cotejar as demais hipóteses, que passam, basicamente, pelo nome do Governador



Em 1930, com um grupo de simpatizantes da Aliança Liberal, em Calçó

candidato da oposição, e o grande feito estava creditado ao hábil político do Seridó que, apesar do amor pela política, ainda desprezava os cargos públicos.

Em 1935, eclodiu a Intentona Comunista em Natal, e mais uma vez Dinarte Mariz se viu envolvido na luta. E agora, defendendo a causa que o acompanharia por toda a vida: o anticomunismo militante que beirava o fanatismo. Pegou em armas e marchou até Natal para destituir os equivocados revolucionários da Intentona. Um equívoco que custou vidas. Depois veio o Estado Novo. E aí as coisas mudaram bastante para todos. E o velho caudilho, que se encontrava no Rio de Janeiro para cuidar da candidatura de José Américo, retornou ao Estado e veio cuidar de seus negócios, que a esta altura já estavam muito abandonados.

RAROS TROPEÇOS — Eclode a

Segunda Grande Guerra e, após anos duros de sangue, fome e ditadura, os povos de todas as nações despertam de um sono interrompido pela visão apavorante de corpos estilhaçados pelos campos de batalha de todo o mundo. Fim de uma era. O mundo passa a sonhar com democracia. E surge, no Brasil, um movimento contra o ditador Getúlio Vargas, que só viria a terminar com o suicídio do caudilho gaúcho. No bojo desse movimento, estava o incansável Dinarte.

Em seguida, nascem o PSD e a UDN, do extinto Partido Popular. Dinarte Mariz se engaja à UDN ao lado de José Augusto. Neste primeiro embate, a UDN sai perdedora, tanto no plano federal como no estadual. Um dos raros tropeços na vida política de Dinarte, pois não fora muito feliz na escolha do candidato ao Governo do Estado. O Desembargador Floriano Cavalcanti, apesar de sua eminente cultura e destacada posição social,

dor do Estado, senhor José Agripino Maia, terceiro de uma linhagem iniciada pelo ex-Governador Tarcísio Maia. Hoje, O PDS do Rio Grande do Norte tornou-se propriedade particular do clã Maia, o que pode valer a Agripino a concretização da intenção manifestada quando o corpo de Dinarte Mariz ainda estava quente.

Baseado, segundo disse, em declarações remotas de Dinarte Mariz, que o ungira como legítimo herdeiro político, Agripino não titubeou e afirmou que estava disposto a assumir tal encargo. Para muitos, o Governador do Estado foi deselegante com a família do morto, principalmente com o Deputado Federal Wanderley Mariz. Não se conhece, porém, nenhuma declaração de José retocando o ímpeto com que expressou a sua disposição de preencher a clareira instalada com o desaparecimento de Dinarte Mariz.

Além do caráter deselegante, a declaração de Agripino permite entrever também quão dura será para o PDS a temporada política de 1986 no RN. Se o Governador do Estado assumir integralmente o suposto desejo de Dinarte — e começar a «engolir» espaços políticos que Wanderley Mariz e Moacir Duarte julgam propriedade deles — é legítimo supor que a cúpula do PDS encontrará dificuldades

durante o período de escolha do candidato à sucessão governamental e ao Senado. Principalmente se forem mantidas as atuais regras do jogo eleitoral, que não permite a sublegenda para o Governo do Estado.

JOGO DE CINTURA — A coisa tem um agravante a mais (aliás, dois): Carlos Alberto de Souza e João Faustino também são citados como eventuais candidatos à sala de Agripino no Palácio Potengi. O Senador, inclusive, já tornou pública a sua pretensão, em entrevista concedida no saguão do Aeroporto Augusto Severo no dia em que chegava ao Estado o corpo de Dinarte Mariz. Ali, Carlos Alberto declarou que era candidato “contra tudo e contra todos”, o que deve ser traduzido como “contra o desejo de Tarcísio Maia e da cúpula pedessista”. Ao que se conhece da figura, sabe-se que, em defesa dos seus interesses, Carlos Alberto costuma prosseguir sem reparar no que está entre ele e o alvo que deseja atingir. Foi assim, por exemplo, em 1982, quando, por sua insistência, levou o vice-Governador Radir Pereira a desistir de tentar uma vaga no Senado.

Já o Deputado Federal João Faustino faz da mineirice o seu estilo. Sempre discreto e cauteloso na formulação das suas pretensões eleitorais, nem por isso Faustino

deixa de ser citado como um dos nomes mais fortes dos quadros pedessistas para disputar um pleito direto. Esse estilo sutil cresceu em ressonância junto à opinião pública a partir do seu apoio integral às propostas de eleição direta à Presidência da República já para o lugar do Presidente João Figueiredo. Cauteloso, João Faustino jamais foi flagrado comentando declarações radicais que pudessem comprometer a unidade do seu partido, o que não parece ser a tática de Carlos Alberto.

Para contornar tantas dificuldades, talvez seja preciso mais que uma «raposa» como Tarcísio Maia. Talvez, então, seja hora de buscar entre as cinzas da obra política de Dinarte Mariz, alguma indicação de como solucionar tantos conflitos. Porque, apesar do ocaso a que estava relegado nos últimos anos, Dinarte Mariz sempre foi um exemplo, ao menos para seus correligionários, de matreirice e jogo de cintura no trato de questões delicadas. Em política, parece que todas o são. E é a ausência de tais atributos que pode custar a Wanderley Mariz e a Moacir Duarte a perda dos seus cargos. E à obra de Dinarte Mariz, um lugar de destaque apenas na História do Rio Grande do Norte. Sem seguidores. Ao menos com o seu sobrenome.

OLGA DE MATTOS

não demonstrou ser bom para a política.

Em 1950, novas eleições. E Getúlio, apesar do movimento a seu desfavor, é eleito novamente para só entregar a Presidência após sua morte. Dessa vez o partido vencedor foi o PTB, tendo como vice-Presidente Café Filho, político do Rio Grande do Norte. A UDN, no Estado, disputou a eleição com Manuel Varela, e foi mais uma vez derrotada.

UM VELHO HOMEM PÚBLICO

— De 1955 a 1960, foi a vez de Kubitscheck. Um período da Nação brasileira que ficou marcado pelo progressismo desengonçado e pela mística do populismo. No Estado, vencia Dix-sept Rosado para o Governo, abrindo uma cisão na UDN, já que fora eleito anteriormente Prefeito de Mossoró pelo então partido de Dinarte. Seis meses depois, morreu num desastre aéreo, uma sina que parece perseguir os políticos brasileiros. Sílvio Pedroza, então vice-Governador assumiu o Governo.

Exatamente neste período de efervescência política do País, por volta de 1954, Dinarte Mariz havia decidido abandonar os bastidores. Impa-



Aos 26 anos



Joanillo: amigo e correligionário

ciente, foi logo eleito Senador da República. Brilhante começo para quem ocupava uma posição de destaque na política do Estado. Sua próxima luta seria para Governador do Rio Grande do Norte. Ficou por pouco tempo no Senado, mas venceu memoravelmente esta campanha. Era então um ho-

mem maduro, com mais de 50 anos de idade. Para esta batalha, fundou a Rádio Nordeste, e já havia fundado antes o jornal «Tribuna do Norte». Assim, a seu lado, começava a aparecer um jovem e talentoso jornalista, que viria a ser mais tarde seu maior adversário político. O promissor Aluí-

A FESTA DE SANTANA É TRADIÇÃO, É CULTURA.

Aos meus conterrâneos, aos seridoenses de modo geral, a alegria do reencontro e o entusiasmo de vê-los cada vez mais fiéis à terra comum, sempre confiantes na riqueza de suas potencialidades, na força incomparável de sua inteligência, no trabalho incansável de seus lutadores que perseguem o futuro promissor desta grande Região.

Currais Novos, julho de 1984.

JOSÉ DANTAS
Prefeito

zio Alves ganhava nome e respaldo popular através da Rádio Nordeste com uma inovação política denominada, «um amigo em cada rua».

ALUÍZIO, UM MARCO — Após ser eleito Deputado pela quarta vez, Aluizio sentiu que poderia ser Governador do Estado. Como bom político, viu que era chegada a sua hora. Mas não contava com o que seria visto mais tarde como um tropeço na vida política de Dinarte Mariz. Dinarte nutria grandes simpatias por Djalma Marinho, além de saber que seria um candidato apoiado por forças políticas do Estado. E o rompimento se deu.

Foi uma campanha violenta, onde as diferenças cresceram entre os dois homens públicos, as agressões eram diretamente dirigidas a Dinarte e não ao seu candidato. A última vez que se falaram, até a reconciliação recente, foi em 1960, na inauguração de Brasília, quando Aluizio interpelou Dinarte em palanque armado para a comemoração: "Sou seu candidato?" perguntou Aluizio. Teve como resposta de Dinarte: "Tenho um compromisso com Djalma Marinho".

A história cuidou de atizar o rancor entre estes dois homens até o final da



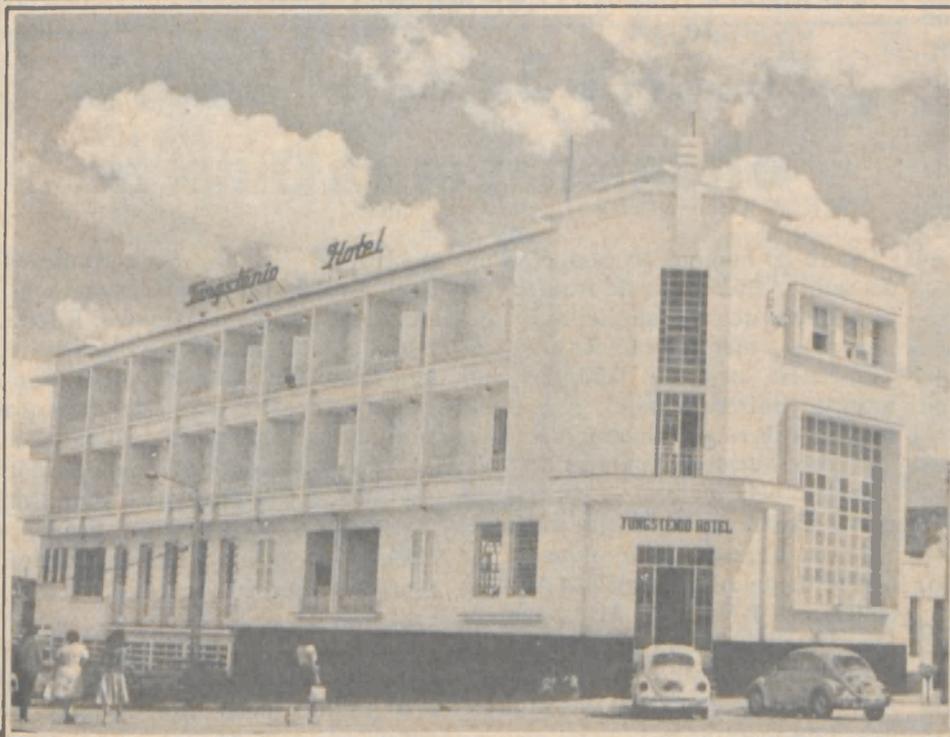
A pouca instrução não ofuscava seus discursos

vida de um deles. Aluizio venceu a campanha, de características nitidamente populistas, e Dinarte se retirou do Estado e da vida pública, derrotado e sem mandato. Tempo de perseguições implacáveis.

«VELHO CAPITÃO» — Em 1961,

Dinarte fundou o Correio do Povo, e seu diretor, Joaniilo de Paula Rego, viria a publicar, com o pseudônimo de Giovanni Sérgio (nome de seu filho) a «Ode ao Velho Capitão», que se celebrou em todas as campanhas de que Dinarte participaria no decorrer de sua vida. Este extenso poema

TRINTA ANOS DE TRADIÇÃO E MUITA CLASSE



O Tungstênio Hotel não é somente o melhor Hotel de Currais Novos. Tem mais tradição e serviços de primeira classe. Apartamentos com ar condicionado, frigobar, restaurante — comida típica e cardápio a La Carte. Bar e Boite. O Hotel tem ainda apartamentos anexos, para residência temporária. Serviço permanente de atendimento aos seus hóspedes.



TUNGSTÊNIO HOTEL

Av. Coronel José Bezerra, 25
Currais Novos-RN

aclamava a figura carismática do velho sertanejo, e refletia bem a visão que seus eleitores tinham dele. Foi cantado em todos os lugares por onde passou o velho capitão, e era a peça literária que Dinarte mais gostava de recitar.

Na eleição seguinte, o velho voltou ao Estado para disputar uma vaga para o Senado. Uma campanha corriqueiramente violenta em que Dinarte saiu vencedor, derrotando Tarcísio Maia, então candidato ao Senado pelo Governo. Uma das mais difíceis campanhas que Dinarte enfrentou.

Pouco tempo depois, foi convocado para a eleição a Governador do Estado, e novamente abriu mão do Senado para disputar mais uma difícil campanha. O candidato do Governo era Monsenhor Walfredo Gurgel, mas a grande estrela, como não poderia deixar de ser, foi Aluísio Alves. E o estilo Aluísio venceu mais uma vez. E mais uma vez as agressões. Dinarte voltou derrotado e reassumiu sua posição no Senado.

BIÔNICO POR DIREITO — Pouco antes, explodira o golpe, que ficou eufemisticamente conhecido por Revolução de 1964. Tempo de repressão. Em que Aluísio se aproveitou da máquina repressiva e desmontou todo o esquema político de Dinarte. Não havia mesmo qualquer meio de vencer tal eleição. Aluísio chegou até a criar um **monstrengo** jurídico, um ato institucional estadual. E era um tempo de monstrenhos mesmo.

Em 1976, Dinarte Mariz disputou novamente a eleição para Senador. Dois anos depois, disputou o Senado pela via indireta, o que passou a ser chamado de mandato biônico, e que perdurou até a sua morte. Segundo amigos do Senador, os colegas do Senado não o consideravam biônico por ser já bastante antigo na Casa e merecer, por direito, o lugar que ocupava. Sentimentalismos à parte, o velho capitão, que vencera tantas eleições junto ao seu povo, se viu impedido pelo regime vigente a renunciar ao gosto de uma campanha popular.

Uma campanha verdadeiramente democrática seria mais digna de seu nome, mas o Governo militar, diluidor de hábitos democráticos, achou por bem mantê-lo em sua posição, garantindo maioria no Senado.

O SERIDÓ EM SOLIDÃO — Até o fim de sua vida, o Senador Dinarte Mariz manteve uma militância ativa na vida política nacional. Às vezes,

tomando posições altamente democráticas, como a luta pela anistia; outras vezes, defendendo idéias ultraconservadoras, como a não aprovação da Emenda Dante de Oliveira. Vivendo assim de paradoxos indecifráveis, cultivava a amizade das pessoas mais próximas, e se distanciava cada vez mais de pessoas que o odiavam.

A idade e a saúde, entretanto, lhe pregaram uma grande peça. Em uma entrevista de agosto de 1983 a **RN/ECONÔMICO**, revelou impossível sua reaproximação com Aluísio. Ele diz, na entrevista: "Passou do tempo. Não há mais condições". E logo em seguida reproduz uma con-

versa sua com Magalhães Pinto: "... nessa altura da vida, se eu perder a vergonha, não dá tempo mais para encontrar". Não perdeu a vergonha; perdeu a saúde. E se reconciliou com o velho adversário, para morrer pouco tempo depois. O Velho Capitão não pode mais voltar à sua querida Fazenda Solidão. A Fazenda e toda a Região do Seridó parece que ficaram um pouco sós com a sua partida. Mas para todos, ele continuará sendo o Velho Capitão.

Velho Capitão. Era assim que ele gostava de ser chamado. □

CARLOS DE SOUZA



No Palácio Potengi, as homenagens

SERIDÓ I

Festa de Santana: alegria e homenagem a Dinarte

Noite do homem do campo. Noite da saúde. Oferendas do fruto da labuta diária de cada um, leiloados depois para a manutenção das obras de assistência social da Paróquia. Uma grande confraternização, que reúne filhos da terra próximos e distantes, e traz de outros Estados os turistas, atraídos pela beleza e pela fé da maior Festa do Seridó: a Festa de Santana. Que este ano, além de ser acrescida pela XV Exposição Agropecuária e a I Feira de Artesanato de Caicó, tem um tom muito forte de despedida e de alegria. Dinarte Mariz agora está lá, ao lado dos caicoenses. Para ficar.

O Seridó é uma região singular

dentro do Estado. Suas tradições, seus costumes, seu artesanato são marcas e perfis do seu povo. E todas essas características são elevadas ao seu grau mais alto durante a Festa que, na verdade, é a Festa de muitos potiguares. Santana é festejada em cerca de dez cidades do Seridó, além de Caicó e Currais Novos. A mesma Santa que, nesse período, fica mais viva e mais concreta na imaginação e na crença dos seridoenses.

DEVOÇÃO NO SANGUE — A Festa de Santana não é só religião. Nem é só evento social. Em verdade, ela congrega esses dois aspectos, começando com um novenário, que perdu-

ra por uma semana, e terminando sempre no primeiro domingo depois do dia 26 de julho, com a procissão da Santa. O auge da Festa.

Jovens e moços, ricos e pobres — devotos fazem questão de participar de tudo. Desde a organização dos festejos até a comemoração. Oram nas missas, vendem artesanato, dançam nos bailes, arrecadam donativos, fazem apresentações artísticas e propagam sua Festa. Para todo o Seridó, para todo o País.

A caicoense Norma Fernandes, uma das organizadoras da Festa — que conta com o patrocínio de vários órgãos públicos e privados do município — demonstra como é forte essa tradição no seridoense: “A tradição continua tão forte, tão viva, tão presente como há duzentos anos atrás, junto aos primeiros habitantes desta terra. Está em cada pessoa que morre, e cada criança que nasce já vem impregnada desse amor, dessa devoção à Santana”.

NOITES DE CADA UM — Diversos segmentos sociais — homens do campo, profissionais de saúde, funcionários civis e militares, comerciantes, motoristas — escolhem uma noi-



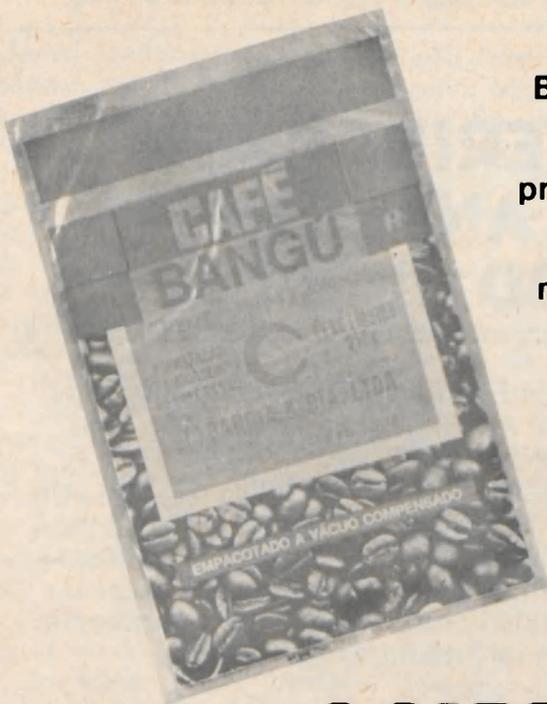
Em Currais Novos, o centenário

te para promover a novena. Cada uma dessas noites é batizada com o nome do segmento que a adotou (**Noite do Homem do Campo, Noite da Saúde**). Os donos dessas noites caminham em passeata até a Catedral de Santana, doando os frutos do seu trabalho, entre bois e feijão, dinheiro

e objetos, numa oferenda que será leiloadada logo depois, no pavilhão de frente à Igreja, contribuindo à manutenção da Paróquia. Lá no pavilhão, se reúnem e mostram seus talentos, com apresentações artísticas.

Na quinta-feira, a Festa de Santana tem uma feira. Iniciada pela ma-

BANGÚ PRODUTOS DE QUALIDADE



Os produtos BANGÚ — Café e Farinha de Milho — têm a preferência popular porque são fabricados com matéria-prima de primeira qualidade.



C. GARCIA & CIA. LTDA.

Av. Dr. Carlindo Dantas, 449 — Tels.: 421-1429/1438 — Caicó-RN

nhã, ela não consegue ultrapassar as 13 horas. Tudo é vendido: bordados, cerâmicas; doces, queijos. O caicoense, nesse dia, não cozinha em casa. Faz as suas refeições na feira, com a comida típica do lugar.

Na cidade, espalham-se barracas, parques de diversão e bailes. O Baile dos Coroas, ao estilo antigo e vestes de outra época. E o Baile dos Jovens; no clube do Açude Itans. Na prática, todos vão a todas as festas, e a divisão de idades aparece só no nome dos eventos. Eventos que ainda constam de apresentações artísticas, com cantores, atores, violeiros, trovadores e repentistas do Seridó e de todo o Estado. E com a presença significativa do grupo «Negros do Rosário», que dança, canta e toca pífanos. E só admitem, em seu seio, o brilho da pele negra.

UMA FESTA MAIOR — Essas apresentações são feitas durante a I Feira de Caicó, promovida pela Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social, realizada de 25 a 28 deste mês. Também neste evento, o religioso e o social se misturam, dando o justo toque de fé e alegria. Há novenas, espetáculos, pastoril e emboladores de coco. E discursos do Governador José Agripino, da Secretária do Trabalho, Wilma Maia, e do Prefeito de Caicó, Vidalvo Costa.

De 24 a 27, também se realiza a XV Exposição Agropecuária do Seridó, no Parque «Walfredo Gurgel» sob o patrocínio da Secretaria de Agricultura do Estado. Durante a Exposição, muitas opções: compra de currais para animais mestiços (**coréla**), prêmios e a própria oferta dos animais, tanto para a visita como para a aquisição.

A Festa de Santana, dessa maneira, ganhou uma dimensão ainda maior do que a que já tem. Os hotéis lotam no período, é preciso reservar vaga com antecedência. O comércio tem uma movimentação dupla. A vida da região e de Caicó, em especial, se transforma por inteiro.

CENTENÁRIO DA PARÓQUIA — Este ano, Currais Novos também teve uma festa especial para Santana. A comemoração do Centenário da Paróquia. Em 1800, vaqueiros descobriram uma aguada no atual Poço de Santana, no Rio Currais Novos. Começou a construção de casas a partir desse ponto e, em 1884, foi criada a freguesia de Currais Novos, que já tinha Capela. Essa data é a que hoje



Devoção à Santana

O SERIDOENSE É ANTES DE TUDO UM FORTE

A definição de Euclides da Cunha é o molde do sertanejo. E é a medida do seridoense. Que trabalha de sol a sol construindo uma terra melhor e preservando as mais belas tradições do seu povo. A Algodoeira Seridó, no justo prêmio à essa força e essa fibra que a Festa de Santana representa, rende sua homenagem ao seridoense, que tira do solo rochoso a riqueza e a fartura da sua gente.

**ALGODOEIRA SERIDÓ
COM. E IND. S.A.**

R. André Sales, s/n Tel. 421-2474 Cx. Postal 15 Barra Nova Caicó-RN 59.300

os curraisnovenses comemoram.

O Centenário da Paróquia foi festejado em grande estilo. Programações religiosas com missas, escolha da rainha da festa, pavilhões, leilões, barracas. E também a criação do

Conselho Paroquial, construção de três Capelas e festas de clubes.

Santana, em 1984, teve uma de suas maiores homenagens. E guardou, para sempre, o **Velho Capitão**, um de seus maiores devotos. □



Cortez: Seridó está morrendo

SERIDÓ II

Cortez Pereira afirma: é preciso salvar o Seridó

O Seridó parece renovado. Recriado, mesmo, com a chegada do inverno, que deu à região um clima de festa. No entanto, sob essa aparente visão de fartura, o Seridó corre um sério risco: a desertificação gradativa, conseqüência das três mil horas diárias de sol por ano a uma temperatura de 38 a 40° C. E, somente agora, os programas do Governo Estadual que abrangem a região estão sendo reativados, paralisados que estavam pela seca de cinco anos.

A advertência é do ex-Governador Cortez Pereira, seridoense por nascimento e por vocação, e preocupado com a preservação e crescimento da sua terra. Tanto que, entre os programas governamentais, observou a ausência de um fundamental: um projeto de revitalização do algodão moco, atualmente em franco declínio.

SEM PROGRAMAS ESPECÍFICOS — A Secretaria de Estado da Agricultura não tem, atualmente, nenhum programa específico para a Re-

gião do Seridó. Existem, no entanto, vários programas de âmbito estadual que têm atuação também naquela região, sendo que quatro deles — açudagem, irrigação, ação fundiária e reflorestamento — estão funcionando a pleno vapor, segundo informações do próprio órgão.

Os outros programas — produção de sementes, saúde animal, caprinocultura, Projeto Sertanejo e Polonordeste — estão um tanto quanto desaquecidos. Uma conseqüência, segundo justificativas da Secretaria, da própria seca, que fez dirigir toda a atenção para o Programa de Emergência.

Com relação ao programa de açudagem, um resultado concreto que já pode ser apontado é a conclusão, dentro dos próximos dias, do Açude Mamão, no Equador, que tem capacidade para 200 mil m³ de água, representando um investimento de Cr\$ 400 milhões. A ampliação do açude de Parelhas — o Caldeirão — também já se encontra praticamente pronta.

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

UM PRESENTE DE 15 ANOS

*A sua revista
está fazendo 15 anos.
Venha participar
desta festa
que é nossa,
que fala da gente,
que conta as coisas boas
da terra da gente —
documenta, registra,
enaltece e critica
com isenção e seriedade,
tem um grande público,
muito bom conceito
e, sobretudo, merece confiança.
São 15 anos de jornalismo
especializado feito
com a prata da casa,
revelando valores novos,
consagrando nomes da terra,
enfim, servindo a cultura
e estimulando o desenvolvimento
do nosso Rio Grande do Norte.
Junte-se a nós,
venha participar
da festa mais potiguar
de nossa cultura
ao lado de quem acredita
no futuro do Rio Grande do Norte.
Faça agora sua assinatura
da nossa revista
RN/Econômico.
Preencha um cheque nominal
de Cr\$ 12.000,00 em favor
de RN/Econômico Empresa
Jornalística Ltda.
e remeta-o à Rua São Tomé, 421,
Centro — CEP 59.000 —
Natal (RN),
durante um ano
você vai acompanhar de perto
a história da sua terra.*

**RN/ECONÔMICO
EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.**
RUA SÃO TOME, 421 - TEL. 222-4722 CEP 59.000
NATAL-RN

1 (UMA) ASSINATURA ANUAL

NOME _____

END. DE RECEPÇÃO _____

CIDADE _____

ESTADO _____ CEP _____

TELEFONE _____

DATA ____/____/____



Grande potencial no algodão mocó

Quanto ao reflorestamento, um dado importante: estão previstas 1 milhão de mudas de algaroba para este ano. E as terras do Seridó são as melhores para o plantio dessa árvore.

ALGODÃO MOCÓ: UM GRANDE POTENCIAL — Cortez Pereira insiste na necessidade de um projeto específico para a revitalização do algodão mocó ou seridó: "É preciso um

projeto visando o aumento da produção, indo em busca da semente, quase desaparecida. O mocó resiste até a casca de boi, e possuía um ciclo de vida de mais de 20 anos. Hoje, o mocó não tem mais quase nada do que tinha antes. Depois de cinco anos, tem de ser erradicado porque sua produtividade cai vertiginosamente".

Apesar do velho tipo de algodão

Restaurante e Boite Samuray

O melhor Restaurante de Caicó está no Corinthians. No Samuray você tem à sua disposição a cozinha típica do Seridó. Também tem cardápio a la carte. Tudo isto num ambiente decorado, com ar condicionado, música ambiente e o melhor atendimento de Caicó. Visite o Samuray e faça parte de uma classe cada vez maior de clientes especiais.



RESTAURANTE E BOITE
Samuray



FUNCIONA NAS DEPENDÊNCIAS DO ATLÉTICO CLUBE CORINTIANS.

mocó ter uma baixa produtividade, a sua resistência e a sua fibra excepcionalmente longa — superior a 38 mm — tornam possível a produção de tecidos nobres. E o seridó, sozinho, produz de 70 a 80 por cento da fibra de todo o mundo. Uma outra vantagem desse tipo de algodão — que só significa 3 a 4 por cento do produzido mundialmente — é que ele presta-se perfeitamente ao consórcio com as fibras sintéticas.

“A semente do algodão mocó é compatibilizada com o ambiente hostil”, assevera Cortez Pereira, “e é indispensável a realização de pesquisas que venham a aumentar a sua produção e, ao lado disso, livrar a semente do seu componente tóxico, o gossipol. Dessa maneira, a torta do mocó torna-se viável para o consumo humano, aumentando a sua viabilidade comercial. Numa segunda etapa, seria preciso incrementar o desenvolvimento industrial com os nossos próprios recursos, para a produção de tecidos. O Seridó herdou o algodão mocó da natureza, e o homem jogou fora. Não podemos perder essa riqueza”.

DESERTIFICAÇÃO — O outro alerta de Cortez Pereira diz respeito ao perigo de desertificação que corre o Seridó: “É a Região do Nordeste que mais se aproxima desse processo. O Seridó está morrendo queimado; a erosão levou a carne e deixou exposta a ossatura da terra (rochas). As altas temperaturas, encontradas na superfície rochosa, faz elevar-se um colchão de ar quente a uma altura de cerca de 3 mil metros, impedindo a condensação das nuvens. Temos que salvar o Seridó, e a receita é o reflorestamento”.

Ciente de que a Secretaria da Agricultura, juntamente com o IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — está promovendo o plantio de mudas de algaroba, Cortez Pereira argumenta:

“Este deveria ser um projeto de sobrevivência, para diminuir a incidência do sol sobre a terra descascada. Isso é urgente. E é indispensável que esse projeto tenha uma coordenação central, de modo que todas as ações sejam orientadas no sentido dessa sobrevivência. Junto a isso, também é preciso valorizar a produção mineral do Seridó com a industrialização ou semi-industrialização, para não sermos apenas produtores de matéria-prima para exportação”.



Puxadores de todo o Nordeste na vaquejada

SERIDÓ III

Em Currais Novos, um novo evento turístico

“A VAQUEJADA tem atualmente caráter festivo. O gado escolhido é guardado num curral de boa fazenda e com uma grande assistência. Dois vaqueiros correm, a par, com a rês. O da direita tenta mantê-la na reta e é o *esteira*. O da esquerda apanha a cauda do animal, *abre*, afasta o cavalo e com um brusco safanão, derruba-o. Diz-se a este gesto, *arrasto, puxada, mocica*. As luvas também são chamadas, ainda e classicamente, *guantes*”. (Texto de Luís da Câmara Cascudo no livro «A Origem da Vaquejada no Nordeste do Brasil».)

A vaquejada de Currais Novos, dentro do programa da Festa de Santana do Seridó, a partir deste ano é, talvez, um dos maiores espetáculos no gênero em todo o Rio Grande do Norte. A estrutura montada em função do acontecimento — desde currais até cabines de rádio para a imprensa — e a grande afluência de público, estimado em 50 mil pessoas, justifica a transformação de todo o panorama da região durante os dias 21 e 22 últimos, data do evento.

O próprio nome da região — Currais Novos, lugar onde se juntavam grandes rebanhos — demonstra a vocação para essa grande festa. E o inverno novo e bom trouxe um alento novo para pecuaristas e comerciantes, público e **puxadores**. O clima era propício e o sucesso é promissor, marcando um novo ítem no roteiro turístico potiguar.

INFRA-ESTRUTURA IDEAL —

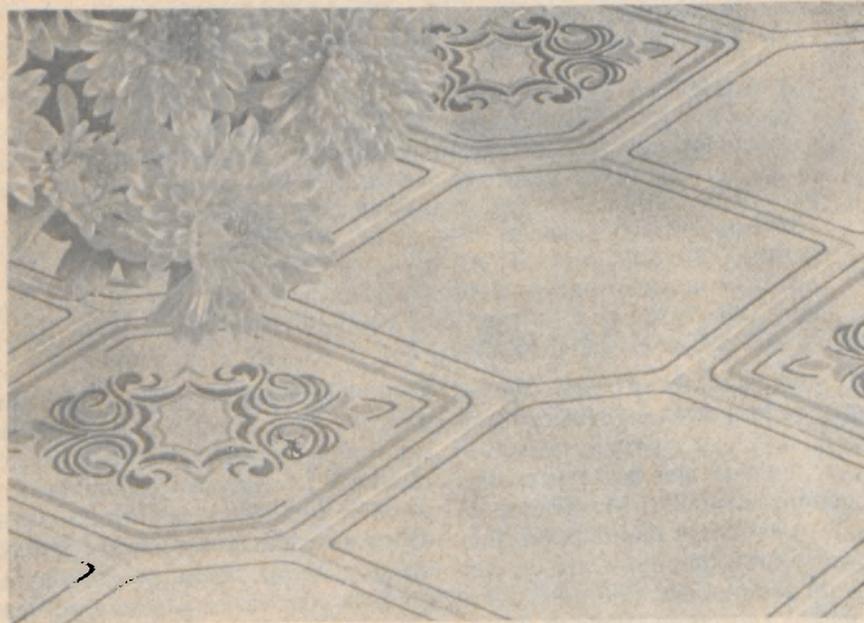
Tanto a Prefeitura como a própria população de Currais Novos trabalharam na organização da vaquejada. O resultado foi a construção, numa área próxima à cidade e conforme os padrões mais modernos para a prática desse esporte, de um parque de vaquejada com vários alqueires de extensão.

São currais, mangas, jiquis, palanques e arquibancadas, e toda uma infra-estrutura de apoio para o perfeito funcionamento de todas as etapas de uma vaquejada. A infra-estrutura compreende barracas de serviços para recepção, atendimento aos corretores, comissões de julgamento e coordenação, pavilhão sanitário e telefones públicos. Há, também, as barracas para o público em geral, com comidas típicas, lanches e refrigerantes. E um espaço reservado para o estacionamento de cerca de dois mil veículos, além de um esquema de segurança.



Muita concorrência de público

MOSAICOS SERIDÓ TUDO PARA CONSTRUÇÃO



A Fábrica de Mosaicos Seridó dispõe em sua loja de tudo para construção: mosaicos, tijolos, pré-moldados, pisos, lavanderias, estacas de cimento, telhas e material de acabamento. Na hora de construir, não deixe de visitar sua loja e conhecer preços e condições para os melhores materiais.



**FÁBRICA DE MOSAICOS
SERIDÓ IND. E COM. LTDA
CERÂMICA TOTORO**

LOJA: Rua Dona Germana, 33 - Tel.: 431-1391 — FÁBRICA: BR-427 - Km 02
Distrito Industrial Currais Novos-RN

TODO O NORDESTE -- O período de realização da vaquejada — dois dias — sempre recai num sábado e domingo, dando oportunidade aos filhos de Currais Novos comparecerem, mesmo alguns estando espalhados nos diversos municípios do Rio Grande do Norte. E trazendo, assim, **puxadores** renomados de todo o Nordeste, representados pelos Estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. E, como por tradição não poderia deixar de dizer presente, o Estado de Minas Gerais que, apesar de fora do Nordeste, tem tanto em comum com a região. Desde a pecuária ao Polígono da Seca.

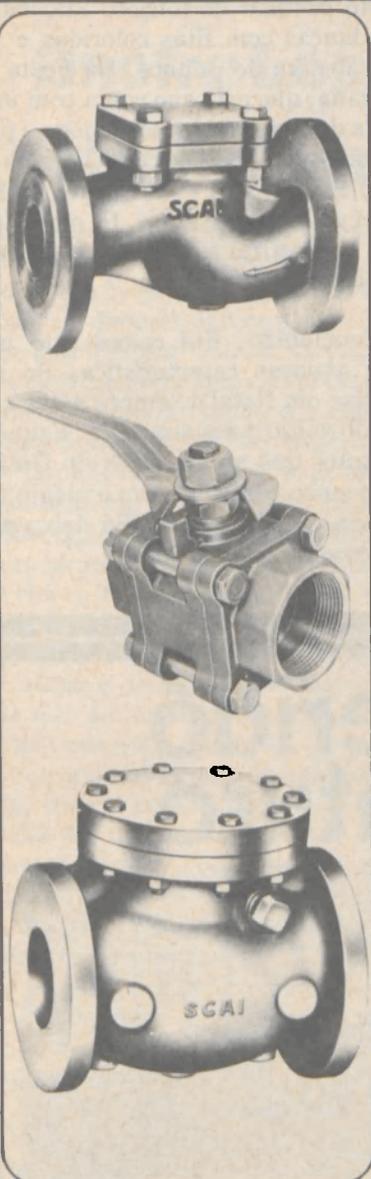
O Parque de Vaquejada de Currais Novos chama-se Sílvia Bezerra Salustino, um ex-Prefeito de Currais Novos cuja família tem reconhecida representatividade na região. Na coordenação da vaquejada, estiveram à frente o Prefeito José Dantas, a Primeira Dama Iaci Pereira Dantas, o vice-Prefeito Luiz Bezerra de Araújo e o Prefeito de Acari, José Braz. □

SERIDÓ IV

um pedaço do Seridó em Natal

A maior colônia interiorana em Natal, com um número aproximado de 10 mil pessoas. Este é o perfil da comunidade caicoense que reside na capital, agora congregada em seu lazer e na preservação dos costumes e tradições de suas raízes no Grêmio Cultural Caicoense, que funciona desde fevereiro deste ano na Avenida Prudente de Moraes. Ali, podem ser encontradas desde a carne de sol, o queijo e a lingüiça da terra, até um campeonato de gamão — inédito em terras potiguares.

Apesar do caicoense morar em Natal por uma contingência — social ou econômica — e de nunca deixar de cultivar os mesmos hábitos de sua cidade, a convivência com os natalenses é perfeitamente pacífica e fraterna. Ainda que haja uma concorrência natural, capaz de levar os filhos de Caicó a ocuparem, entre outros, três lugares na Câmara dos Vereadores, segundo informou o presidente do Grêmio, o dentista e jornalista Rui Medeiros



**ESTE NOME
TEM MUITO
A VER COM A
MANUTENÇÃO
E EFICIÊNCIA
DO SEU
EQUIPAMENTO
INDUSTRIAL**

QUEIROZ OLIVEIRA
O melhor atendimento.

Av. Tavares de Lira, 170 — Ribeira — Nctel

BAIRRISMO SEM DISCRIMINAÇÃO — O Grêmio Cultural Caicoense foi fundado em 16 de dezembro de 1972, e hoje se alinha com o já estabelecido Centro Macauense e os Centros de São João do Sabugi e Acari, que estão tentando se organizar. A finalidade do Grêmio é promover os costumes e tradições do povo de Caicó, valorizando a cultura e o artesanato da cidade e realizando eventos sociais.

“Apesar de reconhecer que o caicoense é bairrista” — esclarece Rui Medeiros — “não há qualquer segregacionismo na existência do nosso Grêmio. Nunca discriminamos qualquer das pessoas de Natal ou mesmo

de outras cidades que venham até aqui, e há mesmo muito carinho no tratamento que damos a essas pessoas. Por tradição, somos um povo hospitaleiro”.

A prova dessa fraternidade é a grande frequência dos clientes, que nunca deixam o Grêmio ficar vazio. E, para atrair mais público, a entidade promove exposições de artesanato caicoense, tem uma biblioteca aberta ao público e vai realizar o Campeonato de Gamão agora em agosto.

COLÔNIA ORFÃ — Para Rui Medeiros, a colônia caicoense ficou orfã com a morte do Senador Dinarte Mariz. “O maior benfeitor de Caicó”,

Café OURO BRANCO

EMPACOTADO A VÁCUO

CAFÉ TORRADO E MOÍDO



PESO LÍQUIDO: 250 G.

Torrefação e Moagem Ouro Branco Ltda.

RUA JUVENTINO DA SILVEIRA, 416
CURRAIS NOVOS — R. G. DO NORTE

C. G. C. M. F. 08.133.506/0001-80 — L. C. C. D. M. A. N. ° 46.432

REGISTRO NO I. B. C. N. ° R. G. N. 017

INDUSTRIA BRASILEIRA

diz Rui Medeiros, acrescentando que “nada, lá, pode ser desligado da sua figura. Ele adotou Caicó, e nós também o adotamos”.

Apesar da dor da perda do **Velho Capitão**, a colônia caicoense sente que essa foi mais uma página — ainda que das mais importantes — virada na história potiguar. E segue preparando o espírito para a Festa de Santana, que já tem cunho histórico. Rui Medeiros lembra que a Festa hoje pertence a todo o Estado, e só lamenta que outras manifestações — como a do Negros do Rosário, por exemplo — estejam ameaçadas de extinção por falta de apoio oficial.

O grupo Negros do Rosário tem características muito peculiares. E um grupo fechado, que não admite miscigenação — tanto que, entre os in-



Rui Medeiros: tradições

tegrantes, só há negros. As suas apresentações significam um aspecto muito peculiar do folclore caicoense. Há danças com fitas coloridas e varas, ao som de pífanos. Na Festa de Santana, que este ano conta com uma Feira de Artesanato caicoense — promovida pela Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social — os Negros do Rosário vão se apresentar. E, mais uma vez, concretizar a tradição que distingue a cultura caicoense.

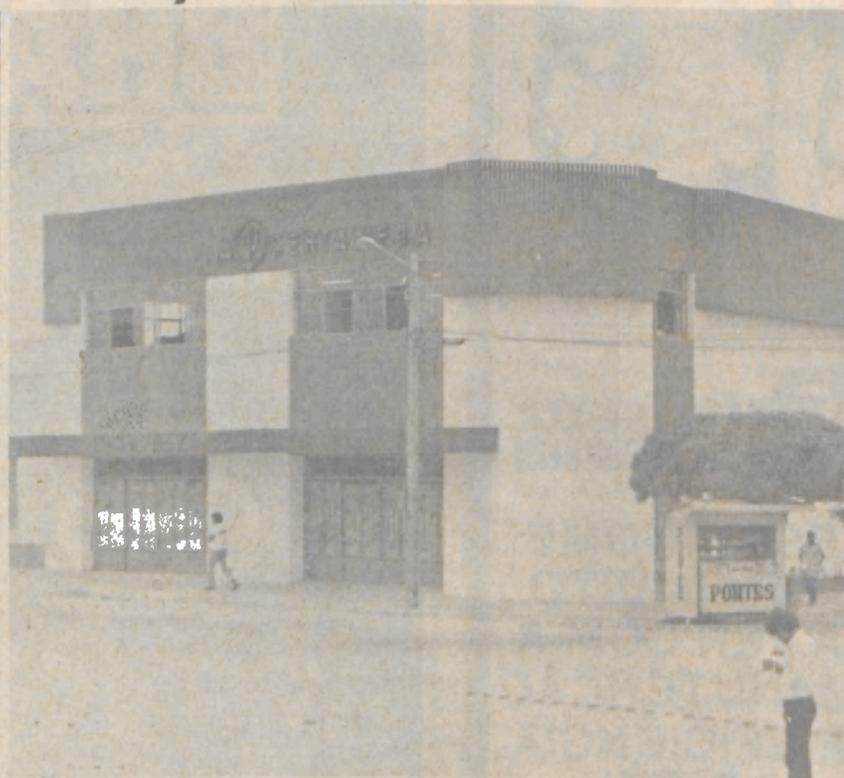
Concluindo, Rui coloca que uma das maiores características do caicoense em Natal é sempre estar querendo voltar para sua terra. Fato que o cantor que anima o bar do Grêmio Caicoense confirma com o plágio que delicia os presentes: “Só deixo meu Caicó se for para o Seridó...”. □

A sertaneja e o seridó uma aliança de futuro

A SERTANEJA sempre mostrou ter fé no povo do Seridó, onde nasceu como empresa. E agora que os seridoenses se reúnem na devoção à Senhora Santana, A SERTANEJA também faz coro a esse canto de fé e presta a sua homenagem da forma como sempre fez: trabalhando pelo desenvolvimento da região. Por isso, A SERTANEJA investiu, uma vez mais, no Seridó o seu espírito de pioneirismo, abrindo duas lojas de departamentos, em Caicó e em Currais Novos.

As modernas lojas representam as primeiras do gênero na região, e são um atestado de confiança no espírito progressista dos seridoenses, no valor e na força da sua fé. Afinal, desse estado de espírito depende o futuro da região. O que faz com que A SERTANEJA se sinta co-responsável na tarefa de construí-lo. E da melhor maneira possível, sempre considerando que o moderno e o tradicional devem estar lado a lado, em perfeita harmonia na consecução de objetivos comuns.

Por manter tal identidade, A SERTANEJA fez com que os seridoenses vissem na empresa um símbolo de tenacidade e persistência, que é, de resto, a



combinação que embasa a fé do povo. E que nos dá a certeza de que o nosso projeto de crescer

junto com a região tem a respaldoá-lo um sentimento de confiança recíproca capaz de superar todas as adversidades.

Confira. Visite as nossas lojas de departamentos e você verá que a fé, o trabalho e a dedicação tudo podem.



Onofre Lopes, imortal nas letras e na memória do RN

Ele nasceu no lugarejo chamado Comum, em São José de Mipibu, em 13 de julho de 1907. Morreu em Natal no dia do próprio aniversário, 13 de julho de 1984, aos 77 anos, de câncer, deixando um nome que estará eternamente ligado à inteligência e cultura do Rio Grande do Norte: Onofre Lopes da Silva, fundador e primeiro idealizador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Deixou vagos o cargo de presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e a cadeira de acadêmico, além das presidências do Conselho Estadual de Cultura e da Liga de Ensino, entidade que ele criou e que mantém a Escola Doméstica de Natal.

Contrariando o nome de sua cidade natal, Onofre Lopes, apesar de mortal, não foi um homem comum. Por isso, o ex-Reitor, advogado e acadêmico Diógenes da Cunha Lima, em seu discurso durante o enterro, no Cemitério-Parque de Nova Descoberta, e na presença consternada de familiares, amigos e admiradores do primeiro Reitor da Universidade, fez a seguinte ressalva: "Seu trabalho e sua amizade não morrem. Por isso, o senhor conquistou a imortalidade".

Um indicativo da importância de Onofre Lopes foi a repercussão da

sua morte e seu sepultamento. Realizado no sábado à tarde, dia 14, contou com uma grande participação de amigos, intelectuais, autoridades e estudantes da Universidade Federal. O corpo permaneceu em câmara ardente no prédio da Reitoria, de onde o cortejo saiu para o Cemitério. Antes porém, vindo da Capela do Hospital das Clínicas, o cortejo percorreu as diversas instituições que contaram com a participação empreendedora do ex-Reitor.

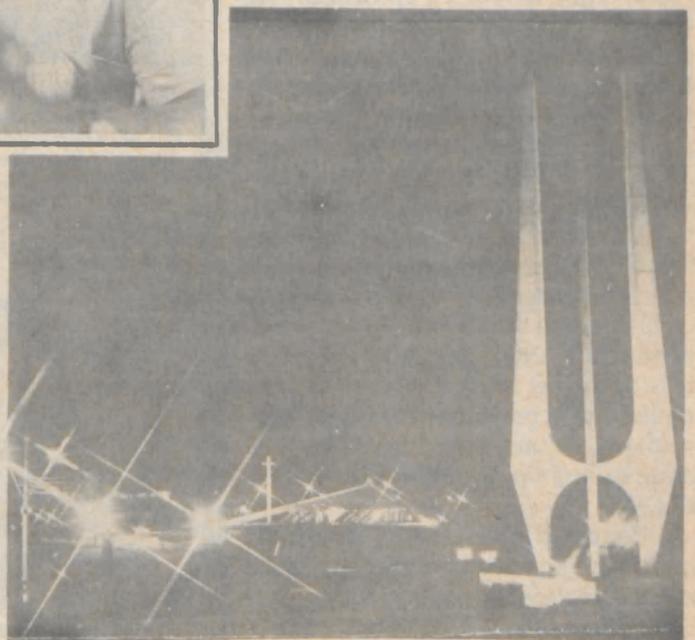
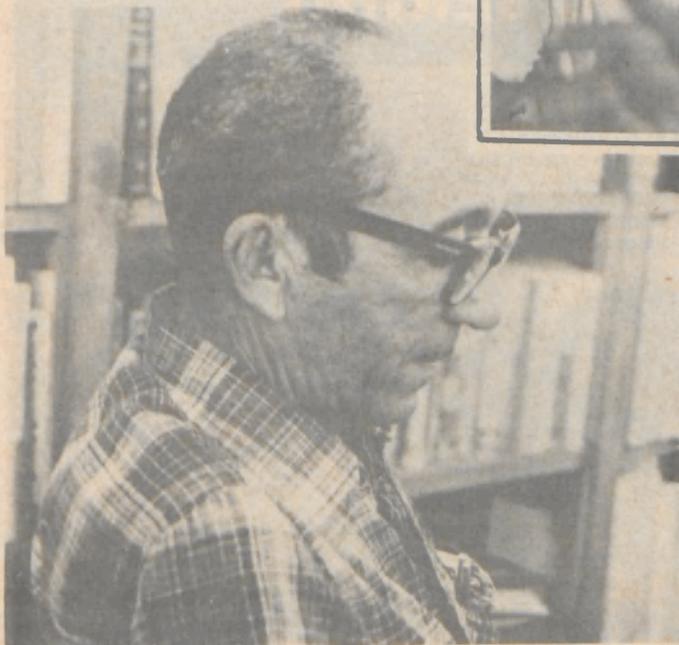
DEPOIS, AS ELEIÇÕES — Após o luto, que durará 30 dias, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras se reunirá em Sessão Solene para prestar homenagem à memória do acadêmico falecido, quando então será declarada vaga a sua cadeira e também



o cargo de presidente da Academia, sendo concomitantemente, abertas inscrições para qualquer escritor se candidatar por um período de dois meses. Após esse prazo, será eleito o novo presidente — o Arcebispo de Natal e também acadêmico, Dom Nivaldo Monte, é o vice-presidente em exercício —, num primeiro escrutínio, com votos da metade dos 36 acadêmicos mais um. Apesar da Academia ter 40 cadeiras, duas estão vagas porque seus ocupantes faleceram, e mais dois acadêmicos ainda não assumiram oficialmente, e portanto não terão direito a voto.

O professor e escritor Veríssimo de Melo foi quem assumiu a presidência de outro órgão do qual Onofre Lopes era presidente: o Conselho Estadual de Cultura. Mas, das entidades que Onofre presidiu, a que naturalmente terá a mais polêmica substituição — já que eleição ali é tradicionalmente algo polêmico —, é mesmo a Academia de Letras. Por enquanto, em respeito ao luto, a sucessão será abordada de forma discreta, em meio a goles de chá e bolinhos, das conversas habituais das sessões da Academia. Todavia, Diógenes da Cunha Lima, em entrevista a **RN/ECONÔMICO**, arriscou um comentário: "Deve-se escolher uma pessoa que seja capaz de administrar uma Academia numa hora em que falta dinheiro para tudo".

Onofre Lopes estava à frente da Academia há cerca de dez anos. Durante esse período ele, segundo depoimentos dos intelectuais, mais uma vez deu prova de sua capacidade de homem empreendedor. "Foi um



Veríssimo: na Academia...

... e na UFRN, Onofre permanece

grande presidente”, destacou o acadêmico Veríssimo de Melo. “Ao tomar posse, recebeu um prédio recém-construído. Dando provas de sua capacidade, Onofre colocou o mobiliário novo no Salão Nobre, vestiu, deu dignidade à Academia. E depois, soube conduzi-la com grande saber e promoveu grandes reuniões. Abriu a Academia aos órgãos da UFRN, especialmente à Escola de Música, que realiza recitais de música clássica no Salão Nobre”.

BATALHADOR INCANSÁVEL — Diógenes da Cunha Lima foi quem falou em nome da Academia, no sepultamento do ex-acadêmico, que deixou vaga a cadeira número 11, cujo patrono é o Padre João Maria, e o fundador, Januário Cicco. Diógenes descreveu assim o perfil de Onofre Lopes: “Era um condutor de homens, e o principal responsável pelo maior empreendimento do Rio Grande do Norte em todos os tempos: a UFRN. Há 26 anos, motivou seu amigo e Governador de então, Dinarte Mariz, para uma coisa praticamente impossível: a fundação de uma Universidade para o Estado. Mas doutor Onofre era um desses homens, que, o que para nós é impossível, para ele era apenas difícil”.

Apesar do orçamento apresentado por Onofre ao Governador, apenas para a administração da Universidade em seu primeiro ano, ser a quase totalidade do orçamento do Estado, os recursos suplementares foram conseguidos especialmente pelo fato de Dinarte ter maioria na Assembleia, o que motivou a aprovação. Na primeira oportunidade que surgiu, em maio de 1960, por ocasião do II Encontro dos Bispos do Nordeste, em Natal, Onofre apresentou memorial ao então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, pedindo a federalização da Universidade. No final do mesmo ano, após mobilizar também amigos com parlamentares, ele conseguiu a federalização com a Lei número 3.849, de 18 de dezembro de 1960. Segundo comentários de vários intelectuais que acompanharam o processo, foi nessa ocasião que ele mostrou a maior capacidade de mobilização pelo interesse do Estado.

“Por outro lado, o velho Onofre tinha uma capacidade empreendedora excepcionalmente fantástica”, ressalva Diógenes. “Quando ele criou a Faculdade de Medicina, não havia professores com condições adequa-

das, nem como pagá-los. Mas ele conseguiu convencer professores de Pernambuco e Bahia a vir dar aulas de graça, hospedando-os numa espécie de hotel que ele improvisou no Hospital das Clínicas”. Adiantou também que, nos tempos heróicos da fundação da Universidade, ele precisou agir da mesma maneira, convidando e pedindo a professores para ensinar de graça, e depois os contratou. “Eu fui um deles”, relembra, honrado, Diógenes. “Ninguém se negava, diante da força do seu carisma, da capacidade de convencimento extraordinária. Ele pedia como quem mandava”.

Comentando o fato de Onofre Lopes ter sido o primeiro criador da Extensão na Universidade brasileira, interiorizando a Universidade através do Crutac (experiência que depois seria aproveitada pelo MEC para outras Universidades), Diógenes disse que, com isso ele conseguiu dar um grande impulso na difusão e integração cultural. Assinalou, ainda, outros trabalhos pioneiros do ex-Reitor, que nos últimos anos estava na condição honrosa de ser um dos raros Reitores Agregados — com ele somavam-se três, em todo País: criou a nossa imprensa universitária, publicando, no início, muitos trabalhos que não tinham interesse para as editoras, mas que tinham valor. Um exemplo: algumas obras de Luís da Câmara Cas-

cudo, aquelas mais de interesse local.

“Durante os quatro anos em que fui Reitor da UFRN”, destacou Diógenes, “ele foi o Conselheiro maior, um orientador padrão para a Universidade”.

SAUDADES — O professor e acadêmico Otto de Brito Guerra, primeiro vice-Reitor da Universidade, comentou emocionado a repercussão da morte de Onofre Lopes: “Como primeiro vice-Reitor da Universidade, da qual Onofre foi o fundador, a morte não podia deixar de trazer uma extrema saudade, porquanto acompanhei todos seus passos e todos seus gigantescos esforços em fazer nascer e crescer a Universidade. Onofre não sabia o que era descanso, quando era preciso resolver qualquer problema e, nos interesses da Universidade, ele batalhava com afinco, procurando as suas altas autoridades do País e, pela sua persistente teimosia, em geral obtinha tudo quanto desejava. Também trabalhei com Onofre na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e no Conselho Estadual de Cultura, dois postos de presidência que ele honrou com a mesma tenacidade e dignidade. Poucos norte-riograndenses terão feito ao nosso Estado o bem que ele prestou nas suas múltiplas atividades, das quais apenas enumerei algumas”. □

O MELHOR CHURRASCO DO SERIDÓ.

Na Churrascaria **O LAÇADOR**, você come o melhor churrasco de Caicó. **O LAÇADOR** está aberto diariamente, oferecendo aos seus clientes o saboroso churrasco — com carne da região — e uma cozinha com refeições de primeira qualidade. Na Churrascaria, você encontra, ainda, o mais gostoso galeto da cidade. Indo ao Seridó, saboreie o melhor churrasco com carne de Caicó.



O LAÇADOR
Em frente à Rodoviária — Tel.: 421-2116 — Caicó



RECEBER E HOSPEDAR BEM SEUS VISITANTES É A MELHOR TRADIÇÃO



Os Hotéis Sol Pousada do Gargalheiras, em Acari, Conceição Pálace Hotel, em Jardim do Seridó e Sol Vila do Príncipe, em Caicó, têm em suas instalações e nos serviços de atendimento aos seus hóspedes toda a tradição de acolher bem os visitantes do Seridó. No Hotel da Pousada, você desfruta a paisagem majestosa do Açude Gargalheiras e suas deslumbrantes cordilheiras; no Conceição Pálace, você convive com a paisagem bucólica do sertão seridoense; No Vila do Príncipe, você sente o coração de Caicó no conforto de uma hospitalidade amistosa e alegre. É o Seridó moderno, mas sempre amigo e fiel às suas tradições.



HOTÉIS SOL LTDA

Sugestão e apelo à Universidade — I

CORTEZ PEREIRA

Temos defendido, com uma certa insistência mas sem conseqüências, um desempenho mais objetivo da nossa Universidade, em relação ao desenvolvimento do Estado.

Ora, não existe preocupação que deva ocupar maior espaço na responsabilidade de todos, do que identificar o que e como fazer, para superar o atraso e até a miséria que marca e fere o nosso povo.

Se a afirmação é válida para todos, impõe um dever maior à Universidade que, teoricamente, congrega a expressão da inteligência e competência de nossa sociedade. Apesar disto, não se observa, nesse campo, a presença destacada da Universidade. Algumas pesquisas isoladas, ensaios especializados demonstram, inclusive, como distante ela anda do seu próprio destino de Universidade.

Temos defendido, junto a Reitores e Presidentes da Fundação de Pesquisa, a realização de um trabalho sobre investimentos públicos, porém, em função dos benefícios que cada um possa gerar.

Os resultados que nascem da ação do poder público nos vários campos de atuação, vêm trazendo benefícios com predominância ora econômica ou social, financeira ou política, sociológica ou cultural. Há uma diversidade enorme de respostas aos investimentos feitos, há uma graduação, uma intensidade, que deveriam ser conhecidas melhor, para que as decisões políticas fossem orientadas pelo pleno conhecimento dos seus resultados.

Se um trabalho assim fosse feito pela Universidade, em cima da realidade do Rio Grande do Norte, dar-se-ia, aos que governam, uma bússola orientadora das decisões políticas de investir.

Agora mesmo o Governo José Agripino depara-se com o problema de o que fazer com US\$ 50.000.000,00 (cincoenta milhões de dólares) que serão aplicados no Estado. Se já tivéssemos — coisa que nenhum Estado tem — um estudo revelador de onde investir para se obter o maior resultado econômico, ou a mais rápida resposta tributária — inclusive para nos dar a capacidade de pagamento do mesmo empréstimo — ou os mais expressivos benefícios sociais, se já tivéssemos uma cartilha que nos ensinasse essas coisas, haveria, ao menos, a consciência, o conhecimento das vanta-

gens ou sacrifícios que este empréstimo determinará.

Já imaginaram como seria salutar a pressão do povo, sobre o Governo, se soubéssemos como aplicando US\$ 50.000.000,00 (cincoenta milhões de dólares) pudesse ser resolvido o problema do desemprego no Rio Grande do Norte?!

Ora, temos a intuição de que com este dinheiro todo será possível solucionar, criando empregos produtivos, a procura de trabalho que, no Estado, é da ordem de 13.000, anualmente.

Com este exemplo queremos ilustrar a amplitude que se abre depois de um estudo como esse que defendemos. Como seria útil, ao governante, ter os indicadores das conseqüências das suas decisões, saber o grau dos benefícios econômico, social, financeiro ou político da aplicação que fizer dos escassos recursos de capital em estrada, energia, educação, planejamento familiar, infra-estrutura urbana, colonização, concentração ou desconcentração industrial.

Como seria útil ao povo conhecer os caminhos que levarão mais rápido a este ou àquele fim, como ele se capacitará melhor para fazer o confronto entre as ações dos que governam e as pregações de praça pública... Vejam que incalculável contribuição daria, a Universidade, ao aperfeiçoamento das práticas democráticas, que elemento novo se integraria à realidade para se realizar o ideal do Governo do povo — pelo e para ...

No meio de todos esses benefícios, há um outro, há a própria sobrevivência da Universidade, que vem morrendo pelo seu afastamento da realidade. A Universidade, perdida nas alturas, na distância da vida, não encontra o exigêncio para sua própria vida. Temos de trazê-la de volta, fazê-la mergulhar nos problemas e nas dificuldades que desafiam soluções.

A Universidade precisa aprender com a Igreja os novos, velhos caminhos, e comprometer-se com a sorte do povo, ser co-responsável pelo seu atraso e pela sua miséria.

A sugestão feita tantas vezes nos gabinetes deixamos agora para uma reflexão pública, apelando e esperando que a Universidade ofereça ao povo e aos Governos o instrumento de aferição dos investimentos públicos, feitos desorientada e desordenadamente.

Caicó: Prefeitura e povo juntos para o bem comum

A atual administração da Prefeitura Municipal de Caicó, tendo à frente o Prefeito Vidalvo Costa, demonstra uma preocupação máxima: o bem comum de todos os 40 mil e 43 habitantes da região. Essa preocupação é que tem pautado as ações da Prefeitura que, no exercício de 1983, executou 110 obras públicas em dez bairros da cidade e em localidades situadas na zona rural caicoense.

O Prefeito Vidalvo Costa tem-se empenhado principalmente no que se refere à urbanização, estruturação e humanização dos bairros de Caicó, no que tem contado sempre — como em tantas outras realizações — com o apoio valioso do Governador do Estado. O resultado está em Caicó, funcionando em benefício do povo.

SAÚDE E EDUCAÇÃO —

Entre as 110 obras executadas pelo Prefeito Vidalvo Costa, destacam-se aquelas relacionadas com a saúde e a educação. No Bairro Paulo VI, por exemplo, foi realizada a ampliação e iniciado o funcionamento do Mini-Posto de Saúde, além da criação de uma escola e da construção de 22 casas do Projeto Crescer. Nos bairros Alto da Boa Vista, Boa Passagem, Barra Nova e Paraiba, foram criadas, restauradas e conservadas unidades do Projeto Casulo.

Na área de assistência à infância, os resultados obtidos são animadores. Na zona rural, funcionam atualmente 38 creches e, na zona urbana, hoje são atendidas 1 mil e quinhentas crianças em creches espalhadas nos diversos bairros da cidade.

No Bairro de Boa Passagem, além da restauração de mais um Mini-Posto de Saúde, a Prefeitura cuidou da iluminação da ponte sobre o Rio Seridó, instalação de um orelhão e ampliação do Cemitério Campo de São Jorge. Em Barra Nova,

foi reformada a Casa de Parto e transformada em Clube de Mãe. No Bairro Paraiba, foram construídos calçamentos em várias ruas e a rede de esgotos do C. S. U., além do abastecimento d'água da rua Itans. A instalação de vários orelhões nos bairros de Caicó também foi uma obra de Vidalvo Costa.

ÁGUA EM CISTERNAS E POÇOS — O centro da cidade não ficou esquecido. Além da restauração de parte do Mata-



Prefeito Vidalvo Costa

douro Municipal e de todo o Mercado Público, foi construída uma rede de esgotos na Avenida Celso Dantas.

Na zona rural, a Prefeitura construiu oito cisternas com capacidade para 60 mil litros d'água, cada uma, nas localidades de Várzea Comprida, Varginhas, Saco do Bode, Juá, Palma, Barra da Espingarda, Ourives e Quixaba. Foram perfurados 16 poços, locados mais 6 e dois estão previstos para serem locados.

Todas as estradas do muni-

cípio estão sendo objeto de constante manutenção, o que é de vital importância para as atividades econômicas desenvolvidas em Caicó.

TRABALHO A REALIZAR

— Caicó, situada na Mesorregião do Oeste Potiguar e na Microrregião de Seridó, tem uma área de 1 mil, 328 quilômetros quadrados. O índice de alfabetização do município alcança 60,9 por cento, um dos mais altos do Estado.

Em termos de representação política, em 1981 havia 20 mil, 972 eleitores inscritos, que elegeram 13 vereadores e o atual Prefeito Vidalvo Costa. Que, em mensagem dirigida à população, reconhece que todo o trabalho ainda não está feito:

“Confiante na ajuda de Deus e de Sant’Ana, prazo aos céus que os caminhos difíceis a serem trilhados durante a minha gestão sejam iluminados e, obtidos os recursos necessários à realização dos serviços públicos que desejo implementar. Gratidão e reconhecimento pela confiança em mim depositada no dia 15 de novembro de 1982 servirão de sustentáculo à concretização dos anseios dos meus munícipes”.

UMA FESTA DO ESTADO

— Como todos os filhos de Caicó, Vidalvo Costa devota à Sant’Ana a sua fé e confia às suas intenções de realizar sempre um bom trabalho. Na Festa Maior dedicada à essa Santa — que hoje deixou de pertencer somente à Caicó e foi adotada por todos os potiguares como uma Festa de âmbito estadual — a Prefeitura mais uma vez diz presente, participando de todos os eventos que integram a Festa de Sant’Ana, e ainda promovendo, juntamente com o Governo do Estado, a Primeira Festa de Artesanato de Caicó e a XV Exposição Agropecuária do Seridó, realizada no Parque de Exposições Walfredo Gurgel.

Câmara Municipal de Caicó: tradição na luta política

Localizado numa das regiões mais ricas do Rio Grande do Norte — o Seridó — o município de Caicó, berço do Senador Dinarte Mariz, é uma cidade de fortes tradições políticas. À essa tradição, tem-se somado a participação ativa da Câmara Municipal de Caicó na história de suas lutas políticas. Hoje, sob a liderança do Vereador Hamilton Teixeira (PDS), que tem colocado-a como fórum de debates voltados estritamente para a comunidade caicoense, a Câmara Municipal não se inibe com as dificuldades de ordem econômico-financeiras porque passam as Câmaras Municipais, notadamente aquelas dos municípios interioranos, e com a tenacidade típica dos caicoenses, cujo arquétipo é a vida pública do Senador Dinarte Mariz, enfrenta dignamente sua missão.

As lutas são várias. Entre elas, destacam-se aquelas voltadas para o desenvolvimento sócio-econômico do município, prioridade do atual presidente da Câmara Municipal, Vereador Hamilton Teixeira. "Das minhas lutas em favor da comunidade caicoense, a qual presente, destaco aquela voltada para implantação de unidades industriais de base, que possam fazer o beneficiamento das culturas agrícolas — tomates e algodão, mais o plantio de feijão — nas terras irrigadas do Perímetro Cabugi". Destaca ainda a vocação da economia caicoense como eminentemente agropecuária e, conquanto leve em conta os cinco anos de seca, que reduziram o rebanho bovino para 30 por cento das suas potencialidades, reivindica junto ao Governo do Estado o repovoamento da população bovina local. O pedido é feito também por, entre outros vereadores, Paulo de Brito e Ivano Pereira.

A área de terras irrigadas

para o cultivo do tomate é de 150 hectares. No total, o perímetro irrigado compreende 500 hectares. Nessas terras, são cultivados especialmente o tomate, algodão e feijão. Como são terras boas para o cultivo dessas culturas, é comum a ocorrência de safras superprodutivas. Nesse sentido, o vereador destaca a necessidade de melhorias na rodovia por onde sai a produção agrícola, especialmente de exportação para Pernambuco. Ele lembra que, na época de inverno, as chuvas deixam a estrada intransitável e o que ocorre é a perda do produto — o tomate, facilmente perecível. As águas para irrigação vêm do Açude Santo Antônio, em São João do Sabugi, descem até a barragem localizada no Perímetro Sabugi e de lá é distribuída nos canais de irrigação.

QUANDO OS VEREADORES CLAMAM — Quanto ao aspecto social, ele chama a atenção para o fato de Caicó possuir hoje um grande contingente de desempregados. Apreensivo, Hamilton Teixeira explica que a cidade viu o número de seus bairros crescer não harmoniosamente, mas de modo que dá a impressão de que os bairros incharam, abrigo para uma população às voltas com uma grande pobreza. Ele aponta o êxodo rural como uma das principais causas para o fenômeno. Clama por um aproveitamento dessa mão-de-obra, o que seria possível também a partir da implantação de fábricas de beneficiamento de suas culturas agrícolas.

Explica ainda que numa iniciativa conjunta Câmara Municipal e Prefeitura, que tem à frente o Prefeito Vidalvo Costa (PDS), uma missão de vereadores e prefeito foi ao Palácio Potengi, quando do fim da Emergência, e em audiência

com o Governador José Agripino, colocou a questão do desemprego naquela cidade. "Caicó tinha sete mil pessoas inscritas no Programa de Emergência, cujo salário por menor que fosse garantia a sobrevivência. Ficou registrada a necessidade de solução urgente".

POTENCIALIDADES DE CAICÓ — Com uma população em torno de 40 mil habitantes, contando com números de 1.090 estabelecimentos agropecuários, 165 indústrias, 394 do comércio varejista, nove do atacadista, sete do misto e cinco bancos, Caicó espera participar mais ativamente do desenvolvimento econômico do Estado. Nesse sentido, Hamilton Teixeira ressalta a importância econômica do município, com potencialidades industriais semelhantes as de Currais Novos, Mossoró e Natal. Todavia, a estrutura administrativa da Câmara não é satisfatória. Reconhecendo a situação, Hamilton tem contado com apoio dos seus colegas vereadores e até mesmo do Prefeito no sentido de minorar o problema.

"A Prefeitura aprovou a construção de mais duas salas no prédio da Câmara, porque falta espaço para reunião das duas bancadas na atual sala de reuniões. As obras, que prevê uma sala para secretaria, serão iniciadas ainda em agosto. Além do mais, fizemos uma reestruturação nos cargos da Câmara, possibilitando a mais da metade dos funcionários receber salários mais dignos. É pretensão também a reestruturação do regimento interno, adequando-o à realidade atual". Disse ainda que vem procurando abrir as portas da Câmara à participação da comunidade, através de um programa na Rádio Rural daquela cidade, realizado ao vivo aos domingos.

Terra Verde: um programa de ajuda ao sertanejo

O agravamento da seca no Rio Grande do Norte, conduzindo à exaustão os mananciais d'água e multiplicando a distância entre estes mananciais e as populações necessitadas de abastecimento, dizimou rebanhos e fez migrar o sertanejo, de sede e fome. E marcou a atual administração do Governo do Estado, fazendo pesar ainda mais as dificuldades do momento presente. O combate aos efeitos da seca e a busca da melhoria das condições de vida dos segmentos sociais atingidos por esse flagelo é uma ação do Governo, concretizada através de vários programas. E de um em especial: o Programa Terra Verde.

O Programa Terra Verde cuida do mais precioso bem humano em lugares onde o sol é inclemente: a água. Por meio da criação de alternativas de maior alcance no combate à seca, tais como a irrigação aproveitando mananciais d'água, e a ativação de serviços agro-econômicos e sociais. O Programa Terra Verde privilegia a produção e a produtividade agrícolas, construindo condições permanentes de absorção da mão-de-obra do campo.

TERRA, ÁGUA E CRÉDITO

— Os objetivos do Programa Terra Verde vinculam-se estritamente às prioridades fixadas pelo Governador José Agripino no que se refere ao meio rural — terra, água e crédito — e figuram como um mecanismo de integração e coordenação de intervenções governamentais nessa área. A princípio, o Programa atuará em zonas restritas — como os vales do Riacho Encanto, os rios Seridó/Acauã e Pium, além de vales úmidos do litoral oriental. Depois, com o próprio amadurecimento, as ações irão se estendendo para as demais regiões do Rio Grande do Norte.

As etapas a serem seguidas nessa ação dizem respeito à habilitação do homem como produtor rural; à implementa-



Governador José Agripino: terra, água, crédito

ção de infra-estrutura geral e local, como eletrificação, armazenagem e obras de engenharia; e ao direcionamento dos serviços agropecuários para as áreas-programa, no sentido de suprir carências de serviços.

PROGRAMAÇÃO — A habilitação do homem como produtor rural tem, como consequência, a sua fixação à terra através de uma ocupação estável. Em consonância com essa intenção, o Programa Terra Verde busca, além dos objetivos já mencionados — ou em reforço a esses — o suprimento do mercado local de alimentos, hoje abastecido por produção de outros Estados, com consequente redução de vazamentos da renda estadual.

A par disso, o Programa poderá transformar projetos federais de represamento d'água no Estado em projetos de interesse local. E ainda é proposta do Terra Verde a demonstração do benefício da irrigação como forma racional de produção rural, em diferentes regiões potiguares.

Na consecução dessas metas, a programação já começou a ser cumprida. No Vale do Seridó/Acauã, por exemplo, está quase concluída a ampliação do Açude Caldeirão. Já estão definidas, também, a construção do açude do Vale do Encanto, uma obra no valor de Cr\$ 500 milhões, a do Boqueirão de Parelhas e a ampliação do Açude Gargalheiras, que atende à região de Acari.

OUTRAS ÁREAS — Várias atividades já têm financiamento garantido por programas e fundos nacionais. Entre elas, estão a eletrificação rural, saneamento básico, melhoria habitacional, pesquisa e extensão e desenvolvimento comunitário.

A seleção de áreas para a execução do Programa depende, principalmente, das possibilidades de resposta encontradas. Ultrapassado o primeiro estágio do Terra Verde, outras áreas além de Encanto, Seridó/Acauã e Pium, serão beneficiadas. Essas áreas enquadram-se por apresentarem perímetros irrigáveis para aproveitamento agro-econômico representados por vales de rios perenes e perenizados, açudes públicos, vazantes e aluviões de rios não perenizados.

Como destaque entre as áreas a serem atingidas pelo Programa, figuram o aproveitamento hidro-agrícola e pesqueiro do Açude Piranhas e do Sabugi, dos açudes de Lucrecia, Olho D'água dos Borges, Tororó, Dourado e Pataxó, tendo como beneficiários pequenos e médios produtores rurais. Também adequam-se às condições desejadas áreas contempladas com projetos de ampliação da disponibilidade de recursos hídricos, como a perenização de rios. Como é o caso do Alto Apodi, Umari, Potengi e Upanema, e das regiões que apresentam pequena e média açudagem.

A meta final é um Rio Grande do Norte com terra verde.

Emproturn vê com otimismo os hotéis da Via Costeira

Quando se fala em turismo potiguar, as opiniões se dividem. Enquanto dados estatísticos da Emprotturn indicam que houve um aumento em torno de 30 por cento no número de turistas que visitam a cidade de 1981 para cá, outras vozes do setor mostram que ainda não se pode falar numa indústria de turismo **made in RN**. Reconhecem, entretanto, que Natal e o litoral do Rio Grande do Norte têm uma grande vocação turística, mas que suas potencialidades ainda não são devidamente aproveitadas. Entre potencialidades turísticas, aproveitadas ou não, o fato mais importante é que o Governo Estadual — e o Governador José Agripino tem mostrado disposição e feito reiteradas declarações a respeito — colocou o turismo entre suas metas prioritárias. E vem acreditando mesmo na Via Costeira.

Agora em agosto, será inaugurado o primeiro hotel da Via Costeira — o Natal Mar Hotel, um três estrelas do empresário Sami Elali — e também está marcada para outubro a inauguração da segunda unidade hoteleira, o Hotel Mar e Sol, categoria duas estrelas e de propriedade do empresário Meira Luís Lundgren. Além disso, há as obras da Escola de Hotelaria, no prédio onde seria a residência oficial do Governador, com inauguração prevista para janeiro próximo, mais o início da construção de seis hotéis de categoria de três a quatro estrelas, portanto pequenas e médias unidades hoteleiras. Mesmo assim, somente em 1987 é que se poderá dizer, com efeito, que existe uma indústria de turismo no Rio Grande do Norte, e que esta está consolidada, pois é quando serão inaugurados os dois primeiros hotéis cinco estrelas do Estado.

Mas, até o momento, ainda faltam algumas definições para se afirmar que Natal ganhará logo dois hotéis cinco estrelas de uma só vez. Os estudos nesse sentido estão sendo analisados pela Embratur, no Rio de Janeiro. A Emprotturn está envidando esforços para que sejam aprovados, exatamente pelo fato de serem os pri-

meiros cinco estrelas da cidade, que já possui um fluxo bom de turistas, especialmente nas épocas de alta estação (meses de férias). Este fluxo vem registrando uma tendência de aumento no número de turistas que visitam Natal e o Estado, segundo declarações do presidente da Emprotturn, Augusto Carlos de Viveiros.

QUEM FAZ TURISMO — A crise existe, todo mundo sabe. Mas o turismo parece que foi pouco afetado. Afinal de contas, tanto na última alta es-

tação quanto nessa atual, os hotéis estão lotados. O que dá uma tradicional **performance** do turismo e até da hotelaria natalense, que mesmo Augusto Carlos de Viveiros afirma se resumir em três hotéis: Ducal, Othon e Reis Magos. Disse, ainda, que até a Vasp colocou recentemente um avião maior, decolando de São Paulo, dado o número de passageiros para Natal. E mostrou a estatística do turismo potiguar: em 1981, foram registrados 99 mil 326 apartamentos ocupados; em 82, esse número pulou para 107 mil 493; e, em 83, aumentou para 118 mil 514. De 81 para 82, os percentuais registram um acréscimo de 8,2 por cento; e de 82 para 83, mais 10 por cento. E de 83 até o final deste ano e início do próximo, época de alta estação, Augusto Carlos acredita que esse percentual fique em torno de 30 por cento.

A propósito da instalação de uma

A outra face da cidade que natalense não visita

Que o natalense conhece a sua cidade, parece não haver dúvidas. Porém, apesar de saber curtir muito bem suas praias, e de se orgulhar de mostrá-las aos turistas, não se pode dizer o mesmo quanto a outros locais da cidade, que o potiguar acaba deixando de lado, ainda que encantem os turistas. Isso sem contar as festas tradicionais, como por exemplo a de Santos Reis, no período do ciclo natalino, que anda esquecida pelas novas gerações, embora tivessem feito a alegria das gerações passadas, saudosas do encanto e beleza daquelas festas. Um desses locais pouco valorizado pelo cidadão natalense é a Pedra do Rosário, onde apenas algumas pessoas têm sensibilidade, até poética, para apreciar um dos mais belos pôr-do-sol da cidade.

Um desses privilegiados, Glória Góis, 26 anos, «admiradora dos poetas da cidade», é freqüentadora habitual da Pedra do Rosário: «É um visual muito bonito. O encontro do rio Potengi com o mar, o cais, os navios navegando devagar, a visão da Praia da Redinha, o pôr-do-sol, tudo ali é mesmo muito bonito».

ESTAR EM CASA — Na realidade, mesmo jovens desse tipo, Irrequietos e herdeiros de uma certa cultura pop, acabam descobrindo sempre outros lugares e passam a curtí-los. Hoje, por exemplo, o grande ponto-de-encontro das gerações jovens é o Baixo Petrópolis, local de reunião de uma boemia intelectual e onde os turistas podem se sentir à vontade, como se estivessem em casa. E é esse o estado de espírito predominante entre os turistas, sempre elogiando o tratamento simpático com que os natalenses recebem os seus visitantes. Sem, no entanto, seguir-lhes o exemplo, e omitindo de seus roteiros de lazer locais interessantes, como por exemplo o Forte dos Reis Magos e Museu de Antropologia Câmara Cascudo, bem visitado pelos turistas.

“O próprio local onde está o Centro de Turismo”, comenta Glória, “poderia ser melhor curtido, porque ali se pode ter um bom visual da cidade e praias, principalmente deveria ser mais dinamizado e, além da venda de artesanato e programas de música, deveria estar aberto para os artistas, tanto no teatro e exposição de artes plás-

melhor infra-estrutura para o turismo receptivo, Augusto Carlos destacou a importância da instalação da Escola de Hotelaria, cujas obras foram iniciadas há cerca de três meses, a qual formará e especializará a mão-de-obra hoteleira, ao mesmo tempo em que funcionará como hotel, sendo administrada pela Emproturn. Os custos da construção são da ordem de Cr\$ 400 milhões, e mais Cr\$ 200 milhões só em equipamentos. Explicou,

ainda, que esta obra e a dos dois hotéis que serão inaugurados nos próximos dias, sofreram atraso principalmente por dois motivos: o atraso de 30 dias na concorrência pública para as obras do Hotel-Escola e as recentes chuvas, que prejudicaram o andamento das construções.

“Serão os primeiros hotéis do Brasil construídos na areia da praia, na frente da estrada, mas que não prejudicarão a paisagem”, comentou Au-

gusto Carlos. Adiantou, também, que já foram liberados recursos do Fungetur da ordem de Cr\$ 600 milhões, repassados através do BDRN aos hoteleiros que construirão os outros seis hotéis, e que as obras começam agora em agosto. Quanto à questão de segurança para os turistas, já que a Via Costeira abrange nove quilômetros e que esses hotéis ficarão em espaços pouco povoados, Augusto Carlos afirmou categoricamente que não será problema, haja vista a presença de policiais em seis PM-Box dispostos cada um a uma distância de pouco mais de mil metros do outro, além de viaturas policiais rondando, desde já, aquela área.

Satisfeito, Augusto Carlos disse que a Emproturn também está agilizando seus pacotes turísticos, e já tem programado para meados de 1985 o projeto «Conheça Natal na Paz», elaborado conjuntamente com

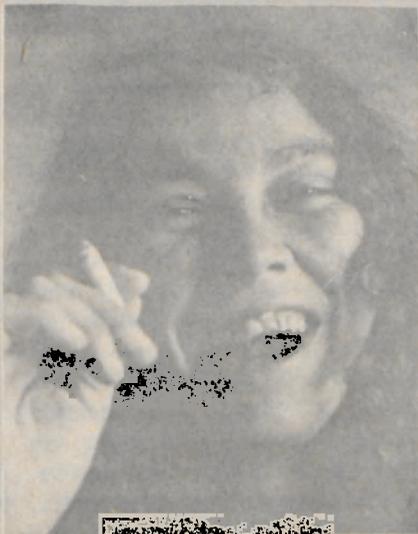


Natal não é só litoral

ticas, como na música e lançamento de livros”. Ela sugere, ainda, que a Emproturn reative o serviço de lanchas entre Natal e a Praia da Redinha. Quanto às praias, aponta Ponta Negra como uma das mais bonitas, e inclui no elogio as praias do litoral norte.

O turista Miguel Paulo Rodrigues da Silva, que há cerca de um ano passa por Natal pelo menos uma vez por mês a serviço como piloto de avião, afirma que Natal é uma das cidades mais bonitas e agradáveis do Nordeste. Ele fala isso com a experiência de quem viaja muito, e com a autoridade de um baiano de Salvador. “Me sinto em casa”, ao se referir a Natal e seu povo, que também considera muito hospitaleiro. Aplauda o serviço de atendimento do Ducal Palace Hotel, dos restaurantes e bares e aprecia o clima. Só indica um defeito: o natalense não sabe dirigir seus automóveis. “O trânsito é muito caótico, apesar das avenidas serem largas e modernas”.

O NATALENSE DESCOBRE O MUNDO — Quanto ao turismo de exportação, ou seja, aquele que leva o natalense a outras terras do Brasil e exterior, esse vai bem. A informação é de Pery Lamartine, da Agência de Viagens Aerotur, a mais antiga da cidade, e especial-



Glória Góis

zada em turismo de exportação. Ele afirma, bem humorado, que o natalense está descobrindo o Brasil e o mundo. Só nessas férias de meio de ano, mais de 700 pessoas viajaram para fora, em excursões de recreio. A maior parte com destino à Disneyworld, em Orlando, na Flórida. E para países da Europa Ocidental, onde começam a excursão por Portugal e passam pelas capitais e principais cidades da Espanha, França, Itália, Áustria, Suíça, Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra.

“O pacote turístico sai em cerca de Cr\$ 4 milhões e 900 mil, por pessoa. Isso com direito à passagem de avião, hotéis, refeições, passeios em ônibus confortáveis e ingressos em espetáculos. Nossos turistas embarcam em avião no Recife, e são recebidos em Lisboa, pelas operadoras de turismo das quais somos representantes aqui”. O natalense, continua Pery, está descobrindo o mundo agora. Há dez anos, se vendia 10 passagens para o exterior, anualmente. “As excursões terrestres no Brasil, que saem daqui, partem mais para as Cataratas da Foz do Iguaçu, Pantanal Matogrossense e Estados do Sul. Para o Norte, pouco hoje em dia. Manaus já foi atração. Mas, devido aos preços altos em Manaus, a atração agora é Porto Strossner no Paraguai, zona franca perto da Foz do Iguaçu”.

a Nortel e objetivando trazer americanos que passaram pela cidade na época da Segunda Grande Guerra Mundial. Lembrou que já está funcionando a Casa do Rio Grande do Norte, em São Paulo, espécie de embaixada sócio-cultural e turística potiguar e que foi recentemente inaugurada, mostrando o melhor da nossa culinária, artesanato e artes plásticas. Além do Centro de Convenções, a primeira obra inaugurada na Via Costeira.

ECONOMIA VIA TURISMO — A construção desses hotéis, por estar dentro do esquema montado pelo Governo para desenvolver nosso turismo, conta com a participação acionária do próprio Governo através do valor do terreno, elaboração da cartaconsulta-empresarial para a Embatur e apoio técnico, que se dará através da formação da mão-de-obra para os hotéis. A par disso, o Governo dará isenção de ICM por cinco anos: no primeiro ano, será de 80 por cento, e esta percentagem diminuirá de 20 em 20 por cento até o final da isenção. A

Sudene terá participação acionária, junto aos hotéis de cinco estrelas, através do Finor. A Prefeitura do Natal é quem ainda não concedeu nenhum abatimento na arrecadação de ISS para essas novas unidades hoteleiras, mas está estudando a possibilidade. No geral, a construção desses nove primeiros hotéis demandam recursos de Cr\$ 3 bilhões. Comentou ainda que, somando os dois hotéis cinco estrelas, essas cifras sobem para Cr\$ 28 bilhões. "Sai caro", concordou Augusto Carlos, "por isso mesmo começamos pelos pequenos hotéis".

E conclui:

"Quando eu falo em pequenos hotéis, embora realmente não sejam, é porque, se comparados ao Costeira Palace Hotel, o cinco estrelas do grupo Benhayon, aqueles ficam pequenos. Sem dúvidas, será uma obra grandiosa. Colocará Natal em nível de turismo realmente internacional, pois o seu projeto, de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, já começa a ser conhecido no exterior, e tem tido grande repercussão". □

CULTURA I

No panorama natalense, a arte pede passagem

Elba Ramalho estava fulgurante, belíssima. Quando ela entrou em cena, num pirotécnico palco montado no Palácio dos Esportes, em meados de junho, encontrou uma platéia baseada em torno de três mil pessoas, a maioria jovem, que pagou um ingresso a Cr\$ 5 mil para ver a estrela paraibana que a mídia do Sul do País produziu. Ela veio a Natal trazida pelo empresário Airton Galvão, o mesmo que logrou lotar as dependências do Castelão quando ali botou, no ano passado, em cima de um palco ainda mais feérico, nada menos do que Rita Lee e Roberto de Carvalho. No mesmo mês em que Elba nos visitava, os músicos natalenses Jorge Macedo, Carlinhos Moreno e Saliel Borges, com o espetáculo «Percep-Sons», carreavam para o vetusto Teatro Alberto Maranhão um público que não chegava a 700 pessoas.

Por que o público do Estado não prestigia seus produtores de arte? O problema, na verdade, não é do Rio Grande do Norte, mas do Nordeste, do Norte, das regiões menos desen-

volvidas. Afora a situação de penúria em que se encontra submersa a classe média, principal consumidora dos produtos culturais, há que considerar o descrédito que enfoca os santos de casa, que, confirmando o ditado, realmente não fazem milagre. E não se trata aqui de referir-se apenas à música, mas a todos os setores onde labutam os criadores de arte.

Veio o Balé Estagium, que fez fama e deitou e rolou nos palcos da Broadway, do Olímpia, e de outras partes do mundo, e conseguiu um volumoso público sequioso de conhecer ídolos televisivos. Público este que não se solidariza com um trabalho de qualidade semelhante que vem sendo desenvolvido, na dança, por grupos de todo o Nordeste. Esta constatação pôde ser feita durante o I Ciclo de Dança de Natal, ocorrido de 28 de junho a 14 de julho, no TAM, é que teve uma platéia composta, em sua esmagadora maioria, pelos parentes dos dançarinos.

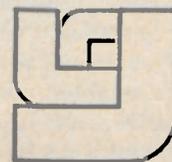
DEPENDÊNCIA DA DIVULGA-

TUDO EM FERRO E AÇO PELO MENOR PREÇO



Ampliando o seu atendimento em Natal, **COMERCIAL JOSÉ LUCENA** põe à disposição, no mês de agosto, mais uma loja, agora especializada em produtos de ferro e aço das melhores marcas. Com uma área de 800 metros quadrados, situada na Av. Presidente Bandeira, 882, Alecrim, a nova loja significa mais opções para a indústria de construção civil da cidade. Sendo a primeira em Natal a adotar o uso de *balança industrial com capacidade para pesagens de até 60 toneladas*, a nova loja dispõe de ferro redondo para construção civil, ferro quadrado e chato, barras e cantoneiras. Dispõe também de chapas pretas e galvanizadas **A PREÇOS DE FABRICA** e para atendimento em grosso e a varejo.

Melo sério fornecedor de qualidade



COMERCIAL JOSÉ LUCENA LTDA.

Agora também com a loja de ferro
Av. Presidente Bandeira, 882,
Alecrim — Fone: 223-4820

ÇÃO — O diretor do Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen), do MEC, Celso Cardoso, que veio dar apoio logístico ao I Ciclo e trouxe a exposição «Balé — 50 Anos de Visitantes», com a proposta de mostrar como o balé clássico se instalou no Brasil, acredita que “a frequência aos espetáculos depende da divulgação”. De qualquer forma, ficou admirado com a média de público que assistiu aos espetáculos, pagando um ingresso de Cr\$ 1.500,00, e com o número de alunos — 110 — que se inscreveram, a preços de Cr\$ 5 mil, para participar de aulas, debates e shows. No I Ciclo de Dança de Natal — que tem tradição no Rio, onde nasceu, e em várias outras capitais — o professor Roosevelt Pimenta, diretor de uma academia que congrega um acentuado número de jovens dançarinos natalenses, viu “uma abertura e uma visão maior do que é o movimento de dança na cidade”.

“O movimento estava num gueto”, disse. “Cada grupo preparava seu espetáculo e apresentava à sua clientela”, confirmou ele, o que aconteceu na noite em que ele dirigiu «Celebração Nordestina», dançada pelo corpo de baile do Balé da Cidade do Natal, que ele dirige, quando se viu apenas parentes e amigos dos seus 20 componentes. “O ciclo veio trazer todo mundo que dança para ver todo mundo”, corrobora. Roosevelt reclama, contudo, de uma associação que reúne a categoria, para a discussão de seus próprios problemas.

Na área das artes plásticas, o crítico Franklin Jorge observa que “houve uma queda brusca no nível da produção atual” “Pintar representa sempre um investimento considerável”, pondera. “Talvez porque exija mais recursos materiais e, com a recessão do mercado, pintar se tornou proibitivo, com os preços das tintas, telas e pincéis”. Enfocando o mesmo tipo de problema levantado por Roosevelt Pimenta, Franklin se diz avesso à criação da Associação de Artistas Plásticos Profissionais, porque “criou a ilusão de mercado de trabalho, gerando a realização de eventos sem consistência”. E salienta: “Quero deixar bem claro que não sou contra a existência de associações de artistas ou de escritores, desde que façam parte da realidade e que não sirvam para engrossar equívocos. Para o artista ser realmente profissional no Brasil seria necessária uma revolução cultural e não um golpe de

Estado. Somente mudando a mentalidade, mudaria o sistema”.

Para a mudança dessa mentalidade, muito influencia a imprensa, que forma a opinião pública, e o espaço que os jornais de Natal dão aos produtores de arte locais é o mínimo possível. De outro lado, a própria publicação, no caso da literatura, da copiosa produção da prosa e da poesia dos jovens valores, encontra os mais sérios reveses. Franklin lembra a ociosidade dos órgãos oficiais e o combate permanente desses autores. “Creio ser desnecessário acrescentar

atores de Natal. “Pelo que vi, a terra produz bons talentos, mas que não são valorizados e que se vêem obrigados a ir para o Sul. Existem bons atores, que lutam contra tudo e contra todos, impondo a sua arte, mas não encontram eco do seu trabalho. É um processo que Natal está vivendo por desleixo de seus governantes. A arte, aqui em Natal, está em décimo lugar”.

O instrumentista Jorge Macedo vem de encontro a Peixoto, salientando que este tipo de preconceito não está limitado a Natal, e se alia a



Jeslel Figueiredo: exemplo de persistência

que esses autores existem a despeito mesmo de todos os projetos oficiais, que, pelo que está visto, têm beneficiado apenas os medalhões e os autores consagrados na província. Os jovens estão alijados do processo cultural”.

Referindo-se criticamente ao papel da imprensa na divulgação dos valores da cidade, o poeta Osório Almeida, que edita o jornal alternativo «Rangal», afirma que “no autoritarismo não há criatividade”. “Quando a imprensa natalense permite a descoberta de novos talentos, cumpre um papel relevante. Criatividade é possível apenas com liberdade de ser e de poder, de agir e obter”. Para Osório, o jornalismo pode contribuir enormemente para uma nova sociedade, respeitando a opinião pública.

ARTE EM NATAL: DÉCIMO LUGAR — Chegado há pouco para apresentar o monólogo «Frei Molambo: Oraí pro Nobis», o ator e diretor teatral carioca Flávio Peixoto viu-se admirado com o desprestígio que têm os

Osório Almeida acerca das propostas **piratas**. “Basta ver que tudo que se refere à música instrumental tem a ver com coisas alternativas. O grande número de instrumentistas que tem aparecido no Brasil todo ainda não conseguiu criar uma situação melhor. Se no País é assim, imagine em Natal”. Tanto para Jorge como para a maioria dos músicos, seu trabalho normalmente não é valorizado nem remunerado. “Os bares, por exemplo, não encaram o que fazemos como um trabalho”, afirma Jorge. “Os donos acham que é mais uma curtição, uma brincadeira. Pensam que, por uma cerveja, a gente deve tocar a noite inteira...”.

A compositora e intérprete Lucinha Morena toca em outra tecla, afirmando que, para o artista ter público, tem que ter carisma. “O artista tem que ser carismático para encher um teatro, tem que ser feiticeiro, como eu faço. Se neguinho tem público e eu não tenho, o problema é meu. A música é uma magia. O artista de fora tem mais trabalho do que a gente.



Nossos artistas atraem público pequeno



Há muitos valores ocultos

Um artista que gravou um disco tem mais caminho do que eu, que ainda não gravei. Eles estão mais à frente e contam com a imprensa, que dá todo apoio”, desabafou Lucinha, que teve a possibilidade de eletrizar a platéia do Projeto Pixinguinha, em 83, quando cantou numa brecha do show de Arrigo Barnabé.

De qualquer forma, aliado ao preconceito, está o custo de vida, que não permite se trocar um quilo de carne por uma peça de teatro, um disco ou um livro. Quem assim fala é o escultor Jales, 49 anos, que tem suas obras adquiridas pelo poder oficial, como é o caso do «Agricultor», patrimônio do Palácio Potengi, e o recente contrato assinado com a Prefeitura Municipal para a produção de 20 peças a serem instaladas nos mais diversos pontos da cidade. “O Público de classe média, mais aculturado, não compra mais minhas talhas, estatuetas e nem pede trabalhos de escultura. Eu muitas vezes dou as obras, mas só àqueles que sentem realmente o que estou transmitindo. Como os que ficam horas e horas olhando o trabalho sem condições de comprar. Eu já cheguei a ensinar a um professor da Escola Nacional de Artes Plásticas, do Rio de Janeiro, e aqui passo longos períodos sem trabalhar a pedido. Agora, estou nesse projeto da Prefeitura e vamos ver como vai ficar”, comenta Jales.

A DANÇA TEM ESPERANÇA — Aparentemente nem tudo está perdido. Pela visão da professora pernambucana Isolda Pedrosa, do MEC, que veio assessorar Celso Cardoso na instalação do I Ciclo de Dança, do Nordeste é que sairá uma nova e radiosa expressão na dança, pelo menos, assim como atualmente acontece com a

música. “Acerca da dança, o público consumidor em Natal talvez não estivesse formado. Mas, obtivemos uma boa receptividade. Não sei se é o preço, mas, durante o Ciclo, houve uma freqüência maior às aulas do que aos espetáculos. Quanto ao produtor de arte, é o que vemos: o artista quando vai para o Sul vira realmente um artista”. “Agora”, prossegue, “ouvi da professora Marise Mathias,

de São Paulo, que se nós tivermos uma técnica absolutamente brasileira de dança, ela deverá sair do Nordeste. Somos mais puros, intuitivos, temos uma criação coreográfica e não somos tão massacrados por uma cultura que vem do exterior. Veja que os comerciais de TV estão usando muito a dança, e utilizando modelos e temas nordestinos”. Elba Ramalho que o diga... □

CULTURA II

Cresce no Estado o novo mercado da editoração

Em seu **Jornal de WM**, coluna da **Tribuna do Norte** assinada por Woden Madruga, o jornalista quase que diariamente informa sobre lançamentos literários da cidade. E dado o grande número de livros lançados, Woden não perde tempo: afia a sua ironia e, com aquela sua elegância bogartiana, redige comentários como esse, publicado na edição de TN de 19/07/84: “**De produção.** Tem livro aí pronto para ser lançado que não tem cristão que acabe. O segundo semestre vai ser uma badalação só. Só de prêmios literários (ficção, poesia, ensaio, o diabo) mais de meia dúzia. Somando os primeiros lugares dessas maratonas, tome livro aí que não acaba mais. Isso sem falar nos autônomos. Imagine se Proust morasse por aqui...”

Ironia wodeniana de lado, partindo-se para uma análise mais séria, notadamente levando-se em consideração o tamanho da cidade e sua estrutura sócio-econômica e cultural (onde a maior parte da população mal

sabe assinar o nome e não compra sequer aqueles livrinhos de bolso com histórias de faroeste e romances), é surpreendente o fato da edição de livros, ao invés de ter diminuído a sua produção por causa da crise que vem onerando os custos gráficos, ter aumentado de tal forma que hoje faz parte da vida social da cidade a badalação dos lançamentos. Quando há até bem pouco tempo, os empolados discursos naqueles lançamentos só atraíam os confrades literatos e os familiares do autor.

Mas o empoeirado contexto provinciano literário vem mudando gradual e irreversivelmente para melhor, a favor de uma estrutura mais profissional. A mudança ainda é pequena, mas facilmente perceptível tanto por quem edita, quanto pelo editado e até pelo leitor, que também sai ganhando com essas mudanças no mercado editorial. Afinal, por exemplo, está se tornando passado o tempo em que a maioria das capas dos livros editados em Natal mataria de vergonha qual-

quer programador visual, ou **designer**, mais honesto. A tendência também é que, apesar da quantidade, a qualidade literária não caia. Para tanto, hoje os editores assumem a corajosa postura de evitar o máximo ter de publicar notórios mediócras, aquele tipo de «medalhão» que sempre sempre apela até para os políticos quando quer publicar um dos seus trabalhos.

ESCRITOR POTIGUAR VENDE?

— A resposta varia muito, mas é fato que existe na cidade uma tradição em lançamentos literários. O editor e livreiro, Carlos Lima, prefere não falar em lucros. Ele afirma e reafirma que é mais uma contribuição cultural ao Estado, valorizando o autor da terra. Já um dos diretores da mais nova editora particular de Natal — a Nossa Editora — o escritor Pedro Simões, afirma por sua vez que a proposta é valorizar o autor potiguar. O

uma editora de lá, para distribuição a nível nacional. Mas, por ora, a empresa ainda está se estruturando financeiramente. “Nossa Editora é uma empresa doméstica, uma espécie de mutirão. Trabalhamos com pequenas tiragens, de 500 a 1.000 exemplares. Parte da tiragem, geralmente, é vendida no lançamento, em bares e restaurantes, o que torna o acontecimento mais interessante”.

Apesar das barreiras de ordem econômica que a editora tem enfrentado, a equipe tem tido coragem para publicar não só bons autores, mas também livros com temas polêmicos. Cita o «Já Somos Quatro Mil», do Padre José Luís, obra que ele aposta que terá repercussão nacional. Cita também duas obras cujos os autores bancaram os custos: «Introdução ao Estudo da História», do professor da UFRN João Wilson Mendes Melo, e «Cartas da Redinha», do jornalista Vicente Serejo, ambos edições de 500 exemplares.

AUMENTO NA PRODUÇÃO —

Quem também aumentou a sua produção editorial foi a Fundação José Augusto. O presidente da FJA, Valério Mesquita, disse que o órgão dispõe de Cr\$ 10 milhões para edição de livros. Reconhece que essa cifra mal daria para publicação de cinco livros de 100 páginas, de tiragem de mil cópias. Por isso mesmo, a FJA partiu para co-edição, tanto com editoras do eixo Rio-São Paulo, quanto com editoras de Natal e até a Gráfica do Senado. “ Fizemos planejamento de recursos antecipadamente, e incrementamos nossas co-edições. Contamos com recursos de empresas privadas e MEC, além de anulação de rubricas orçamentárias destinadas a viagens e diárias para serem transferidas em investimentos no plano editorial”, explica, enfático, Valério Mesquita.

Enquanto as editoras de Natal, cobram maior apoio da FJA na co-edição de livros, os jovens escritores criticam a entidade por não abrir espaço para eles. Valério se defende das críticas, mostrando que a entidade cultural escolheu como metas prioritárias para 1984 a restauração de monumentos e a editoração; e que não é verdade que a Fundação José Augusto não abra para os jovens. Citou a edição do livro «Poesia RN — Geração Alternativa», antologia que reunirá os poetas jovens da cidade e que já está no prelo, numa co-edição com a Nossa Editora. Citou também os livros de poesia de dois jovens escrito-

Carlos Lima: livros caros

que vem conseguindo pelo número de livros publicados na coleção «Pretexto», representativo o sucesso da Nossa Editora. De setembro de 1983, quando foi fundada, até agora, a editora já publicou 25 livros — 23 deles com patrocínio de empresas da iniciativa privada, o que significa a publicação de três livros por mês.

Pedro Simões não esconde, inclusive, que a diretoria da empresa — formada por Joventina Simões, o arquiteto Ari Rocha, ele mesmo, mais as esposas, Ângela Simões e Miriam Rocha, além da assessoria de uma equipe de professores da UFRN — está entrando em contato com uma distribuidora do Recife, para distribuir os livros no Nordeste, e uma distribuidora do Rio de Janeiro, ligada a



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é com gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARA**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Moraes, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para o seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARA** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a preços *se in igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARA — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

ARMAZÉM PARA
**IMPORTADORA
 COMERCIAL
 DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
 PABX (084) 223-4977

res, Marize Castro, vencedora do concurso de poesia da FJA em 1983, e de Vicente Vitoriano.

Mas críticos da área, em conversas no Café São Luís, no Grande Ponto, garantem que há escritores jovens sem conseguir publicar livros pela FJA. Citam o livro de Vicente Vito-

riano, que está nas gavetas da FJA há meses e até agora, ficou na promessa. Isso sem contar o caso do poeta Varela Filho, classificado em segundo lugar no concurso de poesias da FJA em 1982, que nem foi publicado nem sequer ganhou o dinheiro do prêmio. O título do livro: «Eros

A situação é ruim: custos altos e várias demissões

Os altos custos com a matéria-prima, em parte importada, é um problema que sempre causou dores-de-cabeça aos empresários da indústria gráfica. Especialmente o preço do papel, quase que mensalmente reajustado, responsável por boa percentagem no custo final dos serviços das gráficas, desde aqueles mais modestos como, por exemplo, a impressão de talões de notas fiscais até a edição de livros, revistas e jornais. Após a crise do petróleo e a consequente crise econômica que atingiu em cheio os países em desenvolvimento como o Brasil, levando os derivados de petróleo a preços proibitivos, a indústria gráfica foi atingida com um golpe brutal. Pois não apenas as gráficas que lidam com off-set mas até mesmo as pequenas tipografias usam aqueles derivados, tais como fotolitos (apenas em off-set) e tintas. Sem falar na questão estritamente política.

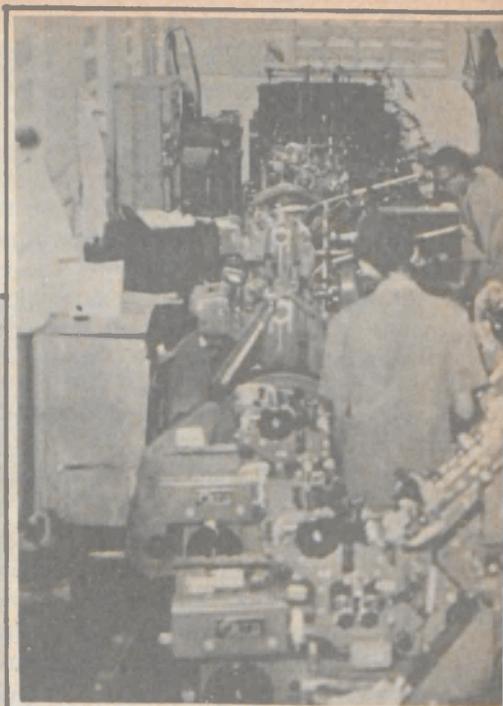
O desemprego no setor, aguçado de um ano para cá, fez com que surgisse dezenas de pequenas gráficas na periferia, tipo firmas «pé de escada», se revertendo assim naquilo que poderia se chamar de pedra no sapato das médias e grandes gráficas de Natal. Afinal, devido a sua condição de pequenas, não pagam ou estão atrasadas com os tributos — ISS — e encargos sociais, como o FGTS. Assim, oferecem um preço mais barato e acabam atraindo clientes — especialmente comércio e indústria, estes por sua vez também atingidos pela crise econômica. As encomendas — talonários, papel timbrado, envelopes para correspondência interna, etc — no final das contas, saem por um preço menor

mas não satisfazendo nem o cliente nem muito menos o proprietário, o primeiro por causa da qualidade inferior e o segundo porque cobra aquém dos custos.

Para complicar a situação, os proprietários não têm uma entidade patronal, onde pudessem discutir seus interesses e estabelecer um preço mínimo para os serviços. Tentativas nesse sentido foram feitas. O desejo de torná-la realidade parte especialmente daqueles mais conscientizados da importância social da indústria gráfica, tanto como empregadora de mão-de-obra especializada, como também pela prestação de serviços, geradora de recursos para o município, arrecadados através do ISS.

SETOR PROBLEMÁTICO — O proprietário da Gráfica Nordeste, Antônio Mariano, um dos mais antigos do ramo, afirma pessimista que a indústria gráfica está agonizando. Acusa a crise econômica, mas lembra também o problema da concorrência desleal, que parte até do Governo Estadual ao exigir que todo seu material seja impresso na CERN — Companhia Editora do Rio Grande do Norte. Concorde inclusive que, por causa disso tudo, a sua gráfica está mal financeiramente e atrasada com o INPS. «Não vejo solução a curto prazo, a não ser parar. Afinal, Natal só comporta no máximo 17 gráficas, que era o número existente até dois anos atrás. Hoje, tem o dobro. Com uma gráfica em cada esquina».

Apesar de, já este ano, ter publicado três livros ou plaquetes («Tessitura», poesias de Jair Figueiredo, «Cadernos de Evangeli-



zação Para Jovens» e «Natal é Assim», ambos de Padre Eymard), Mariano é de opinião que o que vem sustentando o setor, especificamente a sua oficina, é a impressão de talonários fiscais e blocos de receiptários. Quando antes a variedade de encomendas era muito maior, e hoje o leque de serviços está quase fechado. Daí, uma das consequências inevitáveis é a demissão de funcionários. Apenas esse ano, ele despediu 23 empregados. Hoje, tem 15. Apertado pela crise, ele não nega a possibilidade de novas demissões.

«A Gráfica Manibu vem conseguindo sair do vermelho». A informação é de Valério Mesquita, presidente da Fundação José Augusto, órgão público para o qual a Gráfica trabalha, ou de certa forma trabalhava. Porque, em vista dos altos custos para edição de um livro — em torno de Cr\$ 1 milhão e meio, aqueles com 100 a 150 páginas — a FJA tem publicado seus livros em regime de co-edição. Especialmente com gráficas-editoras do Sul do País: a Gráfica do Senado, e algumas de Natal, como por exemplo a Clima, RN/ECONÔMICO e a Nossa Editora. «Como a Manibu não tem condições de absorver todo plano editorial da FJA», conta Valério Mesquita, «a sua sobrevivência e manutenção dependem de encomendas particulares». A Gráfica, disse ele, vive de rendimentos próprios.

Afirma, ainda, Valério que a si-



tuação financeira da Manibu, hoje, está equilibrada. Até recentemente, entretanto, era comum o atraso nos salários. Valério comenta: "Já estamos pagando os funcionários com o último reajuste salarial, ocorrido em junho". Todavia, a Manibu ainda está pagando parceladamente a sua dívida junto à Previdência Social. Ao contrário do que ocorre em outras gráficas, o problema lá é o emprego. Há quem diga que a diretoria da FJA vem praticando uma política de empreguismo, com vistas a dividendo políticos. Valério se defende das acusações, afirmando que 27 funcionários é o mínimo indispensável para uma gráfica que trabalha com linotipo e off-set.

GRÁFICAS-EDITORAS — A Clima Artes Gráficas e Editora, segundo o seu proprietário Carlos Lima, não vem sentindo o aperto dos efeitos da crise porque a empresa comercializa cerca de 70 por cento da produção para impressos nas suas próprias livrarias. Além dele ressaltar que conta com clientes antigos e participação em tomadas de preços, já que sua firma está incluída entre as poucas que podem participar de licitações públicas, porque paga em dia suas obrigações sociais. Quanto à edição de livros, impressos naquela gráfica, ele diz que é mais uma contribuição cultural ao Estado, valorizando o autor da terra "e sem fins lucrativos". Embora haja quem consi-

dere Carlos Lima um mecenas, ele explica que, hoje, dado o alto custo de um livro, o autor entra com 50 por cento e recebe metade do número de exemplares, cabendo à editora a comercialização inicial da outra metade, ou seja, o lançamento literário.

O diretor administrativo da Gráfica RN/ECONÔMICO, Fernando Fernandes, reconhece também que a indústria gráfica está em crise. Apesar da empresa estar em satisfatória situação econômica, tendo conquistado o primeiro lugar entre as gráficas particulares na lista de contribuintes de ISS da Secretaria Municipal de Finanças, ele explica que os serviços diminuíram para todas. Denuncia, inclusive, que um bom volume de serviços gráficos, feitos através de licitações públicas pela Secretaria de Administração, estariam sendo abocanhados por gráficas fora de Natal. Especialmente, de João Pessoa. "Teoricamente, por um preço mais baixo", critica Fernando.

"Talvez o fato se deva à qualidade e o peso do papel certamente inferiores. Ou até mesmo à quantidade não ser exata". Apesar de ser uma hipótese, Fernando explica que, como se trata geralmente de serviços de grande volume, e vindos de fora, não acredita que nos almoxarifados se conte folha por folha. "Para prejudicar mais, as gráficas de fora têm os mesmos direitos que as de Natal, embora

Assustado».

Na área da UFRN, problemas. Até na Editora Universitária. A Editora, que na época do ex-Reitor Diógenes da Cunha Lima, publicava uma média de 100 livros por ano, diminuiu seu ritmo de produção de tal modo que hoje praticamente suas máquinas

apenas as daqui paguem os impostos do município, além da própria manutenção da mão-de-obra do ramo".

Questiona também o grande número de gráficas pequenas, que trabalham sem um controle de custos. A consequência mais questionável é o subemprego, porque aquelas firmas não pagam obrigações sociais nem o funcionário é contratado com carteira profissional assinada. Além disso, quando a gráfica é menor ainda o próprio dono é linotipista, chapista, impressor e cobrador do serviço. "Ele esquece de somar todas essas funções para tirar um salário melhor. Na realidade, tirado o capital dos custos, o que sobra geralmente não chega a somar dois salários mínimos". Conquanto ache necessária uma conscientização da classe patronal para o problema, Fernando é descrente quanto à possibilidade da classe vir à mesa debater. "O ideal seria estabelecer um preço mínimo para os serviços. O preço maior dependeria principalmente da rapidez do serviço e sua qualidade. Assim, haveria condições de todos trabalharem e ganharem dinheiro".

Mesmo assim, ele é descrente, especialmente pelo fato de a própria Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte ter apoiado iniciativa nesse sentido, que não conseguiu dar maiores frutos. Foi quando a Fiern, através do Centro de Apoio à Média e Pequena Indústria, promoveu há um ano atrás a vinda do professor Sílvio Araújo, do Senai de São Paulo e especialista em custos da indústria gráfica, para tentar implantar o sistema de custos nas gráficas de Natal. "Mas até hoje, a maioria ainda faz os cálculos de maneira empírica, sem levar em consideração o custo real da matéria-prima e da mão-de-obra, pois, em alguns trabalhos, só os custos com a mão-de-obra ficam em torno de 40 a 50 por cento", conclui Fernando.



Para Pedro Simões, mercado promissor

estão paradas. Um exemplo significativo é do livro de poesias «Sal da Palavra», de Luís Carlos Guimarães, que passou um bom tempo nas gavetas da Editora. Após intervenção pessoal do autor, o livro finalmente vai sair em co-edição UFRN, FJA e Dois Pontos.

«BEST-SELLER» NATALENSE — Para surpresa geral, segundo constatação feita junto aos editores, o escritor natalense vende mais que o escritor de fora. Mais interessantemente, apenas fora das livrarias. Lá, mofo nas prateleiras. Num lançamento literário, o autor potiguar vende em média 200 a 300 livros, enquanto aqueles vendem cinco, dez livros por livrarias. Perdem apenas para os **best-seller** mais famosos como Morris West, Harold Robbins, Neymar de Barros, Cassandra Rios, Marcelo Paiva. O exemplo mais significativo de **best-seller** natalense, depois de Luís da Câmara Cascudo, é o jornalista e poeta Celso da Silveira, autor de «Glosa Glosarum», na terceira edição, além de «O Homem Ri de Graça», já com a sua primeira edição esgotada, e «Tempo de Rir», lançado em junho e com a tiragem também quase esgotada.

Somando, dá quase cinco mil livros vendidos, já que a edição média é de 1 mil exemplares, o que coloca Celso da Silveira na situação privilegiada de disputar o título de **best-seller** até mesmo com autores de renome nacional, porque, no Brasil, um autor tem condição de ostentar o título de **best-seller** — às vezes, a palavra tem um sentido pejorativo, ao

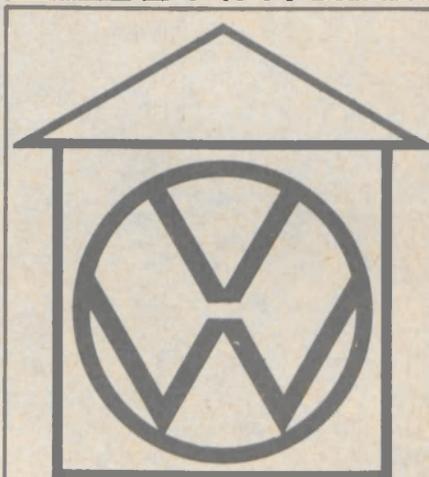
contrário do que está significando a partir do momento em que venda acima de três mil exemplares em poucas semanas ou em poucos meses. Carlos Lima, porém, afirma que o autor potiguar atualmente está sendo bem lido, mais ainda não dá lucro, e o que é vendido dá apenas para tirar os custos gráficos.

Na realidade, porém, a Clima, como editora particular pioneira tem uma trajetória editorial que soma cerca de duas dezenas de livros editados — sem contar as edições particulares ou de encomenda —, sendo que, em 1983, Carlos Lima editou sete livros, e de janeiro a julho último, seis novos títulos e a reedição de «Breviário da Cidade de Natal», de Manoel Onofre Jr. Este incluído entre os livros mais vendidos na recente 3.^a Feira dos Municípios, em Eduardo Gomes, onde Carlos montou um **stand** não apenas de livros editados por ele, mas de outras editoras natalenses, e conseguiu vender cerca de 500 livros.

“No ano passado foi melhor”, diz Carlos Lima, que ressalta ter colocado o **stand** da editora no local mais por gentileza ao convite dos organizadores do evento. Explica que, no ano passado, vendeu cerca de 700 livros de autores potiguares. “Apenas da Clima, vendemos 500”. Em sua maior parte, os compradores são turistas que visitam a Feira. Compram muito os livros de Luís da Câmara Cascudo, Celso da Silveira, Renato Caldas e Manoel Onofre — que abordam folclore, humor e poesia matuta. □

JOIS ALBERTO

PEÇAS PARA VOLKSWAGEN E FIAT



CASA DO VOLKS



É necessário manter seu patrimônio em dia. A época é de crise. E se você possui Volkswagen ou Fiat, não se esqueça que a Casa do Volks tem todo tipo de peça e acessórios para esses carros, inclusive tintas automotivas. A Casa do Volks vende a preços, realmente, sem competidor. Um amplo estacionamento coberto e um dos melhores atendimentos da cidade são bons motivos para você comprar na Casa do Volks. Seu carro estará mais protegido e você, naturalmente, mais satisfeito. Afinal, manter um patrimônio não é fácil.

GURGEL & OLIVEIRA

Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488

O pensamento político de Djalma

RAIMUNDO SOARES

É uma pena que Djalma Marinho não nos tenha deixado um livro com a exposição de suas idéias sobre temas de direito político, em que era particularmente versado. Engenho e arte sobravam-lhe, além da sólida cultura geral e aprofundados estudos que, ao longo dos anos, através do exercício parlamentar, lhe deram um categorizado conhecimento da ciência política.

Consultando seus trabalhos esparsos, principalmente os discursos pronunciados na Câmara dos Deputados, tem-se uma visão da doutrina que desenvolveu, em que, quase em estrutura sistêmica, se analisa seu pensamento fundado em teorias modernas, mas às quais ele emprestou, algumas vezes, o brilho de sua contribuição pessoal, fruto da experiência e das particularidades de nosso País.

Djalma Marinho, tão dócil, tão cordato, tão compreensivo, tão tolerante, era todavia radical num ponto, em que nunca transigiu: o império da lei. Sob sua inspiração tornou-se apóstolo da liberdade, em cuja defesa não se arreceou de assumir desassombradas posições, inclusive com risco de seu mandato.

Neste episódio, está claro que não foram as insensatas palavras do deputado que inspiraram a atitude de Djalma, mas o princípio da inviolabilidade do mandato parlamentar, tal como estava preservado na Constituição. Todos se recordam do desfecho deste caso, com a renúncia de Djalma Marinho à Presidência da Comissão de Justiça. Mas poucos se lembram da beleza do pronunciamento, com que se afastou do alto cargo.

Citando Mannheim, para quem a fidelidade à lei consiste, em essência, na fidelidade aos procedimentos livremente estabelecidos e a maior ofensa ao espírito da democracia, em romper esses procedimentos e aviltar seus próprios métodos, Djalma Marinho mostrou que não se pode praticar a Constituição com métodos arbitrários de sufocação da palavra, mesmo quando a palavra é injustamente usada. Não se deve confiar em que, nesta eventualidade, possa ser contestada pela brutalidade do silêncio, sim pelo amplo debate em que o abuso seja afinal corrigido.

Djalma não dissociava Ética e Política. Segundo sua teoria, não há poder absoluto diante dos valores fundamentais inerentes à condição do homem, porque o fim verdadeiro da sociedade política é a criação dos fatores para a plena realização do indivíduo. Da convivência entre homens livres, é que decorre uma moral política que corporifica as normas reguladoras do funcionamento da sociedade na busca de seus objetivos. E concluiu: os fins não valem os meios, ao mesmo passo em que o certo e o errado existem e não podem ser ignorados.

Esta lição de moral política está inserida no discurso com que se lançou candidato à Presidência da

Câmara, o qual como que contém a súpula de todo seu pensamento político sobre o Parlamento, a sociedade democrática, as prerrogativas do Congresso, a independência dos poderes, o conceito de liberdade, a ordem jurídica democrática, os direitos e garantias do indivíduo e tantos outros itens de palpitante atualidade.

“Não aceitam o Congresso como Poder Soberano os que não concebem esta Casa como uma sociedade na essência contraditória e múltipla. Recusam-no como Poder os que querem, sempre, uma humilhante tutoria. A sociedade existe para realizar o homem e não para aprisioná-lo”, disse ele. Assim, propunha o diálogo e abominava a submissão, porque aquele pressupõe a igualdade de condições entre os participantes e esta, submissão e subalternidade de uns em relação aos outros. “Não há diálogo verdadeiro entre o senhor e o vassalo”.

Djalma sempre defendeu, com inflexível coerência, o princípio, segundo o qual, na sociedade democrática, a sociedade civil é a soberana e a ela o Estado se subordina. Todos os interesses são legítimos, mas devem desaguar no Congresso que é a síntese da complexidade da própria sociedade e o plenário insubstituível de grande e permanente negociação de conflitos próprios à sociedade dos homens. Esse conflito, necessário e inelutável, é legitimado pela ordem jurídica democrática, que não deve ser a ordem dos cemitérios, nem a aparente voz da opressão. O Congresso é a instituição onde se exercita a liberdade, única alternativa capaz de levar à Paz Social que se busca. Por isto, o Congresso é múltiplo e contraditório, diversificado e conflitante, assentando a idéia democrática sua autenticidade neste pluralismo. O contrário se traduziria “no centralismo que estiola e no absolutismo que esmaga”. E nesta hipótese a sociedade aliena-se e apaga-se.

Ao contrário do que alguns pensam, Djalma não era um espírito meramente contemplativo, teórico, mas possuía uma visão nitidamente pragmática da realidade contemporânea e praticava a democracia em função dessa consciência.

Costumava ele responder aos que o acusavam de revoltado, de contestador: sou apenas um construtor, pelo menos quero sê-lo, com humildade. E, citando o humilde obreiro do apólogo de Warrens: se não posso construir a catedral, tenho muita honra de carregar o tijolo.

Entendemos nós que, se ele não construiu a catedral, fez contudo mais do que carregar o tijolo: pelo menos erigiu um oratório que, embora modesto, pode acolher todos os que fazem do culto da liberdade a base indestrutível do civismo e dos ideais democráticos de cada um.



Filmes e roubos nos cinemas

SEGURANÇA

Classe média e tóxicos: ingredientes do roubo

Exatamente, meia-noite em Natal. Pela aparência, um grupo de jovens estudantes, de classe média. Sem ocupação e sem muitas interrogações sobre a vida, reunidos em um bar da Cidade e, pelo estardalhaço, a cabeça está «feita». Vestem **blue jeans** e, enquanto escutam Michael Jackson, conversam, fumam e bebem cerveja ou cachaça sofregamente. Riem de tudo, mas uma ruga de preocupação, vez ou outra, tolda-lhes o cenho. Nota-se que atentam para algum perigo, mas procuram disfarçar. De qualquer forma, é preciso cuidado: os «home» estão fazendo a ronda.

Para este grupo estar aí sentado, no «oba-oba» de um aparente **far niente**, alguns de seus componentes podem ter furtado os próprios pais, ou objetos de automóveis particulares — que, a esta altura, já venderam a algum «vuco-vuco» das Rocas, Alecrim ou Quintas —, outros podem ter alvejado a queima-roupa algum transeunte, ou mesmo «apagado» um incauto. O dinheiro de que precisavam tinha de ser conseguido de qualquer maneira. Pelo menos, uma inquieta-

ção não os perturba mais: a maconha está no bolso, algumas «bolas» na cabeça, e a noite é uma criança...

São rebentos surgidos na rabeira destes últimos 20 anos. A grande maioria é parte integrante da classe média natalense, e, os que sobraram, marginais, muitos de outros Estados, escolados no mundo das contravenções, familiarizados em excesso com a carência material de toda ordem, a que procuram suprir a qualquer preço.

Este quadro, que pode ser detectado em qualquer ponto da cidade, vem fustigando cada vez mais a Polícia e a população, pela frequência com que se registra. Apesar de porta-vozes da Polícia Civil, como Maurílio Pinto de Medeiros, coordenador geral da Secretaria da Segurança, e Nilton Cruz, titular da Delegacia de Furtos e Roubos, insistirem em afirmar que os contraventores típicos de Natal ainda são primários, utilizando métodos elementares, cada vez mais eles frequentam as páginas policiais dos jornais da cidade, como protagonistas de crimes os mais variados. E um de-

talhe ambos não escondem: é cada dia maior o número de delitos cometidos pelos pimpolhos da classe média, a essa altura em acelerado processo de proletarização.

E se eles vão parar no xadrez e nos jornais, é por não terem o poder econômico e o tráfico de influência da pequena e média burguesia, que, tendo superado a bastarda maconha, cafunga sua cocaína sem necessariamente terem de ser importunados.

O MAIOR ROUBO DO PAÍS? — Segundo informam as estatísticas da Polícia Civil, apenas uma vez, nestes últimos 20 anos, representantes dessas classes sociais se uniram para praticar um solitário crime arquitetado com requinte: o homicídio do conceituado médico cardiologista Ovídio Fernandes. E o motivo foi passionai: a professora Rosa Maria, sua mulher, apaixonada pelo aluno Isaías, do Atheneu — um rapaz de classe média baixa de um subúrbio natalense — envolve-se com marginais para afastar o marido, que se interpunha como obstáculo ao seu idílio proibido. Enquanto Ovídio agonizava em hospitais durante meses, até morrer como um vegetal, a quadrilha é desbaratada e levada às barras do Tribunal.

Existe uma assertiva no jornalismo que avisa que, quanto mais sangue o jornal trazer em suas páginas policiais, mais ele vende. E Natal não foge à regra. Se o espaço é pequeno, as

manchetes e fotos são as mais contundentes, para serem consumidas com avidez pela esmagadora maioria da classe trabalhadora. E o «caso Ovídio» permanece no ar até hoje, servindo como paradigma para crimes dessa natureza.

“Nós temos o menor número de assaltos destes 20 anos na região”, assegura Maurílio Pinto. “O Rio Grande do Norte ainda é muito tranquilo, se comparado com outros Estados do Nordeste”, complementa. E, na verdade, afora os casos lidos nos jornais diários, sobre ocorrências registradas no cordão de miséria que circunda a cidade, frutos naturais da formidável recessão em que mergulhou o País em confronto direto com o vertiginoso crescimento vegetativo da população, Maurílio Pinto pinça apenas três, de maior relevância.

O primeiro, o roubo dos Cr\$ 94 milhões, pela família Carneiro, considerado pela imprensa nacional como um dos maiores de 1982. No Estado, ele perpassou toda a campanha eleitoral, como suculento prato para a oposição, que acusou o PDS de estar envolvido diretamente nos planos dos contraventores. Além deste, cita mais dois assaltos de vulto: um, na agência do Banespa, em Natal, e outro na



Maurílio: o bicho emprega

agência do Bandern em Montanhas. Destes, apenas os dois primeiros estão elucidados.

“Veja-se que latrocínio (roubo com homicídio) praticamente não existe. O que aconteceu é que a onda de ocorrências, como roubos a bancos, furtos de carros e homicídios, só começou a crescer no Estado por imitação do que teve início após 64, atra-

vés dos subversivos nos grandes centros, principalmente Rio e São Paulo”, salienta Maurílio.

GEOGRAFIA DO CRIME — Ele revelou que o maior índice de contravenções é de furtos e roubos, casos tratados pelo delegado Nilton Cruz, e voltou-se para o problema do jogo-do-bicho, dos mais acintosos na cidade. Aqui, ele concorda com Cruz quando afirma que o grande número de delitos se dá pelo quadro recessivo, e declara que, na última reunião dos secretários de Segurança, em Brasília, quando representou o titular da Pasta potiguar, coronel José Delgado, assinou favoravelmente documento para a legalização do bicho.

“Em nossos registros, prevalecem as ocorrências com desempregados. Agora, o marginal mesmo, este vem de uma infância abandonada, apesar de nós termos poucos trombadinhas, e de eles não terem malícia como os do Sul do País. Quanto ao jogo-do-bicho, a repressão maior se dá quando ocorre corrupção, como em outros Estados. Lá, faz-se a repressão atendendo a pedidos de bicheiros, quando acentua-se a concorrência em suas áreas de atuação. Se fossem mais liberais, como no Nordeste, onde ela é

Calibre e saudade de um marginal integrado

Theobaldo (nome fictício), 23 anos, o caçula de uma família de seis filhos, residente no Alecrim, hoje tem um pequeno negócio no ramo da doçaria, no Centro da Cidade. Mas não abandonou o revólver calibre 38, que exibe com orgulho, quando o assunto pende para o divertimento e o lazer. Fala apaixonadamente dos casos que já aprontou e apronta, quando lhe dá na cabeça.

Com seu sorriso maroto, o jeito descontraído, confunde-se, em meio aos amigos nesta mesa de um bar da Cidade Alta, com qualquer rapaz considerado dentro dos padrões ditos normais. Só que seu sorriso é artificial, demonstra Intermitente nervosismo, e a conversa que mais gosta gira em torno de

assaltos passados, com tiradas cinematográficas, e da prisão em Mossoró, onde assaltou, em companhia de uma mulher de sua idade, um pequeno supermercado e foi apanhado em flagrante causado por ela. Saiu nos jornais da época, mas hoje está irreconhecível. Mudou o lay-out e preserva-o, por precaução.

Só muito lentamente vai-se percebendo que seu estado emocional está sob o controle da cannabis sativa (maconha), que fumou há pouco, e dos picos que se auto-aplicou antes de sair da loja. Nesta noite, encontrou por acaso um amigo que não via desde os tempos de Mossoró. Recordam a época, o início da amizade e os tempos em que moraram juntos, até se

dissipar a negra nuvem levantada por um assalto que praticaram.

O amigo, que lhe afirma ter guardado a foto e o texto do jornal durante todo este tempo, mostra-se imensamente satisfeito. Theobaldo, também. Mais, ainda: desabafa para o amigo, com ar de inocente decisão, que pretende deixar o vício, mas não sabe como. Diz que gosta de trabalhar, mas os pequenos assaltos ainda o fascina. O amigo nada diz. Afinal, desfruta da amizade de um marginal-integrado e lhe respeita o livre arbítrio. A conversa prossegue, sem que Theobaldo manifeste o mínimo receio com as pessoas relacionadas com o seu amigo, que lhe foram apresentadas há pouco. “Devem ser meus iguais”, vê-se nos seus olhos, pela confiança que demonstra. Finalmente, chega o ponto insuportável de dar outra «bola» (drogar-se novamente). Saem os dois, por ruas escuras do Centro, enquanto Theobaldo exibe com carinho para o amigo seu treizoitão...

menor... Se quiséssemos prender, prenderíamos, mas, não há repressão, o que eu acho uma medida certa. O jogo não atinge a sociedade, e emprega...”.

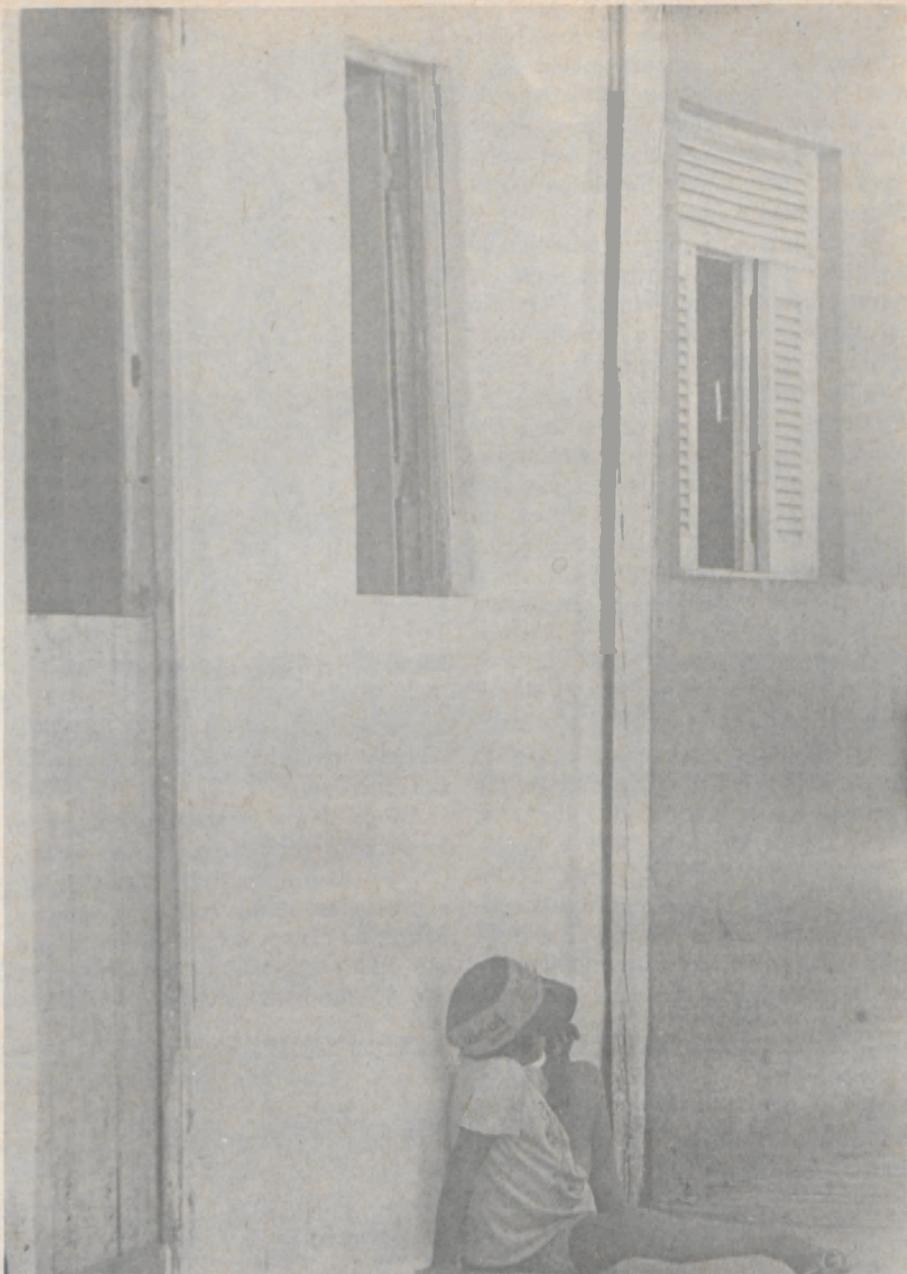
Enquanto Maurílio informa que o índice de ações, em geral, é maior nos conjuntos residenciais do outro lado do rio Potengi e nos bairros periféricos novos, Nilton Cruz, diz que há maior registro de furtos e roubos no elegante bairro de Lagoa Nova, onde se encastelou a burguesia a partir dos anos 60.

TÓXICOS: O GRANDE MÓVEL —

“A maior ocorrência é o arrombamento de casas e carros, e o bairro de Lagoa Nova, classe A, apresenta o maior número. A granfinagem de Natal mora lá. Agora, existe o assalto a pessoas daqui, a turistas, em portas de banco. O arrombamento de carros é grande também, em cinemas e no Castelão. Natal, hoje, tem aumentado muito o número de arrombamentos e assaltos. A tendência é esta, pois a cidade vai crescendo. É um problema social”, acentua Nilton Cruz, para enumerar os fatores que, a seu ver, levam ao aumento dos índices de criminalidade:

“Uma grande causa é o tóxico. Ninguém nasce com o instinto” — pondera ele — “o negócio é a facilidade como o tóxico, maconha e cocaína, entra na cidade. Há, também, a desagregação da família, a falta de horizontes do jovem. Ele estuda, mas não tem horizontes. Noventa por cento dos ladrões que entram aqui fumam maconha. Só trabalhamos com maiores de 18 anos. Muitas vezes, eles não precisariam, têm pai e mãe, mas estes não vão dar dinheiro para eles comprarem o tóxico. E, aí, acontece o roubo. É preciso ver que a maconha não está mais com o marginal, está indo para alunos da classe média.

Tem aumentado muito o número de queixas de pessoas da classe média que passaram a roubar. Há, para isto, vários motivos: o jovem encontra uma maneira de esquecer a realidade, e, quando se vicia, não quer a responsabilidade. Os da alta, têm mesada. Sabemos de casos, mas não é problema de chegar até a gente. Por lá eles resolvem. Os da classe média dizem que não têm emprego, mas há muito que trabalham e que ganham pouco, dizem que têm mulher e filhos. Temos casos de empregados de firmas e lojas roubando



Abandonada, a infância delinqüente

■ própria empresa. E casos até de vigilantes...”.

Nilton Cruz considera o crime já organizado em Natal, com a presença de elementos de outros Estados, que fogem de seus registros policiais e, por ficarem conhecidos, vêm agir aqui.

“O marginal procura evoluir. E está vindo gente de fora. Hoje, a gente lida com marginais motorizados, com carros caros e modernas armas. São pessoas esclarecidas. E depois, é melhor você agir numa cidade onde não lhe conhecem, já que os daqui são bastante conhecidos. Temos dois casos que terminaram como um, prati-

cado pelo mesmo grupo, e que terminou na morte do relojoeiro **Dão**. Isto tudo organizado pelo ex-gerente de vendas das Lojas Americanas, José Antônio de Lima Neto. Ele trazia o pessoal de fora e orientava. Já tinha sido processado no Recife, foi para São Paulo, onde empregou-se, e terminou aqui”.

O GALÃ DESAPARECE — Esta realidade é também constatada pelo titular de outro setor da SSP, que convive com fatos dramáticos, com cunho de aventura. Ele é José Nunes de Oliveira, da Delegacia de Furtos e Roubo de Veículos e Cargas. A ele compete o trato com roubos do carro completo. Segundo Nunes, a incidência, em média, é de 30 carros roubados por mês, contra 30 telefonemas com queixas por dia. A recuperação de veículos, garante ele, gira em torno de 50%, mas os que são encontrados, na maioria das vezes, estão depenados.

“Não é próximo a cinemas que os carros são roubados, como costumam dizer, mas em frente a residências, nos mais variados locais”, contou

ele. “Perto de cinema ocorre mais roubo de peças, e, entre elas, está o toca-fitas. Em termos proporcionais, o carro mais roubado é o Volks, mas a possibilidade de ser roubado atinge todas as marcas. Existe um problema sério, que é a identificação do veículo feita no chassi. Já houve pedidos para que as fábricas identificassem o carro com números, em quase sua totalidade. Fica para nós difícil identificarmos as peças nos vucos-vucos, pois não há números, nada. Outro dia foi descoberta, no meio do mato, uma Brasília depenada, da qual só restou o chassi”.

Nunes afirma que não acredita na



Nilton Cruz vê deficiências

existência de quadrilhas, mas adianta que há ladrões ultrapassando as fronteiras dos Estados, apesar de toda vigilância. Ele encontra dificuldade em fazer um perfil do ladrão típico, salientando que a maioria diz que “levou o carro para passear”.

“Já recuperamos carros de outros Estados aqui, e há os daqui que foram pegos lá fora. Existe a Cepetran e Copom, a PM, com policiamento ostensivo, além de comunicarmos ao DNER. O controle nacional é da Denatran, em Brasília. Houve um caso interessante, de um sujeito de boa pinta, bons modos, ótima conversa, que roubou um carro dentro da Granorte, e outro dentro do Posto Brilhantão. Na Granorte, um carro tinha sido levado para revisão. Ele chegou antes do dono, muito alinhado, dizendo ser parente e convenceu todo mundo. Pagou a revisão e levou o automóvel. Este foi recuperado depois, em Alagoas. Ele tinha trazido um carro de Fortaleza e o largou aqui. O do Brilhantão, recuperamos em Campina Grande. Quanto ao ladrão, sumiu...”.

PAULO AUGUSTO

Na estrutura da polícia, o efetivo está em baixa

“Apenas no final do Governo Lavoisier Maia é que foram abertos concursos para que uma mão-de-obra qualificada ocupasse postos de delegados das Especializadas, de agentes e de escreventes. Até então, era tudo ocupado por militares policiais. E, ainda hoje, o contingente é insuficiente. Temos 25 delegados bacharéis concursados e 50 agentes no Estado”, conta Nilton Cruz, bacharel concursado, titular a um ano e meio da Delegacia de Furtos e Roubo. “A deficiência ainda é grande”, reconhece, “tanto em efetivo como em material, mas a estrutura, em termos, melhorou. Temos conseguido recuperar muito roubo”.

“O efetivo da Polícia Civil é dos menores do Brasil”, corrobora o coordenador geral da Secretaria da

Segurança, Maurílio Pinto. “Em virtude do pequeno efetivo, a SSP tem se empenhado para conseguir mais 100 agentes e 20 delegados, viaturas, rádio-comunicação e PM-Box. Agora, o problema de combustível não existe. É um fator dos mais importantes. Nos outros Estados do Nordeste a cota é muito reduzida. Já conosco, o abastecimento cobre o pequeno número de viaturas, o que facilita em muito nossa locomoção rápida”.

Desafiando as vantagens que ele vê no setor, Maurílio garante que não há problema para remoção de presos de qualquer parte do País, e reclama de outras unidades da Federação, que não agem com a mesma presteza. “Quando prendemos de outros Estados aqui, eles passam meses e meses para

recambiá-los. Houve um caso com a Polícia Civil do Ceará, que não mandava buscar um detento cearense, que prendêramos aqui. Mandamos o preso então para Mossoró, para facilitar a remoção, avisando que ali não tínhamos condições de ficar com ele por muitos dias, pois havia problemas com alimentação carente e espaço. Mesmo assim, eles passaram um mês para mandar buscá-lo”.

Uma grande vantagem apontada por ele para a Polícia Civil do Estado é no que se refere “ao baixo índice de corrupção”. “Não só no Brasil como no mundo inteiro”, explica Maurílio, “Polícia é sinal de corrupção. Pois aqui é o mínimo. Vez por outra temos que botar para fora policiais desonestos...”. Finalmente, assinala o bom relacionamento com a Polícia Militar, com quem trabalham em conjunto, e cuja guerra surda entre ambas, no resto do País, sempre foi matéria da imprensa. “Existe um grande entrosamento entre a Polícia Militar e a Civil. Há divergências, mas são poucas. Aqui, fazemos diligências juntos, o que não ocorre em outras capitais, onde vivem em discussão”.

Recriadora de líricas arcaicas e modernas, pesquisadas nas mais diversas fontes do saber, Stella Leonardos, que forma entre os grandes poetas líricos de expressão portuguesa, alia a sensibilidade da sua verdade poética à curiosidade amorosa do estudioso autêntico. Num afã insatisfeito de humanista que, na clausura da sala de estudos, se debruça dia após dia sobre veneráveis documentos, cotejando originais, traduzindo, recriando, Stella Leonardos vai garimpando na área das românicas e das neolatinas todo um rico filão de que tem resultado a composição de obras sedutoras e de consulta indispensável, como Romançário, Cantabile, Cancioneiro Romano, Cancionário Catalão, Amanhecência, Cantares na Antemanhã e Rapsódica, solitários marcos na História literária do Brasil, não fora, por outro lado, a contribuição de uma Cecília Meireles com os cantares de «Amor em Leonoreta», Hilda Hilst, Lélia Coelho Frota, Heloísa Maranhão e Myriam Coeli com suas «Cantigas de Amigo» nas quais passado e presente coexistem, milagrosamente.

Nome respeitado e querido entre amadores e estudiosos, dentro e fora do País, Stella Leonardos faz reviver, por um processo personalíssimo e inovador, linguagens e tradições poéticas, aproximando-se, tanto pela variedade do metro quanto pela qualidade resultantes desse labor amaríssimo de recriação, dum poeta como Ezra Pound, outro apaixonado

das líricas arcaicas do Oriente e do Ocidente.

Em tudo o que faz, Stella Leonardos reafirma a profundidade do seu conhecimento, o respeito aos instrumentos que servem à comunicação de suas idéias, a acuidade ao perceber nuances, e um rigor quase matemático na construção da frase sempre elegante. Assim não admira que, até mesmo o texto circunstancial de uma simples conferência, proferida por Stella Leonardos em 1983 no auditório da Academia



Stella Leonardos: desenho de Diniz Grilo

Norte-riograndense de Letras, adquira a importância de documento literário e de História literária, cuja publicação em livro ou plaquete se faz pedir com a urgência das coisas apaixonantes, pois tem o mérito intrínseco de interessar não somente a ouvintes, mas a leitores, inclusive ao leitor mais refratário ao gênero, que ficou como sinônimo de coisa enfaçonada ou soporífera.

Ao entregar aos leitores de Pretexto as palavras que Stella Leonardos consagrou a quatro

mulheres poetas norte-riograndenses, a Nossa Editora presta um serviço a cultura do Estado e ao mesmo tempo realiza o milagre do reencontro: do leitor exigente com um texto de qualidade acerca da vida e da obra poética de Nísia Floresta, Auta de Souza, Myriam Coeli e Zila Mamede, artífices de uma herança comum.

LÍRICO MULTICOR — Depois de Pierre Chalita, que aqui mostrou sua famosa Série do Baile, em '72, Rosival Souto

infância bucólica em Maceló.

Interessa a Rosival, tão somente, o lado gentil e amável da vida. Sua pintura, ao contrário da de Chalita, não incomoda nem excita: tranquiliza e relaxa, criando a ilusão de mundo estante, organizado sobre o suporte com simetria. Sua visão capta sempre uma moça no balcão, «vendo a vida passar», um pássaro, um jardim (que se faz demoníaco, por vezes, numa profusão de cores metálicas), um São Francisco em êxtase ininterrupto — sem dúvida o que há de melhor em toda a exposição. Exceção feita às naturezas mortas, como que a legitimar a linguagem do artista, uma caligrafia plástica bem definida. A caligrafia de Rosival Souto Lemos, claro.

JESIEL E A NOVA ESTRÉIA — Co-dirigido pelo jornalista Eduardo Pinto, Jesiel Figueiredo anuncia a versão natalense da peça de Fernando Melo, Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá, numa produção dos Artistas Unidos, seu grupo, famoso pela continuidade e pelas performances obtidas em peças como Calígula (Prêmio Nacional de Direção, Arcozelo, '67), Édipo Rei, A Raposa e as Uvas, entre outras.

Jesiel escreveu com a sua persistência a página mais densa do teatro potiguar, figurando, ao lado de Sandoval Wanderley, entre os que contribuíram para a criação de um público fiel e agradecido. E tudo isto sem contar com o apoio oficial, que, nas vezes

Lemos é o primeiro pintor alagoano a expor em Natal, na Biblioteca Câmara Cascudo.

São duas visões do mundo antagônicas, pois, enquanto Chalita mergulha nos abismos da alma humana, numa obsessiva procura existencial do estar-no-mundo sartriano, Rosival prefere, num lirismo subjetivo, ficar do lado de fora, compondo, por intermédio de uma cor brilhante e de melodia tropical, quadros que são lembranças, anotações e registros de sua

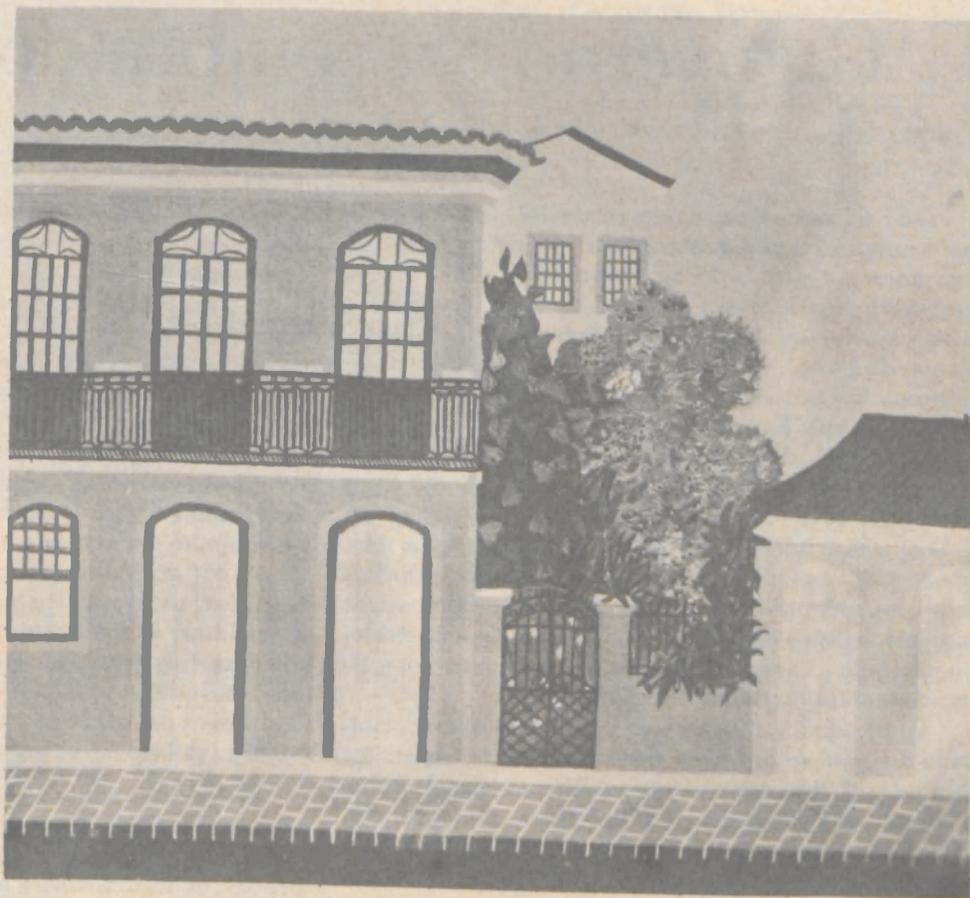
em que se fez presente, foi mesquinho, foi aviltante, foi desencorajador. Mas Jesiel Figueiredo é desses iluminados. E tudo o que a sua mão toca, transforma-se em espetáculo.

CLÁUDIA WONDER NA BROADWAY — Ninguém aguenta mais os transformistas norte-riograndenses: passam os anos, mas eles não evoluem em nada. Já sabemos antecipadamente do tempero de seus cardápios histriônicos: imitações de Elis Regina, de Nei Matogrosso, de Maria Bethânia, de Gal Costa, de Baby Consuelo, e haja dublagem, textos repetitivos e sem imaginação, recitados com trejeitos.

Mas eis que, vinda de São Paulo, Cláudia Wonder aporta em Natal. E nos mostra, numa série de aparições, que o que falta aqui é mesmo imaginação. Assim, seus espetáculos no Teatro Jesiel Figueiredo e na Broadway tiveram aquele algo mais revelador de uma produção que leva em consideração o nível intelectual do público.

OS ENDEREÇOS — O sucesso de Pedro Nava encorajou, sem dúvida, os memorialistas em potencial. E os suplementos dominicais se encheram de depoimentos, de memórias improvisadas — a maioria com aquele ranço de currículo inarticulado e sem criatividade que ninguém mais, além de seus próprios autores, consegue ler.

Por isso quando Zila Mamede, eleita pelo jornal *Dois Pontos* «nossa poeta nacional», anuncia



Casario, pintura de João Epifânio (1918-1982), nascido em Nova Cruz e falecido no Rio de Janeiro, teve homenagem e retrospectiva de suas obras na Pinacoteca do Estado por iniciativa de um grupo de amigos.

que escreverá suas memórias, todos nós somos tomados de interesse pela revelação. Muito Zila Mamede tem para contar, de sua vida e da vida de seus amigos, alguns, como Manuel Bandeira, personalidades importantes do mundo cultural do País.

E o livro de Zila Mamede, construído a partir de velhas agendas, tem até escolhido o título: *Os Endereços*. Econômico como a poesia de Zila.

REEDIÇÕES — Há uma febre, em Natal, de reedições de velhos livros e autores. Alguns,

infelizmente, completamente superados no tempo e no espaço, não justificam o gasto de tinta e papel. Enquanto isso, a decantada reedição de Aurélio Pinheiro — cujo livro *Macau* tive o prazer de ler em cópia xerografada — continua amufambado nas prateleiras da Fundação José Augusto, após o estardalhaço que se fez na imprensa local em torno da obra...

E a reedição da História de Uma Campanha, de Edgard Barbosa? E a reedição, num volume, de todos os seus ensaios, dispersos em plaquetes e revistas? E a reedição

dos livros, transformados em clássicos de nossa sócio/etnografia, de Oswaldo Lamartine de Farias? E a reedição do livro, há muito esgotado, de Sebastião Carvalho, jornalista barbaramente assassinado há quase dez anos? Ou será que o Sebastião, por ser mulato, homossexual e refratário às igrejazinhas, não tem nenhuma importância? E a reedição de *Aprendiz de Camelé*, de Jaime Hipólito Dantas? Quem responde a tanto descaso e desconsideração pela vida cultural do Rio Grande do Norte?

FRANKLIN JORGE

O governo e a compra do feijão

GARIBALDI FILHO

Este reexame da questão nordestina é um desafio maior do que muita gente pensa. A começar dos governadores eleitos a 15 de novembro de 1982, todos por sinal pela legenda do PDS. O único do PMDB, com assento no Conselho Deliberativo da Sudene, Tancredo Neves, de Minas Gerais, preferiu fixar o seu pensamento através dos balizamentos do documento preparado pela Fundação «João Pinheiro».

Os outros, do PDS, estão comprometidos com a transformação do Nordeste, que desemboca na execução de um novo Programa denominado Programa Nordeste, a ser iniciado, praticamente ainda este ano, absorvendo todos os programas e projetos especiais lançados nos últimos anos. O objetivo é eliminar os maiores bolsões de miséria, do Nordeste semi-árido, no prazo de 15 anos, através de vultosos recursos e financiamentos do Banco Mundial.

Agora são 15 anos que se pede ao Nordeste, cansado de tantas promessas, desde aquela do Imperador D. Pedro II, de que venderia as últimas jóias da coroa para não ver um nordestino morrendo de fome. Enquanto isso, o Nordeste vai vivendo o seu dia a dia, sacudido na sua penosa rotina pelas promessas maiores ou menores.

Vejamos esta questão da comercialização dos produtos agrícolas, um dos aspectos mais intrincados e angustiantes do problema do subdesenvolvimento desta região, ao lado da sua estrutura fundiária. Esta questão mereceu uma análise dos estudiosos do Projeto «Nordestão».

Antes, é preciso citar aqui, uma das propostas em termos mais gerais deste Projeto Nordeste, sintetizada, neste apelo, quando de uma de suas últimas avaliações: O Projeto Nordeste se propõe a buscar o desenvolvimento auto-sustentado: «Quem tem de estar apto para sustentá-lo, pois, são as próprias comunidades».

O objetivo geral da política de comercialização do Projeto Nordeste, ou de apoio aos pequenos produtores rurais, um dos seus segmentos mais importantes, é garantir a estes acesso ao mercado dos produtos agrícolas, insumos e bens de consumo básico, dentro de uma sistemática de preços justos, atenuando significativamente ou superando os mecanismos extorsivos de apropriação de excedentes a que estão submetidos.

Esta é a definição da política proposta. Ai está o reconhecimento daquilo que é óbvio: das distorções existentes hoje. Superá-las, não constitui-se tarefa fácil. O próprio Governador Agripino Maia, do nosso Estado, por ocasião do início da comercialização do feijão, comprometeu-se, solenemente, que a política de comercialização da Companhia de Financiamento da Produção, apoiada num conjunto de órgãos fede-

rais e estaduais, estava disposta a apoiar o pequeno produtor, libertando-o das manobras baixistas dos atravessadores.

O que aconteceu, porém, depois disso? Desde a fixação dos preços mínimos, muito abaixo dos custos da produção, até mesmo ao mecanismo para a compra do produto, constituiu-se num grande fracasso e decepção para os pequenos produtores rurais do Estado.

Foram definidos cinco tipos de feijão macassar, produzido na nossa região, predominantemente por esta grande legião de pequenos produtores. Uma saca de 60 quilos tinha desde o tipo 1 ao tipo 5, na faixa de 22 mil 356 cruzeiros a 17 mil 304 cruzeiros.

Dava, por quilo, em média, 350 cruzeiros, quando o produtor, só para comprar sementes, dispendera 2 mil cruzeiros por quilo. Mesmo assim, houve quem se mostrasse animado para vender ao Governo, diante dos preços dos atravessadores, muitas vezes oferecendo só 12 mil cruzeiros por uma saca de 60 quilos.

Mas como vender ao Governo, através do chamado sistema AGF (Aquisição do Governo Federal) já que o EGF, o empréstimo para a tentativa de melhores preços, ós recursos para este último foram quase consumidos, no Sul, na comercialização da soja?

O produtor procurou inutilmente pela presença governamental anunciada em campanha publicitária. Para vender o seu feijão — dizia-se — teria que comprar a sacaria à vista, trazer o produto para uma classificação rigorosa e levá-la aos armazéns da Cibrazem, existentes, apenas, em doze cidades do Estado.

Resultado: em alguns dos municípios, quando não vendeu ao atravessador propriamente dito, terminou vendendo ao grande proprietário, para que este, cumprindo o ritual da CPF, vendesse com um certo lucro ao Governo.

Esta a verdade da comercialização do feijão, em 1984, denunciada, amplamente, pela Federação dos Trabalhadores Rurais. Estamos, agora, para iniciar colheita do algodão, de manobras ainda mais complexas e onde o produtor já vê com pessimismo a ação do Governo a partir do preço mínimo fixado para o herbáceo, 9.924 cruzeiros a arrouba de quinze quilos ou 661 cruzeiros o quilo.

Daí porque, no Projeto Nordeste, e isto foi motivo de estranheza daquelas que fizeram a sua última avaliação: não se fala nos atuais mecanismos (pré-EGF, EGF, ou AGF) da Política Governamental de Preços Mínimos, em função do pequeno produtor. Quer oferecer-se outros instrumentos, que ao nosso ver teriam que vir, não apenas em função do problema técnico, mas de modificações mais profundas no campo institucional, político, de organização da comunidade dos pequenos produtores rurais.



Novo negócio de livros velhos

LIVROS USADOS

Sebos: um novo negócio que está dando certo

A crise do livro novo (o que está exposto nas livrarias), em vista do reajuste constante de seus preços, começa a produzir um fato positivo: o mercado paralelo. Em Natal, esse novo mercado, também chamado de «sebo» — designação comum ao comércio de livros usados — está em plena expansão. O início dessa atividade remonta ao final dos anos cinquenta, quando um velho, seu Cazuza, saído do interior, instalou na Praça do Mercado, no Centro, o primeiro sebo de Natal.

Hoje, Cazuza já não vive, mas seu exemplo serviu de inspiração para a criação dos novos sebos de Natal, mais competitivos e mais profissionais, estimulados pela busca crescente de livros usados, quer pelos estudantes secundaristas e universitários, quer pelos intelectuais, ou mesmo pelo homem do povo, que busca no livro uma forma de lazer, barata e satisfatória.

MERCADO PROMISSOR — Para Benjamin Capistrano, 41 anos, proprietário do Catalivros — Rua da Conceição, 617, na Cidade Alta — o sebo será um mercado promissor daqui há mais três anos, mas já de imediato reconhece que o negócio de livros usados conta com um público fiel

e que vem aumentando dia a dia. O Catalivros, de acordo com Benjamin, é um entreposto de compra e venda que facilita o deslocamento do livro, aumentando assim a sua utilidade social, haja vista que mais pessoas passam a ler. Observa que está há pouco mais de um ano no mercado de sebos, mas esse tempo já lhe permitiu tirar algumas conclusões sobre as preferências dos leitores natalenses. De conformidade com isso, ele

destaca que as obras de ficção — romances, novelas, contos, etc — e as obras espiritualistas gozam da preferência das pessoas que procuram o Catalivros. Lembra, ainda, que já realizou uma transação bastante rentosa, quando vendeu uma obra rara — um exemplar original de 1928 do «Livro de Poemas», de Jorge Fernandes, por um alto preço, mesmo porque a obra estava esgotada há vários anos.

Benjamin acentua, porém, que o sebo tem os seus riscos, sendo um deles o de que seu proprietário pode adquirir obras roubadas, por engano, coisa que já lhe ocorreu uma vez. Mas, com o tempo, observa, o livreiro vai aprendendo a conhecer também seus fornecedores, o que reduz bastante esse risco.

Benjamin acentua, também, o valor cultural do sebo, na medida em que esse negócio permite uma circulação mais rápida do livro, colocando-o ao alcance de um maior número de pessoas. Fato que não acontece com as livrarias, onde um livro pode ficar encalhado por um tempo muito longo. Destaca, ainda, que o Catalivros dispõe hoje de uma clientela variada, onde sobressai um considerável número de jovens de ambos os sexos que ali procuram obras de autores nacionais e estrangeiros.

CARÊNCIA DE LIVROS — Na opinião de Janduí Oliveira da Nóbrega, 21 anos, vendedor do «PHD», Natal é uma cidade carente de livros, daí o sucesso dos sebos. No seu caso, o PHD vem obtendo amplo sucesso nos seus 7 meses de vida, instalado num dos boxes da Galeria Center Eldora-



André Barbalho deixou as miudezas

do, no comércio da Cidade Alta. A localização do negócio é importante, diz, mas assinala que o mais importante é ter um bom acervo de obras para oferecer ao público. Nesse ponto, Janduí afirma que o «PHD» está bem suprido, mesmo porque seu proprietário, Adelardo Adelino de Medeiros, não hesita em adquirir bibliotecas inteiras, pois acredita no retorno do investimento.

De acordo com Janduí, a preferência do público leitor de Natal se volta mais para obras de ficção — literatura, em geral, desde Agatha Christie até Machado de Assis. Mas entre esses dois autores, há lugar para uma grande variedade de obras, desde coleções e enciclopédias até os livros de bolso nacionais e estrangeiros. Entre as «raridades» do «PHD», Janduí cita o romance «Vinte Anos Depois», de Alexandre Dumas, numa edição data- da de 1927, e uma edição incompleta da Enciclopédia Britânica, de 1957. Em sua opinião, se o preço dos livros novos continuarem subindo como vêm agora, a tendência é surgirem novos sebos em Natal.

NEGÓCIO QUE DEU CERTO —

Na opinião de Jácio Medeiros Torres, 24 anos, dono de uma cigareira localizada na Presidente Bandeira, Alecrim, e de um depósito de livros instalado em sua própria casa, na rua Borborema, 1011, também no bairro do Alecrim, “o sebo é um negócio que deu certo”, pelo menos no seu caso. Observa que vive exclusivamente da compra e venda de livros, discos e revistas usadas, e isso tem sido suficiente para suas necessidades.

Fazendo eco à opinião dos seus colegas, Jácio afirma que o mercado de livros usados está em plena expansão, devido ao preço muito elevado dos livros novos. Apesar de lidar também com discos e revistas usadas, destaca que o «forte» do seu negócio é mesmo o livro. Confessa, porém, que não é um bom leitor, mas em vista da experiência que já adquiriu em seus quatro anos no ramo, se acha apto a avaliar o valor dos livros que vende. Quanto à preferência de sua clientela, diz que isso varia muito, mas predomina a procura por livros esotéricos e policiais. Nota, também, que desde que começou a lidar com sebo, muitos amigos seus passaram a ler e hoje já conta um pequeno número de fregueses certos. O que garante sempre bons negócios.

Ambulante de miudezas alguns



Benjamin Capistrano e o Catalivros

anos atrás, André Barbalho de Souza, 49 anos, vive desde 1971 exclusivamente da compra e venda de livros usados, num pequeno negócio insta-

lado na Praça do Mercado, atrás da Agência Centro do Banco do Brasil. Para ele, o sebo é melhor negócio do que sua antiga profissão de ambulante, haja vista que, embora ganhando pouco atualmente, consegue comer e pagar o INPS, visando sua aposentadoria no futuro. Lembra que já comprou todo tipo de livros, mas hoje só compra romances, que são os preferidos do público. Livros didáticos não adquire mais, pois aprendeu com a experiência que eles perdem interesse muito rapidamente. Negocia também com revistas usadas e, entre livros e revistas, vai assegurando o seu ganha-pão. Confessa que não é um bom leitor, mas o tempo também já lhe ensinou a distinguir um bom de um mau livro. Observa, por fim, que confia numa melhora do negócio para os próximos meses, quando espera conseguir um acervo de boas obras, “que sempre vendem bem”, conclui. □

NELSON PATRIOTA

MINERAÇÃO

Falta de tecnologia faz Estado perder dinheiro

Dotado de um potencial de recursos minerais variado e abundante, que só há poucos anos começou a revelar-se lucrativo em sua balança comercial, o Rio Grande do Norte carece, no entanto, da tecnologia adequada para explorar a riqueza do seu solo. Com isso, perde capacidade competitiva no mercado externo, enquanto seus minérios vão enriquecer aqueles que o adquirem a preços irrisórios, para depois transformá-los em produtos acabados de demanda garantida nos mais variados setores da indústria atual, tanto civil como bélica.

A tantalita, mineral do qual se extrai o tântalo, largamente encontrável no Rio Grande do Norte, não foge a essa regra: vem sendo exportado abaixo do preço de mercado graças à inexistência de uma tecnologia que permita transformar esse mineral bruto em óxido de tântalo, insumo estratégico, raro e de alta necessidade para a indústria moderna. Enquanto isso, o tântalo, que vem saindo diariamente dos portos norte-riograndenses, leva literalmente de graça outro elemento não menos importan-

te: o nióbio. O importador lucra duplamente, pois adquire o tântalo em estado bruto e ainda ganha o nióbio, que vai como que camuflado sob as impurezas da tantalita, cuja produção atual está em torno de 300 toneladas por ano, saídas de dois núcleos distintos: Equador, Parelhas e Carnaúba dos Dantas (o primeiro) e Lages, São Tomé e Cerro-Corá (o segundo).

Lembra o geólogo Geraldo Magela — Chefe da Divisão de Geologia e Mineração da Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais do RN, CDM — que existem de 800 a 1 mil ocorrências de pigmatita no Estado, sendo que 70 por cento delas portadoras de tantalita, o que transforma o RN no maior produtor desse minério no Brasil. Quanto à utilidade da tantalita, Magela destaca que ela é praticamente indispensável na indústria bélica para a feita de ligas especiais, mas também na indústria civil, para o fabrico de produtos odontológicos, siderúrgicos, cápsulas espaciais, etc. O mesmo pode ser dito acerca do nióbio, diz Magela, lembrando que, nos Estados Unidos, o nióbio é considerado um mineral es-

estratégico, devido a sua resistência muito elevada, tendo largo emprego na indústria bélica desse país.

PROJETO TANTALITA — Desenvolver uma tecnologia que permita concentrar o óxido de tântalo e nióbio, separando-o das impurezas normalmente encontradas na tantalita de baixo teor (sem valor comercial) é a meta final do Projeto Tantalita de Baixo Teor, desenvolvido pela CDM juntamente com a Secretaria da Indústria e Comércio e com apoio financeiro do Banco do Brasil e do CNPq, no montante de 117 milhões de cruzeiros. A coleta das amostras já foi realizada, bem como a licitação pública dos equipamentos. O projeto conta com o apoio da Remetalica, firma paulista que está cedendo sua tecnologia à CDM para a comercialização da tantalita de baixo teor.

De acordo com Geraldo Magela, o método a ser utilizado pela CDM para a separação mineral que resulta no óxido de tântalo e nióbio, é novo em termos nacionais. E, na hipótese do projeto ter êxito, ficará viabilizada a comercialização do minério de tantalita de baixo teor, o que hoje não acontece porque esse mineral não atinge os teores mínimos exigidos para a sua exportação. Mas o mais importante, segundo o geólogo da CDM, é que o Rio Grande do Norte passaria de exportador de matéria-prima (o mineral) para exportador de produto semi-industrializado. Em termos econômicos, isso representaria um aporte de divisas algumas dezenas de vezes superior ao obtido hoje com a exportação do mineral bruto. Ao mesmo tempo, seria aproveitada industrialmente uma tantalita até então inviável. Lembra ainda Geraldo Magela que outro objetivo do projeto é impedir que haja a mistura de tantalita de alto teor com a de baixo teor, como vem sendo feito pelo atravessador atualmente.

COOPERATIVISMO — Outro aspecto importante do Projeto Tantalita é, segundo Magela, o seu aspecto social. Explica que a produção de tantalita é feita no Estado principalmente por pequenos mineradores. Com o Projeto Tantalita, esses mineradores terão fortalecidas suas cooperativas, as quais já recebem apoio do Projeto Garimpo, da Sudene, e são pioneiras no Brasil, sendo mesmo as únicas cooperativas de mineradores que deram certo no País, conforme acentua o técnico da CDM.



Magela: tântalo é indispensável

Viabilizada a produção de tantalita de baixo teor, os garimpeiros ficarão livres da exploração a que estão sujei-

Lucro duplo para importador

tos, agora, por parte dos atravessadores, haja vista que o óxido de tântalo será comercializado também pelas cooperativas, e o nióbio, que hoje vai «mascarado» sob as impurezas da tantalita, terá seu preço de comercialização definido.

Acredita Geraldo Magela que o Projeto Tantalita, que está merecendo especial atenção do diretor-presidente da CDM, Dario Pereira de Macedo, será concluído dentro de, aproximadamente, um ano, e suas perspectivas de êxito são as melhores possíveis, haja vista que a conjugação de esforços dos técnicos da CDM e da Secretaria de Indústria e Comércio do RN vêm se traduzindo num esforço coeso rumo à expansão da fronteira tecnológica do Rio Grande do Norte. □

CONSTRUÇÃO CIVIL

Desemprego e sufoco, de mutuários a corretores

O recente reajuste das prestações da casa própria, fixado em 191,05 por cento, está complicando a vida de todos os segmentos sociais envolvidos com a política habitacional do Governo: mutuários e BNH, de um lado; e trabalhadores e empresários da construção civil, do outro. Os contornos críticos desse quadro se mostram através de um desemprego de 50 por cento da mão-de-obra do setor em todo o Estado, e da presença de dez construtoras nas obras de um único

conjunto, quando anteriormente esse número não ultrapassava três. Envolvidos na crise também estão os corretores de imóveis, que em Natal vêm sobrevivendo principalmente com aluguel de casas de conjuntos. E o seu prejuízo é duplo, haja vista outra recente medida do BNH: O «leasing imobiliário».

Nessa nova forma de arrendamento, o usuário pagará o aluguel da casa durante cinco anos e, no final deste prazo, poderá entrar para o Sistema

Financeiro da Habitação, já que pagou, como parte do aluguel, um valor que no final do contrato corresponde a uma entrada de 10 por cento do empréstimo. Acreditam BNH e empresários da construção civil que essa medida fará escoar o estoque de imóveis sem compradores, que em Natal chega a somar duas mil unidades. Diante também dos protestos dos mutuários em todo o Brasil — que poderão ter parecer favorável no Supremo Tribunal Federal, onde suas ações judiciais serão julgadas nos próximos dias — o BNH, que vem se mantendo intransigente, poderá fazer mais concessões para os mutuários adquirirem sua casa.

Apesar dos incorporadores verem o **leasing** como forma de aliviar o valor das prestações dos imóveis e com início agora em agosto, no final das contas todos têm mais críticas do que elogios à atual política de financiamentos do BNH, especialmente quanto ao reajuste de 191,05 por cento nas prestações. Do lado dos mutuários natalenses, os protestos continuam. A Justiça Federal se vê às voltas com montes e montes de papéis das centenas de ações judiciais dos compradores da chamada casa própria. A luta conta agora também com apoio daqueles mais bem situados junto à sociedade, de uma classe média pouco acostumada a protestos sociais, e que não estão se constrangindo nem de verem seus nomes na lista dos inadimplentes.

ESPECULAÇÃO — Do lado dos empresários, algumas críticas tomam a cor de um autêntico discurso político, como por exemplo essa declaração do incorporador Fernando Bezerra, da Ecocil, em entrevista à **RN/ECONÔMICO**: “A indústria da construção civil só se recupera no momento em que se restabelecer a confiança nas diretrizes da política econômica do Governo, o que no momento é totalmente impossível. A expectativa é que, com a eleição do novo Presidente da República, um novo modelo seja implantado, onde sem dúvidas a construção civil será prioridade pelo seu longo alcance social como empregadora de mão-de-obra em larga escala”. Nesse setor, o desemprego vem atingindo a todos, indistintamente do pedreiro ao engenheiro.

Na área das imobiliárias, as críticas também não ficam por menos. Para o corretor José Maria Melo, da Sólida Imobiliária, o sistema de **leasing** “é



Rosário Porpino: fé no sistema

mais um engodo do BNH”. Ele questiona: “Ora, se o BNH não tem dinheiro para repassar para seus agentes financeiros, como-terá para financiar aluguel?” Acrescenta ainda que a sua posição é que a classe, representada pelo CRECI — Conselho Regional de Corretores de Imóveis — deve tomar um posicionamento frente àquela medida, que certamente atingirá uma das principais fontes de renda das imobiliárias: o aluguel de casas, de onde tiram 10 por cento do valor mensal de cada prestação. Isso sem contar a corretagem, que pode ser de até o valor integral de uma mensalidade do aluguel do imóvel, geralmente paga no ato da entrega das chaves. Na venda de imóveis, que não anda boa, se tira cinco por cento do valor da unidade.

Outra consequência, que apenas para o comprador de casa de conjunto será agradável, é aquela que fará **desaparecer** de vez a figura do **especu-**



Pegado: casas da Cointer têm apoio

lador. Se antes a venda de chave de casa de conjunto representava um bom negócio, atualmente os especuladores preferem agir em investimentos mais vantajosos e seguros no mercado financeiro, aplicando em cadernetas de poupança e no **open**. “Hoje tem muita gente passando, até de graça, a chave de sua casa adquirida pelo SFH, em virtude da impossibilidade de pagar as prestações por causa dos aumentos acima do reajuste salarial”.

POUCAS OBRAS, MUITAS CONSTRUTORAS

— Tanto Fernando Bezerra como o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil e diretor da Construtora A. Azevedo, Flávio Azevedo, afirmam que uma das saídas, dentro da atual conjuntura econômica, é se partir para construção de casas para assalariados de baixa renda, dentro do padrão Cohab. Apesar de Flávio Azevedo acrescentar também que “os compradores estão assustados com o reajuste e recusando-se a receber casas financiadas pelo BNH, em razão do aumento estar acima, ou melhor, inadequados à renda desses compradores”. E enquanto não há maiores recursos do BNH para construção das unidades habitacionais, as principais construtoras de Natal estão terminando algumas obras — construção de edifícios — através de financiamento da linha de crédito Recon, cujos recursos são repassados principalmente pelo Bandern. Dessas obras, serão colocados no mercado mais 600 novos apartamentos, já em fase final de conclusão. Entretanto, diz desapontado Flávio, o mutuário do BNH pode até ter dinheiro, ou seja ganhar um salário que dê para comprar seu imóvel, mas não se arrisca. Por isso, diante da anunciada forma de **leasing** imobiliário, Flávio Azevedo em declarações aos jornais da cidade, sugeriu ao BNH que estipule aluguéis compatíveis com as rendas dos mutuários do Nordeste.

Após um ano e meio a passos de tartaruga, quando, segundo Azevedo, “muitas das 26 construtoras de Natal ficaram sem botar um tijolo sobre o outro”, a construção civil começa a dar pequenos sinais de reabilitação. Nesse sentido, a partir deste mês, serão iniciadas as obras de construção de novos conjuntos em Natal, Mossoró, Macau e Pau dos Ferros, totalizando cerca de 3 mil e 500 unidades.

No conjunto, são unidades habita-



Nas construtoras, menos empregados

cionais da Cohab e Incoop, mas a maioria dentro do chamado padrão Cohab. Mesmo aquelas que serão construídas na zona sul de Natal, notadamente no Vale do Pitumbu, nas proximidades da Cidade Satélite e Eduardo Gomes. Ali serão iniciadas as obras de dois conjuntos: dos Bancários e da Cooperativa Habitacional Intersindical do Rio Grande do Norte — Cointer, entidade que congrega 17 sindicatos de trabalhadores do Estado. No primeiro, serão construídas 648 unidades e, no segundo, mais 682, ambos pelo Incoop, sendo que o da Cooperativa Habitacional Intersindical será padrão Cohab e, mais ainda, dentro do Prosindi — Programa Para Construção de Casas Próprias Para Trabalhadores Sindicalizados de Baixa Renda.

O Programa possibilita ao mutuário pagar apenas o preço do terreno e da construção, ficando as obras de infra-estrutura (posto de saúde, delegacias, calçamento, eletrificação e esgotos) por conta do Governo Estadual: Segundo Francisco Canindé Pegado do Nascimento, presidente da Cointer, a iniciativa conta com apoio do Governador José Agripino e a simpatia do ministro do Interior, Mário Andreazza, conquanto essa experiência esteja dando seus primeiros passos agora. A Cointer é a segunda Cooperativa Intersindical do País a conseguir financiamento do BNH para construção desse tipo de conjunto residencial. O prazo para entrega das casas é para março de 1985.

Um outro conjunto, cujas obras foram iniciadas há dois meses, é o Pajuçara, localizado próximo ao conjunto Santarém, na margem esquerda do

Potengi. Com recursos do BNH. Das 26 construtoras operando em Natal, 10 estão trabalhando apenas nesse conjunto, o que dá uma mostra da crise por que vem passando a indústria da construção civil. Antes, há até dois anos atrás, para cada conjunto apenas três construtoras, em média, faziam parte do contrato. Num conjunto de mil casas, por exemplo, cada uma ficava com uma média de 300 casas para construir.

RECUPERAÇÃO DIFÍCIL — A recuperação da construção civil, a curto prazo, é algo que o presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Francisco Silva do Nascimento, vê com muito descrédito: “Nós temos apenas promessas”, comenta ele, “e quem enriqueceu com promessas foi São Severino dos Ramos”. Não acredita simplesmente porque, segundo ele, “falta dinheiro por parte do BNH para incrementar projetos”. Explica que, por exemplo, nas obras do conjunto Pajuçara, iniciadas há 60 dias, já há algumas empresas que estão parando por falta de verbas. Outras estão lentamente impulsionando as obras, inclusive aplicando capital próprio.

Apesar daquelas e algumas outras obras (como por exemplo a recente conclusão do edifício-sede da Telern, na Cidade Alta, construído pela Eco-cil), o desemprego já atinge 50 por cento da mão-de-obra em todo o Estado. São 45 mil trabalhadores da construção civil no Rio Grande do Norte, sendo que 18 mil são associados do Sindicato. “Há muita gente procurando emprego nos canteiros de obras”, disse Francisco Nascimento,

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan “pensou em construir, pensou na Saci”, já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa “na hora de construir, pensam na Saci”. E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

exemplificando que, no ano passado, a Souto Engenharia tinha três mil empregados, e hoje conta com apenas 200. A Enarq, antes com um contingente de dois mil empregados, conta agora com 120.

Entre outras conseqüências, esse índice de desemprego atingiu também em torno de 50 por cento as finanças do Sindicato, o que levou a sua atual diretoria a dispensar dois médicos e três funcionários. Ele espera que as coisas melhorem um pouco com as obras do Governo Estadual, que por sinal também estão escassas. E citou a remodelação do Mercado Público de Ceará-Mirim, com obras a ser financiadas pela Fundação José Augusto e Prefeitura, como uma delas, cobrando as obras do Vale do Açú: "Estamos esperando ainda a irrigação nas terras da Barragem Armando Ribeiro".

Em parte, como decorrência da crise que atinge o setor, alguns incorporadores estão se aproveitando da onda de desemprego e pagando salários bem abaixo do convencionado. A denúncia é do presidente do Sindicato dos Trabalhadores: "Estive nos canteiros de obras e constatei que algumas empresas estão pagando Cr\$ 15 mil a um servente e Cr\$ 20 mil semanais a um profissional, quando deveriam pagar, por semana, Cr\$ 22 mil 674 para serventes e Cr\$ 28 mil 939, para profissionais, de acordo com o salário convencionado. Diante disso, o Sindicato solicitará à DRT uma fiscalização nas obras, com a presença do fiscal do Sindicato".

SAÍDAS PARA A CRISE — Quanto ao novo programa de pagamento da casa própria, o **leasing** imobiliário — tornando, durante cinco anos, a prestação cerca de 30 por cento mais barata do que as atuais prestações, e desobrigando o inquilino do pagamento da poupança para entrar no SFH — também recebeu aplausos da diretora administrativa do Inocoop, Rosário Porpino: "É ideal para todas as épocas". Acrescenta, entretanto, que o Inocoop não tem problemas com comercialização. Mas 300 compradores, disse ela, estavam com dificuldades para receber suas unidades, porque estavam com problema no SPC, insuficiência de renda, desemprego ou dificuldades de integrar a poupança do programa de cooperativas. Entretanto, a Caixa Econômica, que é o principal agente financeiro do Inocoop, dispensou a poupança e "em 22 dias", destaca

Rosário Porpino, "as 300 unidades foram escoadas".

A diretora do Inocoop concorda que houve uma retração na demanda de aquisição de casa própria, pois no normal a média de candidatos inscritos chegava até a 10 mil inscritos. Hoje, esse número baixou para três mil. Entretanto, ela lembra que o Inocoop

está acabando de entregar a segunda e terceira etapas do conjunto Cidade Satélite, totalizando 3 mil e 545 casas. O Inocoop, disse ela, também está concluindo conjuntos de apartamentos «Parque do Serrambi», próximo a Neópolis e «Colina dos Flamboyants», junto à estrada de Ponta Negra. □



SENAC: muita procura

ENSINO COMERCIAL

Uma reação qualificada contra o desemprego

Paralelamente ao recrudescimento da crise econômica sobre a indústria, o comércio e o setor de serviços, que se traduz em mais e mais desemprego, aumenta significativamente a procura pelos numerosos cursos de qualificação e aperfeiçoamento patrocinados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial — SENAC, na angustiada busca de uma colocação no mercado que ponha fim à triste condição de desempregado. Aliás, estar desempregado já é um modo de ser que virou rotina para muitos natalenses. Mas a maioria deles ainda crê na obtenção de um emprego e não se cansa de se especializar tantas vezes seja possível nos cursos gratuitos (excetuada a taxa de inscrição, em torno de Cr\$ 2 mil), que o SENAC renova a cada mês.

As salas de aula, limitadas em 30 assentos, já não comportam a demanda, e muitos candidatos são forçados a preencherem sua ficha de inscrição e voltarem para casa, onde ficarão

aguardando um comunicado de vaga. É que os cursos do SENAC são justamente destinados a preparar pessoas qualificadas para ocuparem vagas existentes no comércio, no setor de serviços ou na indústria. E, excetuado o «pistolão», que via de regra escapa ao alcance da grande maioria dos desempregados, o jeito mesmo é aguardar pela abertura de emprego no mercado. E, enquanto isso não ocorre, cursar por precaução uma das escolas do SENAC.

De acordo com Núbia Maria de Medeiros, coordenadora do Setor de Recrutamento e Divulgação de Cursos do SENAC, o que se registra no momento, em sua área, é uma procura desproporcionada, fato que ela atribui à crise econômica, que gera uma ânsia nas pessoas por novas qualificações, "já que as empresas preferem os funcionários polivalentes". Admite, porém, que a maioria das empresas locais está demitindo muito mais do que admitindo pes-

soas, fenômeno atribuível, conforme observa, à queda do poder de compra da população e que acarreta, em decorrência, uma gradativa contração no mercado de trabalho.

Trata-se, todavia, de uma situação nova, segundo afirma Núbia Maria, e com características contrastantes, pois lembra que até uns poucos anos atrás havia muita demanda pelo mercado por técnicos, o que facilitava em grande monta o trabalho desenvolvido pelo SENAC. Comparando a situação passada com a atual, destaca que agora as coisas mudaram: o mercado só está oferecendo trabalho na área de corretores de vendas, enquanto o SENAC está qualificando em diversos cursos milhares de pessoas por ano, e centenas de pessoas a cada mês. O que é, reconhecidamente, uma situação anormal, tendo em vista que aumenta o número de qualificação técnica dos candidatos ao emprego, enquanto aumenta a retração da oferta no mercado de trabalho. Observa, também, que os cursos oferecidos pelo SENAC obedecem a dois parâmetros: necessidades das empresas e demanda da comunidade. Em vista da recessão, os cursos estão sendo criados, de fato, segundo as



Núbia Maria: só para corretores

necessidades da comunidade que é, em última instância, o verdadeiro beneficiário desses cursos.

INFORMÁTICA — Como saída para o impasse criado pela recessão, o SENAC vem tentando se adaptar à nova realidade da crise, e descobrindo brechas deixadas pela subprodução onde possa colocar parte do seu pessoal qualificado. Uma dessas brechas é o campo da informática, mercado em notável expansão no Brasil e que está demandando conseqüentemente novos técnicos. O campo é pro-

missor e amplo e, para atendê-lo, o SENAC está oferecendo, já este mês, cursos em três modalidades da informática: programador de computador, digitador e controlador de dados. Para habilitar-se a um desses cursos, o candidato só precisa ter o 2.º grau completo e, no caso do curso de digitador, ter também diploma de datilógrafo, diploma este que pode ser obtido no próprio SENAC.

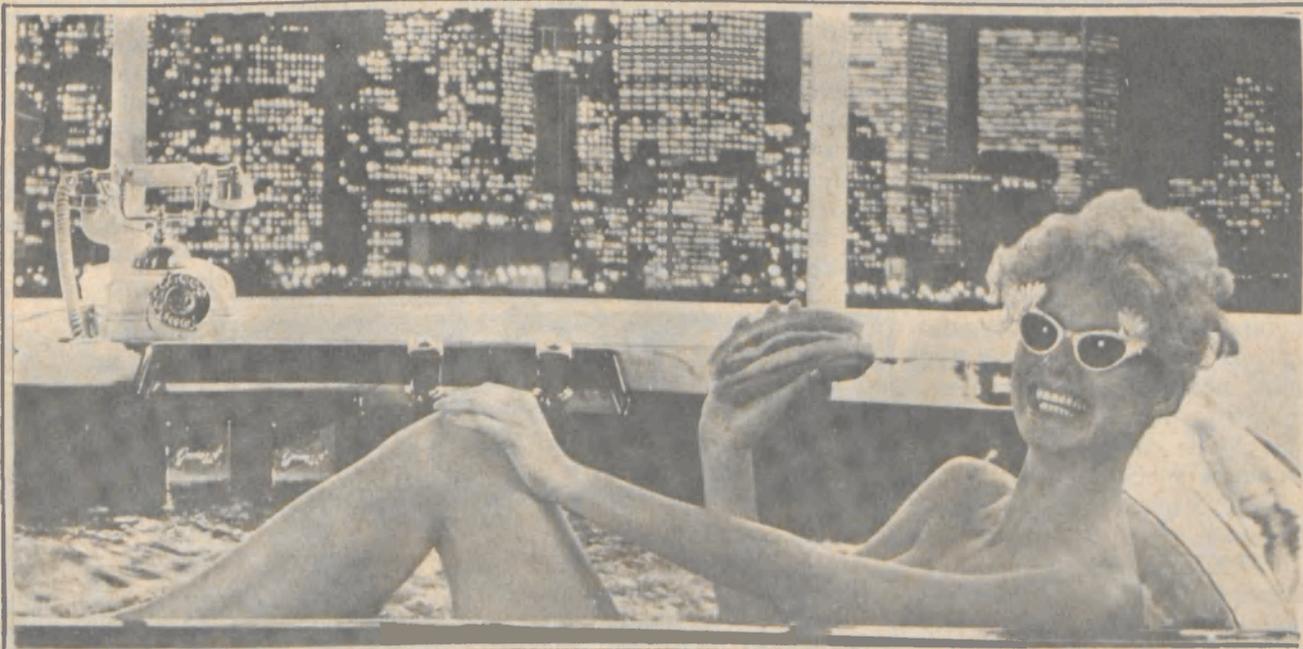
Quanto ao curso de controlador de dados, é curioso destacar que ele foi sugerido pelas próprias empresas que já dispõem de sistemas fechados de computação. Em vista dos problemas detectados na área de fornecimento de dados destinados aos seus computadores, essas firmas fizeram ver ao SENAC a importância do técnico em controle de dados, única forma, segundo eles, de se porem fim em definitivo aos «enganos» no fornecimento de dados, já que o controlador trabalharia dentro da própria firma. E estaria, portanto, apto a localizar os deslizos da programação com tempo suficiente de corrigi-los.

Conforme Núbia Maria, a oferta de cursos na área de computação vai atender também a solicitações da comunidade, haja vista que o número

CODIF TEM

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia
Distribuidora de Ferragens

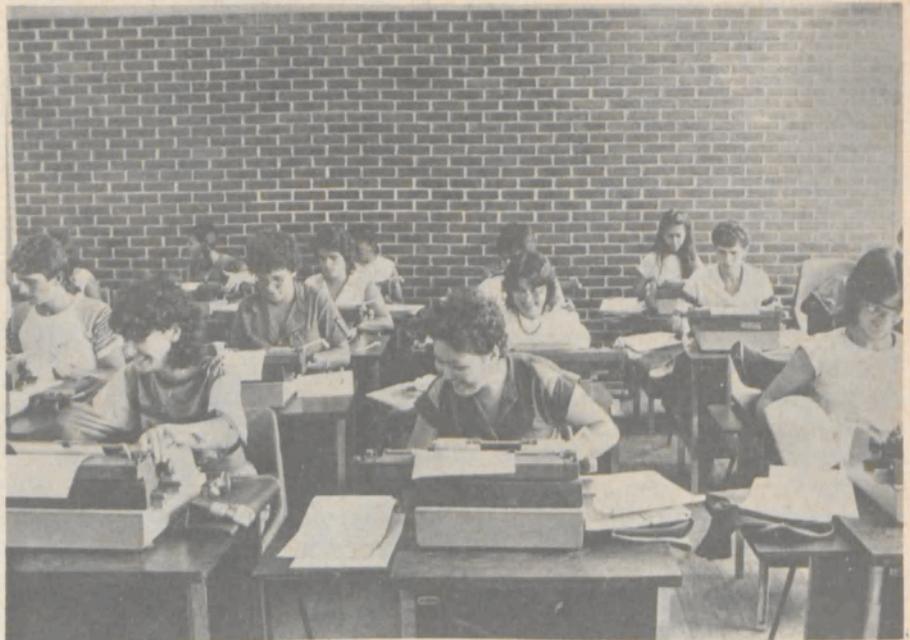
Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira
Fone: 222-3571 — Natal-RN

de interessados por esses modernos cursos vem aumentando de modo extraordinário nesses últimos meses, e não se passa um só dia sem que alguém procure informações sobre tais cursos.

BAIXA RENDA — Mas a abertura de mercado, prometida com o advento da informática, não esgota a adaptação do SENAC aos novos tempos. E a par dos cursos habituais — datilografia, auxiliar de escritório, maquiagem, administração e gerência, turismo, saúde e tantos outros — o SENAC começa a voltar as vistas em direção aos bairros periféricos e aos municípios mais populosos, oferecendo alternativas de melhoria de vida mediante o deslocamento de seu pessoal técnico àqueles lugares. Já não se trata aqui de qualificação técnica. Trata-se agora de auxiliar pequenas comunidades rurais ou urbanas a desenvolverem suas próprias habilidades e garantirem, assim, uma complementação econômica para sua subsistência.

Um programa pioneiro nesse sentido foi o Projeto Pium, executado no município do mesmo nome, que contou com a colaboração do Pronav. O objetivo do projeto foi ajudar os moradores de Pium na produção de licores caseiros feitos de frutas regionais, ajudando também na colocação desses produtos no mercado. O êxito do empreendimento reforçou a necessidade de prosseguimento nessa linha de ação. Agora, o SENAC está executando, em convênio com diversas entidades públicas, projetos em bairros periféricos de Natal, onde seus instrutores ministram cursos especialmente destinados às comunidades de baixa renda, ensinando-as a fazerem vassouras, comidas típicas, manicure, doces e salgados. Numa outra etapa, o próprio SENAC se encarrega da comercialização desses produtos, mediante convênio com armazéns e supermercados.

Núbia Maria confessa que esses cursos foram idealizados a partir da constatação de que a evasão verificada nos cursos oferecidos no edifício-sede do SENAC — localizado na Rua São Tomé, Cidade Alta — vinha aumentando em níveis preocupantes. O motivo não era outro senão o de que muitos alunos não dispunham sequer do dinheiro do ônibus para frequentarem as aulas. A solução foi levar os cursos aos alunos, isto é, às comunidades mais carentes e ensinar-lhes coisas práticas, mas úteis, à sua vida



Sempre muitos alunos

diária. Núbia acentua que esse trabalho se constitui no maior desafio enfrentado até hoje pelo SENAC, mas confia não faltará apoio nem compreensão das empresas privadas e dos órgãos governamentais, mesmo porque se o projeto é ambicioso, não é menos necessário e representa uma saída para muitas pessoas que não dispõem de meios mais qualificados de trabalho.

Paralelamente a essas atividades, o SENAC prossegue com seus cursos regulares, ministrados diariamente no edifício-sede. Esses cursos abrangem uma gama muito diversificada de áreas, que dá uma ampla opção de escolha aos interessados. Na área de escritório, por exemplo, o SENAC está oferecendo cursos de auxiliar de Departamento Comercial, Financeiro ou Administrativo, Lançamentos Contábeis, Secretário Auxiliar, Pro-

gramação Cobol, Análise de Balanço, Atualização em Arquivo, Correção Monetária, Aperfeiçoamento em Datilografia e outros. Na área de comunicação, são oferecidos os seguintes cursos: Relações Públicas, Comunicação Empresarial, Recepcionista de Banco, Operador de Telex, Recepcionista de Turismo, Técnicas de Redação, Correspondente Transacional, etc.

Outras alternativas são oferecidas nas áreas de vendas — vendedor, caixa, balconista de ótica, aperfeiçoamento de vendedor e análise de produto; na área de propaganda — vitrinista; de compras — auxiliar de compras e estoque; de turismo — guia de turismo e folclore do RN; de saúde — auxiliar de creche, aplicador de injeção, babá, primeiros socorros; de armazenagem, embalagem e expedição, e higiene e beleza. □

SERVIÇOS GRÁFICOS DE QUALIDADE

Do lay-out a impressão, **RN/ECONÔMICO** tem a solução. Formulários, notas fiscais, cartazes, material de expediente, tipográfico ou off-set, procure **RN/ECONÔMICO**. Faça do seu material sua apresentação.



RN/ECONÔMICO AS SUAS ORDENS

RN/ECONÔMICO

Rua São Tomé, 421 Tel. 222-4722 Centro

faça como mais de 200 empresas procuram RN/ECONÔMICO

ANTES DE COMEÇAREM, OS JOGOS OLÍMPICOS DE LOS ANGELES JÁ TEM UM VENCEDOR: A LIVRE INICIATIVA.

Os Jogos Olímpicos da era moderna foram considerados sempre um empreendimento tão gigantesco que só o Estado teria condições para arcar com sua organização. E o resultado tem sido sempre o mesmo: custos fabulosos, com inevitáveis prejuízos pagos pelos cofres públicos, ou seja, pelos contribuintes.

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles fugiram a esta regra. O Governo americano, o povo e as autoridades de Los Angeles decidiram não investir um único dólar e o Comitê Olímpico Internacional aceitou deixar de lado a regra que requer que a cidade anfitriã assumia as despesas financeiras dos jogos.

Desta maneira, a organização dos jogos de Los Angeles foi entregue à livre iniciativa.

Ao assumir suas funções, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos - formado por homens da empresa privada - sabia que o desafio seria extremamente árduo. Além de não contar com o apoio oficial, não poderia dispor de outras fontes de receita tradicionais nos jogos: doações dedutíveis, uma vez

que o empreendimento é privado, e loterias, por serem ilegais na Califórnia.

Como primeiras medidas, típicas da empresa privada, o Comitê Olímpico decidiu reduzir as despesas ao mínimo possível, aproveitando todas as instalações esportivas existentes na região e reformando ou construindo novas instalações necessárias sob regime de patrocínio, e formulou com quatro anos de antecedência um exemplar planejamento técnico, financeiro e mercadológico.

Com isso foi possível fazer uma previsão de despesas da ordem de 500 milhões de dólares, muito pouco diante dos estimados 9 bilhões de dólares gastos nas Olimpíadas de Moscou e do 1,2 bilhão de dólares gastos nas Olimpíadas de Montreal, oito anos atrás.

Para gerar esses recursos, partiu-se para a execução de um completo plano de comercialização.

Os direitos de transmissão de rádio e televisão montam cerca de 285 milhões de dólares.

Trinta corporações contribuíram com 125 milhões de dólares, adquirindo o direito de aproveitar em suas atividades de marketing seu caráter de patrocinadoras

dos jogos e utilizar o símbolo oficial e a águia mascote. Outra importante fonte de recursos foram as licenças para uso dos símbolos dos jogos em produtos diversos. Trinta e seis empresas pagarão 10% da renda bruta de suas vendas, tendo já antecipado 20 milhões de dólares. A venda de ingressos a todos os eventos esportivos tem uma receita prevista em 90 milhões de dólares.

Com todas essas medidas, o Comitê Olímpico conseguiu, já no começo deste ano, garantir a recuperação antecipada de todas as despesas dos jogos.

E mais: um inédito lucro superior a 10 milhões de dólares, a serem distribuídos entre entidades esportivas amadoras dos Estados Unidos.

Por outro lado, de acordo com estudo feito pela Economic Research Associates, a realização dos jogos produzirá outros benefícios, entre os quais podem ser citados: 3,3 bilhões de dólares em benefícios econômicos para o sul da Califórnia; 231 milhões em impostos federais e

179 milhões em tributos estaduais e municipais.

Os primeiros Jogos Olímpicos totalmente organizados e financiados pela empresa privada representam uma grande vitória da livre iniciativa.

Ela transformou um evento historicamente deficitário, que sempre sangrou as finanças públicas, num empreendimento lucrativo, deixando ainda grandes benefícios para a comunidade.

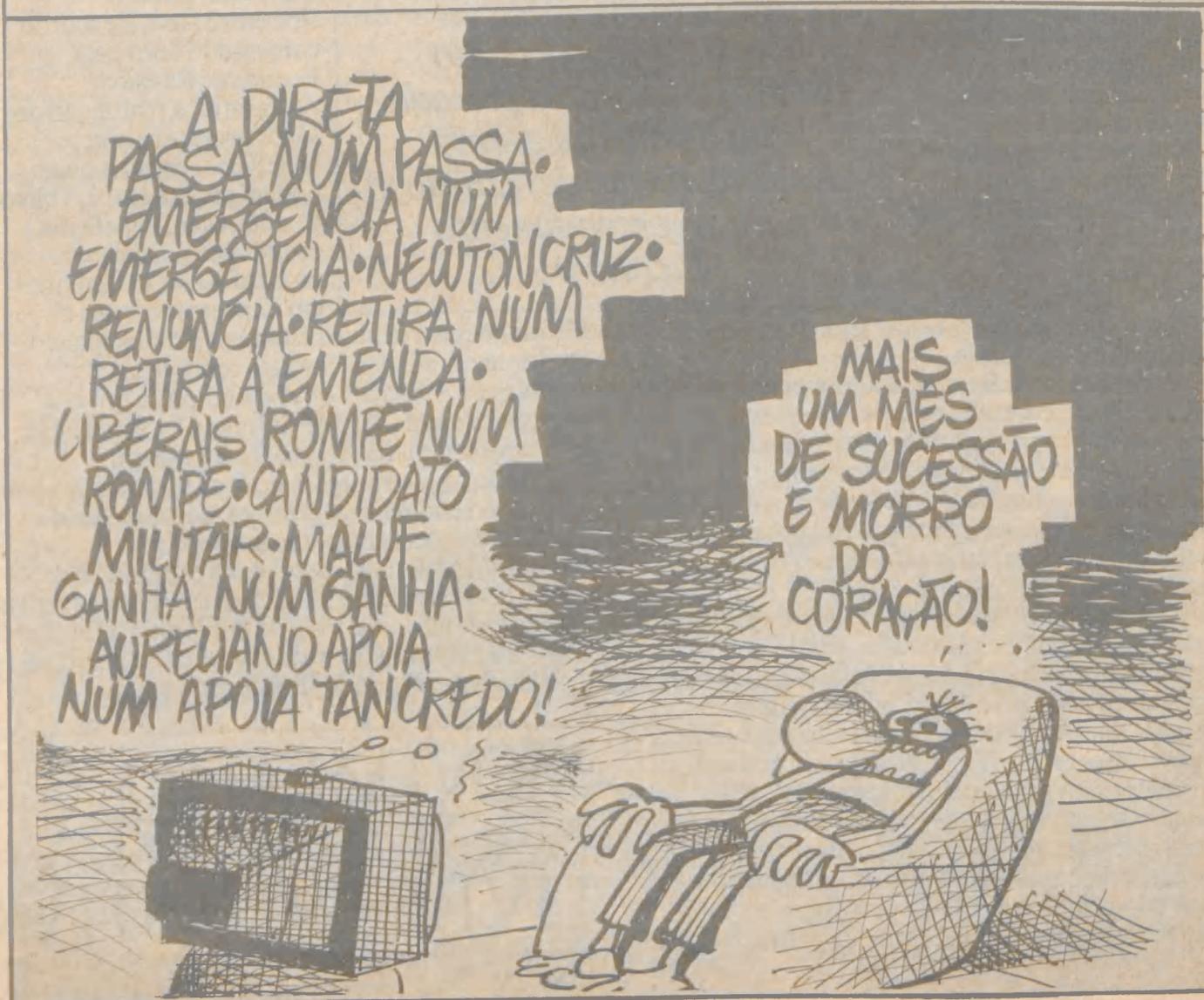
Provando, mais uma vez, que, na exploração das atividades econômicas, a iniciativa privada supera o Estado em eficiência. Pois ela conta com a força mais criativa e dinâmica que existe: a força da liberdade e da iniciativa e responsabilidade individuais.

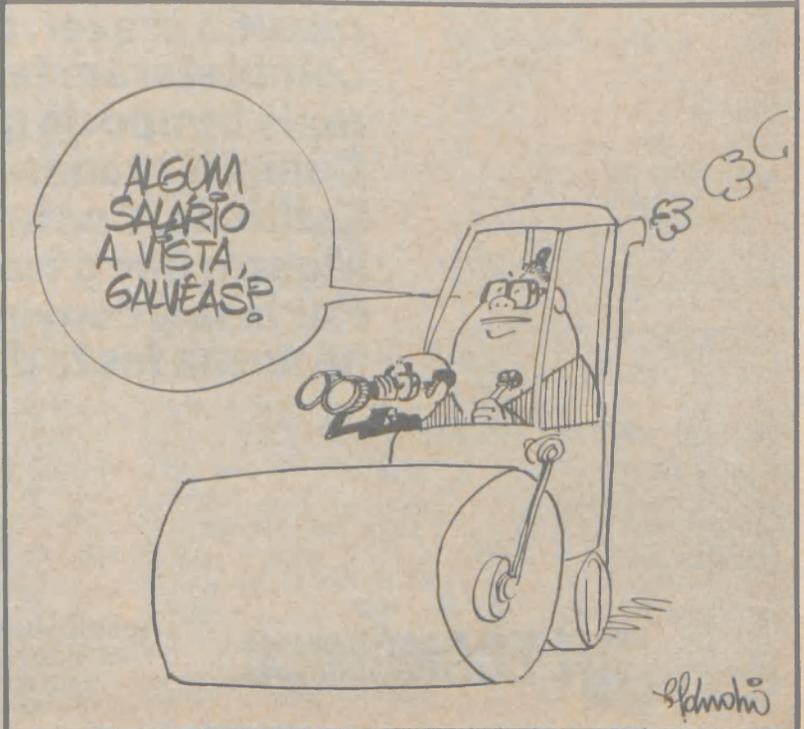
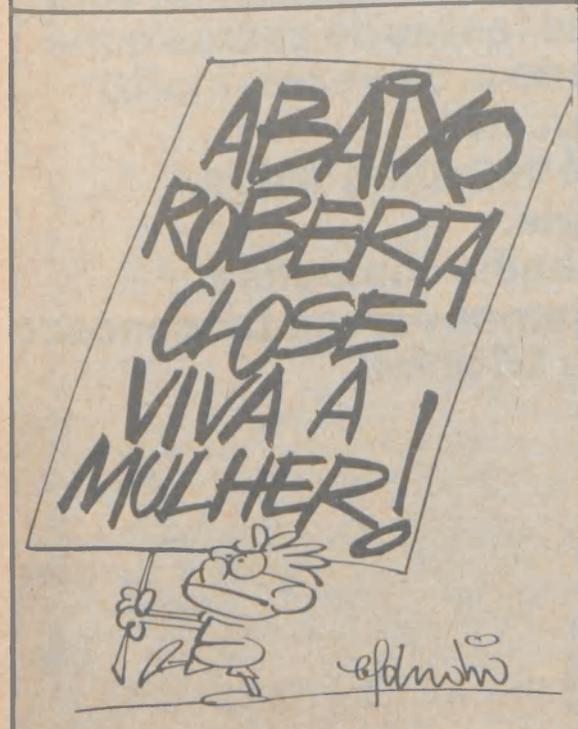
Sem a participação do Estado, a iniciativa privada transforma um evento historicamente deficitário num empreendimento lucrativo.

MOVIMENTO NACIONAL PELA LIVRE INICIATIVA.



O QUE MALUF NÃO FIZER, NINGUÉM MAIS FAZ
JUNTAR DESDE SARNEY A MIGUEL ARRAES





VENHA PARA NOSSOS 15 ANOS.

**Este é o ano 15 de RN-ECONÔMICO.
Um bom ano para você participar
mais ainda de nossos empreendimentos
jornalísticos. Como bem sabe, quem
chega a essa idade tem sempre os olhos
de todos voltados para si.**

**Logo, se você também está presente ao
centro desse evento, terá o mesmo
destaque.**

**Da nossa parte, durante nossos cinco mil
e tantos dias de vida, sempre tivemos
satisfação em estar com você e todos os
que se empenham no trabalho de fazer
este Estado crescer. Participamos, com o
mesmo prazer, de festas de outros que
completaram tanto e, às vezes, muito
mais tempo do que nós.**

**Cumprir etapas é bom para todos.
Estimula. Contagia.**

**Mostra que o trabalho compensa.
Por isso o convidamos para estar conosco
na nossa festa de 15 anos.**

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL
IMPRESSOS EM
OFF-SET E
TIPOGRAFIA

AGENDA DO EMPRESÁRIO

RN/ECONÔMICO mantém atualizados os índices, taxas e percentuais que permitem o acompanhamento dos principais indicadores e as variações da economia no País, que são úteis não somente para o empresário, mas para todas as pessoas que precisam dessas informações.



ORTN		Varição anual
Maio	Cr\$ 11.145,99	184,95%
Junho	Cr\$ 12.137,98	184,30%
Julho	Cr\$ 13.254,67	197,01%

UPC	
UPC (julho-setembro)	Cr\$ 13.254,67
No trimestre	29,502%
No ano	89,002%
12 meses	191,052%

ALUGUEIS	
Semestral	
Junho	52,96%
Julho	54,72%
Agosto	56,08%
Anual	
Junho	149,06%
Julho	155,52%
Agosto	159,82%

REAJUSTE SALARIAL	
Faixa salarial	Reajuste
De 97.176 a 291.528	1,6840
De 291.529 a 680.232	1,5470 + 39,881,03
De 680.233 a 1.457,640	1,4104 + 132,936,76
Acima de 1.457,640	1,3420 + 232,639,34

INPC	
Maio	8,61%
6 meses	68,4%
(Reajusta os salários de julho)	
12 meses	194,41%
Junho	8,79%
6 meses	71,0%
(Reajusta os salários de agosto)	
12 meses	199,78%

INFLAÇÃO		
	Maio	Junho
	8,9% (11.594,7)	9,2% (12.667,2)
No ano	60,7%	75,6%
12 meses	235,5%	226,5%

IPC (Índice de Preços ao Consumidor)		
	Maio	Junho
	9,2% (9.236,0)	9,8% (10.145,2)
No ano	57,9%	73,4%
12 meses	198,6%	195,2%

IPC (Natal)

Varição mensal	6,45%
6 meses	81,0%
12 meses	221,03%

ICC (Índice do Custo de Construção)

	Maio	Junho
	8,0% (8.356,0)	8,9% (9.102,3)
No ano	58,9%	73,1%
12 meses	179,9%	190,2%

MVR (Maior Valor de Referência) ... Cr\$ 48.751,90

Correção cambial

	Maio	Junho	Julho
No mês	8,878%	9,229%	6,632%
No ano	60,772%	75,61%	87,232%
12 meses	220,496%	225,491%	223,874%

SAFRAS — Preços mínimos — 1983/84 (Norte/Nordeste)

Sorgo	Cr\$ 87,50
Milho	Cr\$ 103,00
Feijão	Cr\$ 354,87
Sisal (bruto)	Cr\$ 227,00
Sisal (beneficiado)	Cr\$ 291,37
Algodão (caroço)	Cr\$ 445,20
Algodão (pluma)	Cr\$ 1.314,20

Salário mínimo Cr\$ 97.176,00

Caderneta de Poupança — Rendimento

Mensal	
Maio	9,444%
Junho	9,444%
Julho	9,746%

Overnight (Rendimento acumulado no mês) 7,8575%

O futebol feminino

ROSEMILTON SILVA

Anatólio, um velho amigo meu, outro dia ao sairmos do estádio me dizia que a presença da mulher no futebol «agora é dúvida». Assustei-me com o termo como o leitor deve estar rindo. E, imediatamente, pedi explicações para a frase: “É que agora ela tanto está nas arquibancadas como no campo”. Aí, veio o alívio total. Entendi, Anatólio. E passei a refletir melhor sobre o futebol feminino. Não sou nenhum machista, e reconheço que é um espaço conquistado pela mulher brasileira, mas não concordo com a idéia de ver as meninas tendo de proteger as lindas mamas para não receber uma bolada nas ditas cujas. É uma questão até de saúde. No entanto, isso não é o mais importante. Os erros cometidos e os vícios do futebol profissional estão também, aos poucos, assumindo a mesma posição e a mesma proporção dentro do futebol feminino.

Ora, a questão brasileira ou a questão do futebol brasileiro está, hoje, ligada diretamente ao fator financeiro e a falta de grandes líderes — o penúltimo deles acaba de deixar o País, e agora só resta o «último dos moicanos»: Roberto. O Sócrates já deu adeus e foi conquistar os palcos da Itália, ao lado de meia Seleção Brasileira. E olha que os italianos ganharam a última Copa do Mundo em cima de nós.

Mas eu dizia que a questão é financeira. Pois bem, as meninas estão querendo ser profissionalizadas. E quem sou eu para estar contra? Só que tem um detalhe muito importante: a profissionalização gerou um caos. O jogador profissional, e até mesmo aqueles que serviram à Seleção Brasileira, só entra em campo com o dinheiro na frente. Nada contra, porque também só trabalho quando sou pago. Porém, o problema não é de salário, e sim de salários altíssimos. É diferente. Bem diferente. E, a partir daí, se perdeu o amor à camisa e até mesmo à dignidade profissional que todos nós devemos ter. Ser profissionalizado é bem diferente de ser um verdadeiro profissional.

As meninas querem ganhar seu dinheirinho. Estão certas, afinal todo mundo precisa desse falido cruzeiro. Mas tenho medo que se cometam os mesmos erros que vêm sendo cometidos pelo futebol profissional. O inflacionamento e o deixar de ser profissional. O futebol ainda está embrionário e já ameaça incorrer em erros gravíssimos.

No entanto, o respaldo de algumas empresas que estão financiando as nossas jogadoras pode dar certo, desde que não se tragam os vícios e as mazelas do futebol brasileiro. Tenho defendido e advogado até que carecemos da presença de empresas fortes para dar uma melhor performance ao nosso esporte mais popular. E isso vem sendo o maior suporte do futebol femi-

nino. Para as empresas, existem outros empreendimentos que dariam maior retorno. No entanto, o futebol tem duas vantagens: abate no Imposto de Renda e ainda propicia publicidade gratuita e, por essa razão, as meninas já começam a se impacientar na busca de um salário.

O primeiro passo foi a conquista dos campos. Espaço ganho, partem para uma nova conquista. Eu acredito mesmo que ainda não é a hora, porque profissionalização incorre numa série de outros problemas que necessitam ser, antes de tudo, analisados e muito bem pensados. O problema não é só a conquista do espaço mas, e sobretudo, a questão da sobrevivência de algumas das jogadoras. Elas estão reclamando que dedicam muito tempo aos treinamentos e que estão deixando de ir aos seus empregos para poderem participar das partidas.

Na medida em que o futebol está sujeito a críticas que, na maioria dos casos, são preconceituosas ou, pelo menos, mal informadas, as meninas necessitam de um pouco mais de tempo para que a idéia amadureça. Porque se vê que a situação do futebol feminino, apesar de ainda ter defeitos enormes e que carecem de um melhor reparo, já está ficando estável, seguro e cheio de possibilidades de futuro desenvolvimento. Creio que, se pretendermos considerar o futuro brasileiro num todo — feminino e masculino ou, quem sabe, os dois juntos — havemos de ter em mente as suas possibilidades econômicas. Sob este aspecto, o futebol brasileiro oferece, no momento, possibilidades limitadas e ilimitadas, dependendo do ângulo em que a questão seja estudada. Nosso futebol foi sem comparação em qualquer outra zona dos continentes mundiais. Eu disse: F—O—I. Por essa razão, faço previsões um final muito feliz para as dificuldades atuais, e aí se incluem as razões de caráter diversos.

Em qualquer debate sobre este assunto, é importantíssimo fazer a distinção entre a idéia da profissionalização ou amadorismo. Por um lado, a questão profissional tentando um salvamento a todo custo; por outro, os amadorismos não enxergando o sufoco e a miséria porque passam os profissionais.

Não se podem ainda prever os resultados práticos das iniciativas femininas na questão profissionalização. Mas as «boas vontades», geralmente, não funcionam em futebol, onde, muitas vezes, conta mais o interesse econômico. Essa preocupação foi veladamente expressa pelas jogadoras, e não podemos, desde já, afirmar que essa questão atinja seus objetivos. É preciso se aguardar, no entanto, o desenrolar do que será feito. Certamente serão as realidades do já existente e aí é preciso que se diga: vai ser também um caos.

NA DISVESE O CHEVROLET DOS SEUS SONHOS

Opala, Monza, Comodoro, C-10 ou outro qualquer modelo do maior fabricante de carros do mundo, à sua espera nos Concessionários Chevrolet de Currais Novos.

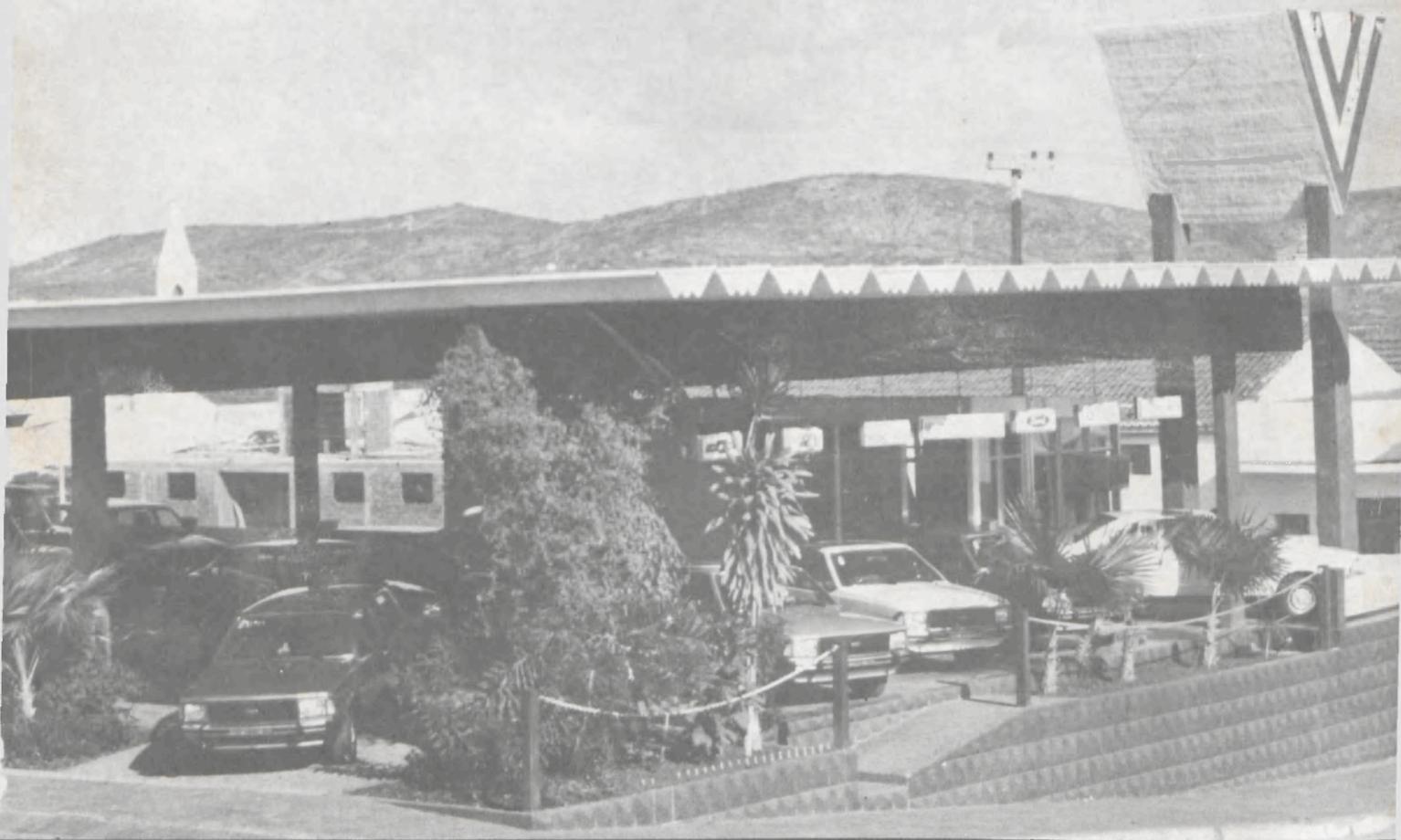


O Grupo Venâncio trabalha pensando no desenvolvimento do Seridó através das seguintes empresas:

- Disvese — Concessionários da Chevrolet em Currais Novos e Caicó
- Pneus Car — Comércio de Pneus e Câmaras de Ar
- Fábrica de Sabão Seridó — Sabão Popular de Qualidade
- Armazém Venâncio — Cereais e Produtos de Mercado para Grossistas e Atacadistas.



MODERNO SALÃO DE EXPOSIÇÕES DE CARROS NOVOS E USADOS DE TODAS AS MARCAS



A loja de Vilaní, em Currais Novos, tem o carro que você procura seja qual for a marca O K ou usado, pelo plano que você fizer. Vilaní sabe o que faz e é por isso quem mais vende na região. Na hora de comprar ou de trocar o seu carro seja qual for a marca, procure quem tem tradição no ramo. Procure Vilaní Veículos.



J. VILANÍ & CIA.

Vilaní Veículos

Rua Teotônio Freire, 44 Currais Novos - tel. 431-2062